

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE LINGUAGENS**

WILLIAN RODRIGUES DE OLIVEIRA

PLANEJAMENTO DE ESCRITA EM MEIO DIGITAL E ANALÓGICO

DISSERTAÇÃO

CURITIBA

2018

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE LINGUAGENS**

WILLIAN RODRIGUES DE OLIVEIRA

PLANEJAMENTO DE ESCRITA EM MEIO DIGITAL E ANALÓGICO

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Estudos de Linguagens, do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, PPGEL, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Área de concentração: Linguagem e Tecnologia. Linha de pesquisa: Multiletramentos, discurso e processos de produção de sentido.

Orientadora: Prof. Dr^a Rossana Aparecida Finau

CURITIBA

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

O48p Oliveira, Willian Rodrigues de
2018 Planejamento de escrita em meio digital e analógico /
Willian Rodrigues de Oliveira.-- 2018.
175 f.: il.; 30 cm.

Disponível também via World Wide Web.

Texto em português com resumo em inglês.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Tecnológica
Federal do Paraná. Programa de Pós-graduação em Estudos
de Linguagens. Área de Concentração: Linguagem e
Tecnologia, Curitiba, 2018.

Bibliografia: f. 137-142.

1. Escrita - Planejamento. 2. Escrita - Efeito das
inovações tecnológicas. 3. Processamento de palavras
- Aspectos sociais. 4. Análise do discurso. 5. Retórica.
6. Letramento digital. 7. Comunicação escrita - Inovações
tecnológicas. 8. Pesquisa social. 9. Linguagem e línguas
- Dissertações. I. Finau, Rossana Aparecida, orient. II.
Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Programa de
Pós-graduação em Estudos de Linguagens. III. Título.

CDD: Ed. 23 - 400

Biblioteca Central do Câmpus Curitiba - UTFPR
Bibliotecária: Luiza Aquemi Matsumoto CRB-9/794

TERMO DE APROVAÇÃO DE DISSERTAÇÃO Nº 19

A Dissertação de Mestrado intitulada *Planejamento de escrita em meio digital e analógico*, defendida em sessão pública pelo candidato **Willian Rodrigues de Oliveira**, no dia 07 de março de 2018, foi julgada para a obtenção do título de Mestre em Estudos de Linguagens, área de concentração Linguagem e Tecnologia, e aprovada, em sua forma final, pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens.

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a Dr.^a Rossana Aparecida Finau – presidente – PPGEL/UTFPR

Prof.^a Dr.^a Angela Mari Gusso – membro avaliador – PUCPR

Prof.^a Dr.^a Maria de Lourdes Rossi Remenche – membro avaliador – PPGEL/UTFPR

A via original deste documento encontra-se arquivada na Secretaria do Programa, contendo a assinatura da Coordenação após a entrega da versão corrigida do trabalho.

Curitiba, 19 de março de 2018.

Carimbo e Assinatura do(a) Coordenador(a) do Programa

AGRADECIMENTOS

Certamente estes parágrafos não irão se referir a todos os parentes, amigos, professores e influenciadores que fizeram parte dessa importante fase de minha vida. Portanto, desde já peço desculpas àqueles que não estão presentes entre essas palavras, mas eles podem estar certos que de alguma maneira contribuíram para esta etapa de minha vida e têm a minha gratidão.

No entanto, em primeiro lugar agradeço a Deus por sua bondade e por me permitir ir além do que eu imaginava ser capaz em minha formação.

Também sou grato a professora Dr.^a Rossana Aparecida Finau pela dedicação, paciência e aprendizado proporcionado ao orientar-me neste trabalho e, por meio dele, eu me reporto a toda a comunidade da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) pelo apoio incondicional.

Agradeço também ao professor Dr. Roberlei Alves Bertucci, o qual me incentivou a participar de uma disciplina como aluno externo, mesmo quando o projeto não estava consistente para ser aprovado no processo seletivo do programa.

Agradeço as pesquisadoras e professoras Dr.^a Maria de Lourdes Rossi Remenche e Dr.^a Angela Mari Gusso, membros da banca examinadora, pela atenção, compreensão e contribuição dedicadas a este estudo.

Por fim, não poderia deixar de registrar o meu reconhecimento à minha família, pois estou convicto que sem o apoio dela, especialmente de minha preciosa mãe, Noemi Rodrigues de Oliveira, e minha amada esposa, Aline Martini Waltrick de Oliveira, seria muito difícil vencer esse desafio.

RESUMO

OLIVEIRA, Willian Rodrigues de. Planejamento de escrita em meio digital e analógico. 2018. 175 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) – Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2018.

O presente estudo analisou, a partir da abordagem sociorretórica para estudos sobre gêneros textuais, o processo de produção de planejamento do gênero de base argumentativa (artigo de opinião) em dois suportes distintos: digital, processador de texto “Word 2010”, com uso de teclado, mouse e monitor e; no suporte tradicional, papel com caneta esferográfica. Comparou-se, em destaque, o processo de planejamento da escrita e sua relação com a versão final dos textos, porém também foram avaliadas algumas implicações entre se produzir em cada um dos suportes, quando oportuno. Para tanto, a metodologia científica, de caráter interpretativista, que norteou este trabalho, foi elaborada com base nos pressupostos de Deslandes (1992), Chizzotti (2006) e Minayo (1992). Para participar da pesquisa e escrever nos dois suportes, foram selecionados 10 alunos de Letras Portugêses, por serem produtores de textos que já estão no Ensino Superior e terem contato com as duas vertentes tecnológicas aqui analisadas: analógica e digital. No que diz respeito ao encaminhamento para a escolha do gênero que foi produzido e sua caracterização, o trabalho se valeu da proposta sociorretórica de caráter etnográfico: Swales (1990) e Bhatia (1993); sociorretórica sócio-histórica cultural: Miller (1992), Freedman (1994), Swales (1996) Bazerman (2006) e Devitt (2009); e comunicativa: Gülich (1970), Steger (1982), Bergmann (1995) e Berkenkotter (1995). No que se refere aos estudos sobre escrita e leitura nos suportes aqui investigados, o trabalho de base considerado vem dos estudos de Haas (1995), sobre o uso da tecnologia para a promoção da escrita e dos conceitos sobre letramento/ multiletramentos, sustentados por autores como: Rojo (2013), Street (2012) e Kleiman (2014). O principal resultado obtido com esta pesquisa aponta que, cada um dos suportes investigados, o digital e o analógico, demanda um tipo de estratégia específica para planejar e produzir com qualidade o gênero discursivo, artigo de opinião.

Palavras-chave:

Planejamento. Tecnologia. Estratégia.

ABSTRACT

OLIVEIRA, Willian Rodrigues de. Writing planning in digital and analog support. 2018. 175 f. Dissertation (Master in Language Studies) - Post-Graduate Program in Language Studies, Federal Technological University of Paraná. Curitiba, 2018.

The present study analyzed, from the socio-theoretical approach for studies on textual genres, the process of producing gender-based argumentative planning (opinion article) in two distinct supports: digital, word processor "Word 2010", using keyboard, mouse and monitor e; in traditional holder, paper with ballpoint pen. The writing planning process and its relation with the final version of the texts were highlighted, but some implications were also evaluated between producing in each of the supports, when appropriate. In order to do so, the scientific methodology, of an interpretative nature that guided this work, was elaborated based on the assumptions of Deslandes (1992), Chizzotti (2006) and Minayo (1992). In order to participate in the research and to write in the two supports, 10 students of Portuguese Literature were selected because they are producers of texts that are already in Higher Education and have contact with the two technological strands analyzed here: analog and digital. With regard to the choice of the genre that was produced and its characterization, the work was based on the ethnographic sociorre-theoretical proposal: Swales (1990) and Bhatia (1993); socio-historical cultural sociorecretor: Miller (1992), Freedman (1994), Swales (1996) Bazerman (2006) and Devitt (2009); and communicative: Gülich (1970), Steger (1982), Bergmann (1995) and Berkenkotter (1995). As regards the studies on writing and reading in the supports investigated here, the basic work considered comes from the studies of Haas (1995), on the use of technology for the promotion of writing and the concepts on literacy / multiletramentos, supported by authors such as: Rojo (2013), Street (2012) and Kleiman (2014). The main result obtained with this research indicates that each of the supports investigated, the digital and the analogue, demands a specific strategy to plan and produce with quality the discursive genre, opinion article.

Keywords:

Planning. Technology. Strategy.

SUMÁRIO

1	Introdução.....	8
2	As tecnologias de escrita e da metalinguagem.....	11
2.1	Objetivos da pesquisa e sua relação com a tecnologia.....	11
2.2	Multiletramentos e a questão das tecnologias de escrita.....	12
2.3	Pontos sobre tecnologia.....	15
2.3.1	Tecnologia da e para a escrita.....	17
3	Do conceito de gênero ao planejamento de artigo de opinião.....	22
3.1	Concepções de gênero textual para a Sociorretórica e a metodologia CARS.....	22
3.1.1	A modelização do artigo de opinião com a ferramenta CARS.....	25
3.1.1.1	CARS: movimento 1 para artigo de opinião.....	26
3.1.1.2	CARS: movimento 2 para artigo de opinião.....	29
3.1.1.3	CARS: Movimento 3 para artigo de opinião.....	34
3.2	O planejamento de artigo de opinião para processo de ensino-aprendizagem.....	39
4	Metodologia de pesquisa adotada.....	47
4.1	O objetivo geral e os específicos, a hipótese e a justificativa.....	47
4.2	Os participantes e o contexto de geração dos dados.....	49
4.2.1	A coleta de dados.....	50
4.2.2	As categorias de análise.....	59
5	Da análise dos dados coletados.....	65
5.1	A análise dos dados e sua relação com os capítulos 1 e 2 da pesquisa.....	65
5.2	Análise dos dados gerados pelos cinco primeiros participantes, tanto na ferramenta analógica quanto na digital.....	70
5.2.1	Participante Ana: Planejamento analógico em relação ao texto versão final analógica em contraste com essas mesmas produções de Janaina.....	70
5.2.1.1	Da macroestrutura: movimento 2 – Participante Ana.....	76
5.2.1.2	Planejamento em relação ao texto definitivo digital de Ana e comparação com o que foi analisado na produção de Janaina.....	79
5.2.2	Participante Beatriz: Planejamento analógico em relação ao texto versão final analógica.....	84
5.2.2.1	Participante Beatriz: Planejamento digital em relação ao texto versão final em suporte digital.....	88
5.2.3	Participante Carlos: Planejamento analógico em relação ao texto versão final em suporte analógico.....	90

5.2.3.1	Participante Carlos: Planejamento digital em relação ao texto versão final em suporte digital.....	94
5.2.4	Participante Daniel: Planejamento analógico em relação ao texto versão final em suporte analógico.....	98
5.2.4.1	Participante Daniel: Planejamento digital em relação ao texto versão final em suporte digital.....	102
5.2.5	Participante Ester: Planejamento analógico em relação ao texto versão final em suporte analógico.....	105
5.2.5.1	Participante Ester: Planejamento digital em relação ao texto versão final em suporte digital.....	109
5.3	Análise dos planejamentos em relação aos textos definitivos produzidos analogicamente, participantes Flávia, Gabi, Hélio, Camila e Janaina.....	113
5.3.1	Análise dos planejamentos em relação aos textos definitivos produzidos na ferramenta digital, participantes Flávia, Gabi, Hélio, Camila e Janaina.....	115
5.4	Análise contextual e das impressões da comunidade discursiva.....	124
6.	Conclusão e considerações finais	129
	Referências	137
	Apêndice - A.....	143

1 Introdução

Com o surgimento de tecnologias digitais pensadas para a leitura e para o processamento de texto, e diante da crescente adesão irrefletida de algumas dessas ferramentas como suportes de produção escrita para o ensino-aprendizagem, concebeu-se a presente pesquisa, a qual investiga, à luz dos estudos linguísticos e tecnológicos, se a escrita em um desses suportes digitais, em comparação com a prática analógica de escrever – usando papel com caneta, auxilia, dificulta ou demanda uma nova estratégia para produzir o gênero discursivo artigo de opinião.

O problema investigado neste estudo consiste na verificação da seguinte hipótese: o uso de recurso tecnológico digital ou analógico interfere na qualidade da produção de planejamento de escrita. Com a hipótese estabelecida delimitou-se o objetivo geral do estudo, quer dizer, a necessidade de averiguar se o uso de artefato digital ou analógico para a escrita revela diferenças nas estratégias e processos de planejamento para produção do artigo de opinião por este ser um gênero muito comum de escrita, ou seja, uma prática típica da comunidade discursiva escolhida: acadêmicos do primeiro ano de Letras - a razão da escolha dessa comunidade está explicitada no capítulo 4 da presente dissertação, sobre os informantes.

Para desenvolver tal objetivo, neste primeiro capítulo, também denominado de introdução, a pesquisa apresenta um panorama de como o texto integral está organizado a fim de auxiliar o leitor na localização e função de cada capítulo, item/subitem e a relação destes com o apêndice. Já no capítulo 2, discutem-se pesquisas sobre a relação entre as tecnologias e os processos de escrita, a partir das noções de autores como Pinto (2005), Cupani (2004), Vargas (1994), Grinspun (2001), Rüdiger (2013) e Haas (1996), e, ainda, resenhas sobre letramentos digitais, com base nos conceitos de pesquisadores como Kleiman (2014), Rojo (2013) e Street (2012).

No capítulo 3, por sua vez, são descritos conceitos de planificação textual, fundamentando-se em autores como Antunes (2010), Adam (2008), Leny (2005), Storrer (2009), Cabral (2013) e David e Plane (1996), sendo esses conceitos a realização do primeiro objetivo específico deste estudo. Do mesmo modo, serão explicadas, também no capítulo 3, com base na perspectiva sociorretórica de estudos dos gêneros discursivos, conforme Swales (1990), a metodologia CARS e, ainda, de modo conciso, apenas para encaminhamento didático da pesquisa, a associação dessa metodologia com as noções de superestrutura, macroestrutura e microestrutura de textos, de acordo com Bronckart (2003). Essas ações, oportunamente, concretizam

o segundo objetivo específico da pesquisa e definem a base para a coleta de dados, já realizada junto aos informantes, sendo o decorrer da referida coleta descrito no capítulo 4 deste trabalho.

Os procedimentos metodológicos adotados para realizar a presente pesquisa, a qual possui caráter interpretativista/ qualiquantitativa, são baseados, sobretudo, nas propostas de Deslandes (1992), Chizzotti (2006), Minayo (1992), Strauss e Corbin (1990), Lowenberg (1993) e Denzin e Lincoln (2006), pesquisadores que descrevem desde o adequado percurso científico de coleta, a descrição, a análise e a perspectiva interpretativista/ qualiquantitativa dos dados, até a necessidade de se considerar a relação de interdependência entre os sujeitos e os objetos pesquisados. Isso é realizado neste trabalho, pois procuram-se considerar elementos fundamentais tanto para a coleta quanto para analisar os dados. Ainda, em relação a esses procedimentos com os dados, no capítulo 4, discutem-se os pressupostos de Strauss e Corbin (1990) em relação aos de Lowenberg (1993), os quais propõem que todos os procedimentos da teoria fundamentada nos dados precisam identificar, desenvolver e relacionar conceitos.

Nesta pesquisa, por exemplo, leva-se em conta idade, formação e interesses dos informantes/ comunidade discursiva envolvida na pesquisa, o(s) propósito(s) ao utilizarem o gênero, as ações, gravadas, dos membros dessa comunidade durante a coleta e suas impressões pós participação na pesquisa e relacionam-se esses elementos com os resultados obtidos na investigação sociorretórica dos artigos de opinião produzidos.

No capítulo 5, por sua vez, encontra-se a análise efetiva dos dados coletados. Vale destacar que a primeira parte dessa análise, subitens 5.2 até 5.2.5.1, se concentra nos textos dos cinco primeiros participantes, Ana, Beatriz, Carlos, Daniel e Ester, e verifica de que modo, cada um deles, individualmente, realizou a produção dos artigos nas duas plataformas, analógica e digital, sempre com foco na qualidade sociorretórica dos planos em relação às versões definitivas de cada texto. Os quadros, elaborados com base na ferramenta CARS e usados para verificar efetivamente os critérios atingidos ou não na produção de cada participante, estão disponíveis para visualização no Apêndice - A desta pesquisa. O objetivo desse apêndice é disponibilizar ao leitor acesso aos instrumentos de observação, ou seja, aos quadros, os quais possibilitaram ao pesquisador verificar em que medida cada planejamento ou artigo final cumpriu os critérios esperados para o gênero em análise.

Ainda na primeira parte da análise, subitens 5.2.1.1 e 5.2.1.2 a pesquisa tem a intenção se valer das produções da participante Ana como exemplo para demonstrar o maior grau de qualidade sociorretórica encontrada nos textos de todos os demais participantes que planejaram e, provavelmente, por esta razão, conseguiram escrever melhores textos definitivos. Assim, nos referidos subitens a intenção do estudo foi utilizar os textos da participante Ana como representantes do grupo que obteve melhores resultados na escrita. Os textos da participante Janaina, por sua vez, foram adotados como exemplos dos demais textos que não possuem os critérios esperados para o gênero, por isso, também se considera oportuno comparar as produções dessas duas participantes, Ana e Janaina, com o intuito de que, já no início da análise, o leitor perceba e tenha uma prévia das distinções que foram recorrentes na verificação dos dados gerados pelos outros participantes.

A partir do subitem 5.3 do capítulo 5, a segunda parte da análise, o estudo adota uma comparação direta entre os dados dos cinco últimos participantes, quer dizer, a análise não mais verifica participante por participante, como na primeira parte, mas sim, procura apresentar o que foi encontrado e as relações que há entre todos os planejamentos analógicos, todos os digitais e ainda entre todos os textos definitivos desse grupo de participantes uma vez que os critérios investigados em cada dado apontam para os mesmos resultados obtidos com a investigação do grupo dos cinco primeiros participantes do estudo, subitem 5.2.

O subitem item 5.4 contém a descrição e análise das impressões dos participantes do estudo e visa demonstrar como tais impressões, obtidas por meio do já referido questionário pós-participação, corroboram para sustentar e vão ao encontro dos resultados defendidos nesta pesquisa. Como será descrito pormenorizadamente no capítulo metodológico, vale adiantar que a pesquisa se limita a expor a análise das impressões de apenas dois participantes, uma vez que, tais impressões se constituem como suficientes para representar o mesmo teor verificado nas impressões dos outros participantes em suas respostas às mesmas perguntas.

Os principais resultados, capítulo 6, que esta pesquisa aponta são, caracterizar a etapa do planejamento de escrita como a tecnologia, a teorização prévia, que precisa ser considerada/ praticada para o adequado desempenho da técnica de escrever textos e que, cada um dos suportes investigados, o digital e o analógico, demanda um modo apropriado para planejar e produzir com qualidade o gênero discursivo, artigo de opinião.

2 As tecnologias da escrita e da metalinguagem

2.1 Objetivos da pesquisa e sua relação com a tecnologia

Levando em conta que, para se produzir um texto com qualidade é necessário que o escritor observe três etapas para esse processo, como será detalhado no subitem 3.2 do capítulo 3, primeiro a etapa do planejar, depois a da escrita e por último a de reescrever, este primeiro capítulo visa contribuir para que se analise a produção de um gênero de base argumentativa em uma dupla de suportes. Esta investigação oportunamente se adequa à área de concentração do PPGEL, Linguagem e Tecnologia, por ter como objetivo geral averiguar se o uso de artefato digital ou analógico para a escrita revela diferenças nas estratégias e processos de planejamento para produção do gênero artigo de opinião. Vale ressaltar que esse problema envolve duas ferramentas tecnológicas, inventadas com o objetivo de auxiliar a escrever ou, ainda poderíamos dizer, aperfeiçoar a tecnologia da escrita.

Por isso, almeja-se verificar se tais ferramentas promovem ou não o planejamento para a escrita, sendo a própria escrita uma tecnologia, segundo Gnanadesikan (2009, p.13-20), a qual materializada em textos concretos, na técnica de escrever, permitiu a exteriorização material da linguagem humana em texto verbal grafado e auxiliou a humanidade em seu desenvolvimento tecnológico. A hipótese inicial que motivou esta pesquisa é a de que o suporte digital dificulta a planificação da escrita e que, com essa ferramenta, o usuário parte da escrita para a versão final ou direto para a versão final do texto, o que se imagina comprometer a qualidade da escrita em aspectos sociorretóricos, no caso do artigo de opinião.

Assim, o objetivo específico deste capítulo consiste em organizar leitura e síntese de trabalhos que discutem a relação entre tecnologias, processos de escrita e letramentos digitais. Com essa finalidade, o presente capítulo se concentra em aprofundar e pautar os conceitos de escrita como tecnologia, da importância da escrita para a constituição de outras tecnologias, de letramentos e letramentos digitais, demonstrando como a relação entre tecnologia e escrita é inseparável e interdependente.

Com relação a isso, vale dizer que, devido ao surgimento de tecnologias digitais pensadas para a leitura e para o processamento de texto, e diante da crescente adesão irrefletida de algumas dessas ferramentas como suportes de produção escrita

para o ensino-aprendizagem, sustenta-se a pertinência da realização desta análise, a qual investiga, à luz dos estudos linguísticos e tecnológicos, se tais suportes de fato auxiliam, e de que modo ajudam, em especial no planejamento e na produção de um gênero discursivo de base argumentativa: o artigo de opinião.

Enfim, pontua-se ainda que, esta pesquisa teve sua origem pela curiosidade/ hipótese de descobrir se, para a escrita, o uso de artefato digital, processador de texto Word 2010 - com uso de teclado, mouse e monitor, ou analógico, papel com caneta esferográfica, revela diferenças nas estratégias e processos de planejamento para produção do gênero discursivo artigo de opinião. Isso ocorreu a partir da leitura da obra de Haas (1996), que trata sobre a escrita e os letramentos no computador, com pesquisas semelhantes a empreendida neste estudo. Para desvelar essa hipótese, este capítulo procura explicar as noções teóricas do conceito de tecnologia que fundamentam a pesquisa. Isso é de grande importância considerando que dois suportes tecnológicos foram usados para investigar se há distinções entre os textos planejados e elaborados em ambos.

2.2 Multiletramentos e a questão das tecnologias de escrita

O fato de digitar em vez de escrever manualmente, de fazer intervenções na escrita com o mouse/ teclado e diante da tela, em vez de utilizar uma caneta e um papel para riscar e reformular parece implicar mudanças interacionais significativas na forma de planejar o artigo de opinião no meio eletrônico em comparação com o produzido no meio analógico, além, por exemplo, de haver possibilidade de publicá-lo acompanhado de uma imagem ou vídeo que o complementem e tornem sua significação mais ampla do que a propiciada no formato impresso.

Ao considerar a crescente prática de escrita do gênero artigo de opinião no ambiente digital, seja para fins profissionais, como nos campos da linguagem ou da tecnologia da informação e da comunicação, seja para o posicionamento crítico e cidadão diante de temas polêmicos que desafiam a sociedade, percebe-se que os processos de escrita contemporâneos colocam novos desafios aos letramentos, os quais não se efetivam mais apenas nos meios tradicionais, mas também em ambientes novos, como escrever no processador em vez do papel. Por conta disso, é imprescindível que se investigue a produção do artigo de opinião em meio digital, a qual se constitui como um modo de escrita contemporâneo que se distingue daquele

cujo texto é produzido com papel e caneta – caráter sociocultural e situado das práticas de letramento, a partir dos conceitos de Rojo (2009) e Street (2003).

Um conceito importante nessa discussão é o de especialização funcional Bezemer; Kress (2008, 1997). Esse conceito remete ao saber prever/antecipar quais recursos semióticos, quais estratégias são os mais adequados para se atingir os propósitos comunicativos que configuram determinada ação social, para reconhecer os padrões sociais que demandam habilidades para agir de forma flexível em diferentes contextos e adaptar-se a estes, *The New London Group*, Grupo de Nova Londres (1996, p. 21).

Conforme Kress (1997), multiletramentos ou múltiplos letramentos remetem ao domínio da leitura e da escrita de novas linguagens, não apenas da linguagem verbal e manuscrita, mas das linguagens múltiplas, visuais e semióticas, as quais circulam em ambientes tecnológicos distintos do impresso e do analógico. Tais ambientes parecem exigir mudanças significativas nas maneiras de ler, produzir e de fazer circular textos nas sociedades pós-modernas. Essas mudanças no modo de ler e produzir textos certamente variam de acordo com o tempo e o espaço principalmente porque, com o passar do tempo, as tecnologias voltadas para esses fins se tornam cada vez mais sofisticadas e pelo fato de cada comunidade discursiva possuir necessidades específicas de letramento.

Segundo Kleiman (2014, p.75) e Rojo (2013, p.19-20), não seria suficiente apenas o letramento verbal escrito, mas sobretudo, faz-se necessário conceber a multiplicidade de modos de significar desses textos que às vezes se valem de interações hipertextuais, *multimidiáticas* e *hipermidiáticas* do texto eletrônico e que podem mesclar a escrita com imagens estáticas ou em movimento, som, fala e outros recursos digitais, entre esses, importa para este trabalho o computador com, o programa Word 2010, a tela, o teclado e o mouse, pois esses itens podem demandar um letramento diferente para escrever do que é exigido pelo papel e a caneta, tal como será demonstrado no capítulo de análise dos dados, capítulo 5.

Para Street (2012, p.78), gêneros discursivos, como o artigo de opinião, refletem tanto práticas sociais quanto propósitos específicos de certas comunidades discursivas. Logo, considerando os conceitos anteriores sobre multiletramentos, nota-se o quanto é válido realizar uma pesquisa que analisa o grau sociorretórico de qualidade dos textos produzidos e se os multiletramentos digitais exigidos pelo suporte computador, complica, simplifica ou influencia para os graduandos

planejarem/produzirem esse gênero discursivo e para que eles deixem claros seus propósitos nos textos finais, nas reescritas.

Além de ser um dos gêneros discursivos com ampla circulação na sociedade, especialmente nos ambientes digitais, seja com objetivo pessoal ou profissional, o domínio de escrita do gênero artigo de opinião é, com recorrência, um requisito e uma prática de letramento nos contextos educacionais e acadêmicos, ou seja, tanto para o ingresso de candidatos que disputam vagas oferecidas em cursos de graduação e de pós-graduação quanto para calouros e veteranos que já ingressaram nos níveis mais elevados da educação em suas práticas universitárias.

A UFPR, por exemplo, já exigiu dos candidatos o domínio de pelo menos dezessete gêneros textuais diferentes nas provas dos últimos anos, de 2010 a 2016, entre eles, o artigo de opinião, como a questão número cinco do caderno de compreensão e produção textual em 2014. O artigo de opinião também é instrumento de avaliação cada vez mais aceito no formato digitado e enviado via correio eletrônico para correção, especialmente em cursos na modalidade à distância.

Portanto, os usos práticos e contínuos que a sociedade contemporânea faz do gênero artigo de opinião em ferramentas digitais, corroboram ainda mais para comprovar a relevância desta pesquisa, na qual se almeja analisar se uma dessas ferramentas digitais afeta o processo de planejamento de escrita do gênero em comparação com sua elaboração manuscrita e analógica.

Para atingir os objetivos desta investigação é necessário que o conceito de tecnologia seja esclarecido e aprofundado, devido ao fato de que esse conceito, geralmente, está atrelado unicamente a equipamentos de última geração produzidos nos tempos de hoje. Então, para dar conta desse propósito, alguns autores serão tomados para discussão, como Pinto (2005), Cupani (2004), Vargas (1994), Grinspun (2001), Rüdiger (2013), Auroux (1992) e Auroux (1992) e Gnanadesikan (2009).

É pertinente para este estudo sustentar que as existências da linguagem e da tecnologia são indissociáveis, fundadoras e formadoras do ser humano e que não se pode considerar como tecnologia apenas as ferramentas usadas pelo homem para escrever, mas também a própria escrita em si. Para demonstrar isso, a presente análise optou por mobilizar autores que abordam como a humanidade, desde os tempos mais remotos, desenvolveu tecnologias para suprir suas necessidades. Entre elas, este estudo atém-se à tecnologia da escrita.

Porém, antes de fundamentar a ideia de escrita como tecnologia, é oportuno distinguir bem o significado e os conceitos de quatro termos usados para se referir nesta análise: tecnologia, técnica, ferramenta e artefato tecnológico. Isso será discutido no próximo item.

2.3 Pontos sobre tecnologia

É comum as pessoas imaginarem que a sua época é a que está passando pelo maior desenvolvimento tecnológico, sobre isso, Pinto (2005, p. 69) observa certa ingenuidade, pois ao pensar que a tecnologia se originou em nosso tempo, desconsidera-se todo um processo histórico que permitiu cada avanço obtido na atualidade. Contudo, o autor reconhece que o processo de desenvolvimento tecnológico se acelerou nas últimas décadas. Levando em conta as proposições de Pinto (2005), esta análise não adota apenas a noção de que equipamentos de última geração ou aqueles que foram produzidos na era moderna são tecnologia, mas sim, a ideia de que as ferramentas tecnológicas foram sendo aperfeiçoadas ao longo dos anos e, portanto, uma tecnologia mais antiga não é menos tecnologia do que uma mais recente, mesmo porque esta última só existe por haver uma versão anterior que lhe originou ou inspirou sua melhoria.

Cupani (2004) complementa a ideia de Pinto (2005) e define tecnologia como a capacidade do ser humano de planificar, operar, ajustar e monitorar equipamentos tecnológicos, geralmente, mas não exclusivamente, com base em saberes científicos. O autor defende que não seria apenas os detentores de conhecimento científico os aptos a desenvolverem tecnologia e a gerenciá-la, pois, o saber vulgar transmitido de geração em geração e a experiência também podem gerar tecnologia.

As noções de Cupani (2004) sobre o que é tecnologia, fornecem base para este estudo compreender a planificação textual, conforme é detalhado no capítulo dois, como uma tecnologia ou um conhecimento para se produzir o texto propriamente dito, ou seja, a escrita, para esta análise, é uma ferramenta revolucionária desenvolvida pelo ser humano, como será demonstrado a seguir, e o planejamento é a tecnologia base que capacita os indivíduos a operar, como coloca Cupani (2004), a ferramenta da escrita adequadamente.

Grinspun (2001, p.71), na mesma linha de Cupani (2004), observa que a tecnologia é o conhecimento científico transformado em técnica, ou seja, o saber que gera um modo de intervir na natureza, uma técnica. Primeiramente, se planeja com a

tecnologia, capacidade de elaborar um desenho ou projeto para construir um carro, por exemplo, e, depois, emprega-se a técnica para executar o que está no desenho e colocar em prática: construir o veículo de fato. Vargas (1994, p.225), como Grinspun (2001), entende a técnica como resultado da tecnologia, pois para o autor tecnologia é aplicação de teorias, métodos e processos científicos às técnicas.

Complementando essa defesa, há Rüdiger (2013, p. 73-74), o qual pontua que quando a técnica se torna teórica, então, ela é tecnologia registrada e ensinada teoricamente. Rüdiger (2001, p. 103-104) trata da tendência da época atual, conhecida como “era da informação”, de explorar economicamente o saber, já que este passa a depender da posse, do domínio para usar ferramentas digitais e de o próprio artefato contribuir qualitativamente para o acesso e para a produção do saber no sentido de realmente ser útil para quem o utiliza.

Nesse sentido, Pinto (2005, p. 119) destaca que o primeiro significado etimológico da palavra tecnologia é, como teoria, a ciência, o estudo, a discussão da técnica, enfim, os modos de se produzir alguma coisa, tal como foi constado neste estudo ser, o planejamento, a tecnologia que possibilita produzir a técnica da escrita adequadamente, por isso, é provável que o método tradicional usado para planejar no analógico, já não seja a tecnologia suficiente e apropriada para a técnica de escrever no computador, ou seja, é necessário o domínio da forma de escrever nessa nova tecnologia, com base em Rojo (2013) e Kleiman (2014), para escrever com qualidade na nova ferramenta que é foco deste trabalho.

Nota-se, a partir das definições anteriores, que os termos *tecnologia* e *técnica* são muito próximos, diferindo-se pontualmente em um aspecto, pois é preciso compreender que a tecnologia é a teoria e, também, o fundamento científico da técnica – enquanto esta é a prática, ou seja, o ato de o ser humano controlar ou transformar a natureza, sendo, portanto, a técnica a execução da tecnologia desenvolvida. Essa conclusão permite reafirmar que, para esta análise, o planejamento de um texto corresponde a tecnologia sobre como fazê-lo, já o texto, quando escrito, é o resultado da técnica de escrever executada.

Assim, já é possível depreender que artefato tecnológico trata-se do produto final da tecnologia, executado por meio da técnica. Conforme Pinto (2005), pode-se afirmar que os artefatos tecnológicos se dividem em três categorias: utensílio, ferramenta e máquina. Exemplos de utensílios podem ser uma pedra para quebrar um coco, a metade do coco rachada para se beber água – servindo como um recipiente,

um bambu ou pedaço de galho com forquilha na extremidade para alcançar e colher uma fruta. Os utensílios seriam artefatos que o homem faz com elementos naturais, sem alterar drasticamente esses elementos. Já as ferramentas seriam artefatos mais elaborados, os quais sofrem considerável intervenção humana como, por exemplo, um galho afiado na ponta para servir de flecha ou uma pedra afiada para cortar e não apenas quebrar pelo peso natural, como no grande advento humano da pedra lascada.

Logo, as ferramentas seriam o aperfeiçoamento dos utensílios. No entanto, a máquina, ao contrário do utensílio e da ferramenta, seria um artefato capaz de assumir tarefas humanas e de realizar o esforço humano a fim de evitar o trabalho manual e, mesmo quando ela exige ação manual, tende a diminuir drasticamente o esforço humano, tal como uma máquina de lavar ou um carro, os quais realizam o esforço de limpeza e de deslocamento demandando apenas sua operação e manutenção.

E a escrita, como se encaixa no conceito de tecnologia? Essa questão é discutida no próximo item.

2.3.1 Tecnologia da e para a escrita

Dado o entendimento de que é a partir da tecnologia que a técnica se desenvolve, para esta pesquisa interessa dizer que os suportes, digital (computador/processador) e analógico (papel e caneta), podem ser considerados como ferramentas usadas para escrever, uma vez que não se caracterizam como meros utensílios, com pouca intervenção humana, mas também não se constituem como máquinas capazes de escrever os textos sem a reflexão, estratégias e inserção dos dados feitas por um humano.

Mesmo o computador, que pode ser definido como uma máquina em alguns casos, tal como em situações nas quais é programado para realizar cálculos, jogar xadrez ou com a finalidade de acionar equipamentos nos horários estipulados, por exemplo, ainda não é capaz de assumir a tarefa autônoma de escrever textos originais, nos padrões formais, considerar a multiplicidade de gêneros e todas as questões linguísticas envolvidas no processo de textualidade pela simples ordem de seu proprietário ou movido por comandos inseridos pela fábrica.

Contudo, pode-se definir o processador como máquina ao considerar ações como ser suficiente pressionar teclas e acionar ícones na interface para que as letras se constituam, se agrupem, formem palavras e sentenças, conforme as intenções do

usuário, sem a necessidade de traçá-las manualmente. Haver a possibilidade de reproduzir trechos, copiar e colar, com o uso de poucas teclas, sem ter de transcrevê-los por inteiro, eliminar a grafia sem uma borracha e até alterar a fonte/ tamanho das letras do texto integral, dentre outras inserções e formatações, as quais diminuem muito o esforço humano para escrever e permitem categorizar o computador como máquina em vez de ferramenta.

Espera-se que as ponderações anteriormente expressas e baseadas em Pinto (2005) permitam que, nesta análise, ora se refira ao suporte digital como ferramenta, ora como máquina/processador com a clareza da distinção entre ambos os termos. Quanto ao suporte papel com caneta, nota-se que a classificação deste meio como ferramenta é a mais plausível.

Um bom exemplo de como juntas, linguagem e tecnologia, contribuíram para o desenvolvimento humano, é a escrita, provavelmente uma das maiores tecnologias já desenvolvidas e a primeira revolução tecnológica, conforme Auroux (1992, p.11-34), a qual permitiu a humanidade registrar sua história, suas demais invenções tecnológicas e repassá-las à posteridade, sem que esse acúmulo de conhecimentos caísse no esquecimento (GNANADESIKAN 2009, p.13-20).

Segundo Auroux (1992), a partir de registros escritos, as gerações puderam continuamente gerar conhecimentos e tecnologias inovadoras em períodos de tempo cada vez menores. Isso possibilitou, por exemplo, aos povos interagirem com outras sociedades por meio da tradução dos idiomas, ou seja, por meio da sistematização gramatical - a segunda revolução tecnológica - a qual teria sido motivada pelo comércio e pela alteridade. A gramatização possibilitou ainda compartilhar tecnologias, absorver os cânones alheios, difundir saberes e doutrinas religiosas e estabelecer outras relações com povos estrangeiros.

Logo, a escrita teria objetivado a alteridade entre as diferentes línguas ao fixar a linguagem, conforme Auroux (1992, p. 25). De acordo com o filósofo, fixar a linguagem foi o esforço dos povos para estudar o funcionamento de seu próprio idioma e dos idiomas alheios, um esforço metalinguístico, pois a escrita teria possibilitado aos estudiosos desses povos perceber que as sentenças continham palavras que funcionavam como sujeitos/ verbos/ substantivos e que cada palavra ocupava uma posição dentro das sentenças, deste modo, surgem as primeiras gramáticas sistematizadas para consulta e torna-se mais fácil traduzir.

Portanto, a própria metalinguagem se configura como tecnologia desenvolvida, uma ferramenta, como descrito no item anterior, os dicionários e as gramáticas normativas por exemplo, uma vez que explicar a linguagem por meio da própria linguagem foi uma revolução tecnológica determinante, Auroux (1992). Nesse sentido, Poe (2011) ressalta que a história da humanidade foi profundamente influenciada pelo desenvolvimento de ferramentas voltadas para o aprimoramento da escrita. A representação escrita mais simples e o artefato mais viável teriam oportunizado vantagem para o desenvolvimento da Europa em relação a outros continentes como a Ásia pois, por exemplo, com o aperfeiçoamento da prensa por Johannes Gutenberg no século XIV, foi possível disseminar rapidamente conhecimentos e informações e, conseqüentemente, desenvolver tecnologias com menor custo.

Com a imprensa, a normatização gramatical se tornou indispensável para difundir informação padronizada e profissional em massa, inclusive as leis da física e da matemática teriam sido universalizadas e uniformizadas graças à escrita, conceitos defendidos por Auroux (1992, p.56-62). Do mesmo modo, esta pesquisa considera que a ferramenta pode influenciar na produção escrita dos dias atuais, e isso pode ser determinante para a qualidade do ensino-aprendizagem, especialmente de língua materna, no tocante à escolha dos letramentos se metodologias que priorizam somente, por exemplo, o digital em vez do manuscrito forem adotadas em larga escala.

É inegável que a contemporaneidade coloca novos desafios para os escritores e leitores, principalmente relacionados com novas linguagens, como a informática, a qual demanda que as instituições de ensino do presente tempo se adaptem à educação digital e estipulem novos letramentos ou uma nova forma de alfabetizar, Grispun (2001, p.95). Contudo, não se pode aderir precipitadamente, de modo irrefletido, a novas ferramentas criadas para escrever acreditando que elas, por si só, possam guiar um usuário a escrever melhor do que se usasse um artefato analógico.

É preciso considerar, entre outros, a possibilidade de as ferramentas digitais serem produzidas mais com o intuito de capitalizar ou explorar economicamente o saber, conforme Rüdiger (2001), sem que haja critérios de qualidade para disponibilizar produtos que realmente pensem e atendam às necessidades dos usuários finais, aqueles que precisam escrever (e aprender a escrever) nas escolas, nos cursos superiores, na imprensa, etc.

Atualmente, até mesmo pneus são testados por órgãos governamentais para que recebam uma etiqueta com o nível de eficiência em ruídos, tempo para frenagem e consumo de combustível. Todavia, artefatos digitais voltados para a escrita só são testados no tocante ao consumo de energia, não levando em conta atributos como fatores tangíveis e espaciais: digitar em vez de grafar manuscritamente, visualizar o texto no papel em vez de visualizá-lo na tela, iluminação, tamanho da letra ou fonte (acessibilidade), posição vertical / frontal (processador de texto), posição horizontal (papel com caneta), diferenças entre a controlabilidade do papel e a do teclado, contato e ausência de contato físico com o papel, entre outros.

Não é possível avaliar todos esses fatores aqui, neste trabalho, mas alguns deles, quando oportunos, serão discutidos no capítulo de análise, capítulo 5. Sobre essa problemática da adequação do meio digital aos processos de escrita, vale mais uma observação de Rüdiger (2013, p. 55-56), especificamente na análise do autor de que o aparato digital interativo se constitui como distração intelectual para quem o utiliza, o que de acordo com ele pode estar relacionado com a produção desses equipamentos pensada unicamente para ganhos financeiros e não nas necessidades reais de quem os utiliza para escrever. Isso pode ser verdade ao se supor que a manipulação desses equipamentos demanda boa parte da atenção do usuário, por exemplo, ao exigir considerável esforço para localizar as teclas que se almeja clicar, para situar-se na interface do programa e habituar-se com ela, fazendo-o atentar-se para erros ortográficos acusados pelo corretor, entre outros.

Outros empecilhos da máquina podem ser pensados em relação, por exemplo, ao esforço de visão devido à muita ou pouca luminosidade da tela, ocasionando que o indivíduo acione por acaso um comando que apaga o que o usuário não desejava ou o direcione a digitar fora da linha que estava escrevendo sem se aperceber disso, entre outros fatores. Essas são algumas das dificuldades postas pelo equipamento digital, que possivelmente subtraem tempo e concentração do usuário, distraem sua atenção com os significados e com o conteúdo do que escreve, e, como consequência, faz com que deixe em segundo plano, a argumentação, a coerência, a coesão, elementos referenciais, enfim, prejudique a planificação e execução do texto no suporte digital.

Logo, analisar se o artefato digital propicia ou desfavorece o planejamento de escrita do gênero proposto, artigo de opinião, em relação ao artefato analógico, pode ser de suma importância para verificar se essas tecnologias cumprem, ou não,

adequadamente com suas funções de auxiliar a escrever, pois a hipótese inicial, como dito anteriormente, é que o artefato digital compromete o planejamento da escrita em relação ao artefato analógico. Que o suporte digital tenha facilitado o processo de escrita, tornando-o mais veloz não significa que tenha mantido a mesma essência para a execução da escrita no suporte papel com a caneta. Qual dos dois meios permite a reflexão e elaboração mais aprofundada do planejamento prévio?

Vale pontuar que esta análise não pretende sustentar uma visão fáustica da tecnologia como totalmente nociva à humanidade, ou prometeica, a tecnologia como fonte apenas de benesses para o ser humano, visões descritas por Rüdiger (2013), para as quais as pessoas tendem a optar com extremismo, mas investigar se os dados gerados pelos participantes da pesquisa, os quais produziram textos tanto no meio analógico quanto digital, revelaram diferenças sociorretóricas na produção final de artigos de opinião que poderão confirmar ou não a hipótese de que o artefato digital dificulta o planejamento de escrita em relação ao artefato papel com caneta esferográfica.

Certamente não se pode atribuir toda a responsabilidade por dificuldades em se planejar um texto escrito unicamente ao aparato tecnológico, pois, de acordo com Poe (2011, p. 85), muitas vezes o que se coloca como obstáculo para a escrita é a própria artificialidade dela, que a torna menos agradável para os seres humanos do que os atos de falar ou ver, sendo estes processos naturais para qualquer pessoa.

Apesar disso, se for analisado que os participantes da pesquisa apresentaram textos sociorretóricamente mais adequados produzidos em um meio do que no outro, então, haverá dados sólidos para demonstrar que não houve embaraço por conta dos participantes ainda não dominarem a escrita, mas sim porque a própria ferramenta influenciou no processo, ou seja, porque se faz necessário desenvolver uma ferramenta mais adequada para escrever ou então é preciso pensar em novas estratégias para escrever em determinada ferramenta, conceito vinculado ao de multiletramentos - Rojo (2013) e Kleiman (2014), as quais atendam a necessidade de escrita na ferramenta digital analisada.

Por fim, a partir dos pressupostos de Pinto (2005, p. 82 e 126), quanto mais desenvolvidas forem as máquinas, mais esforço mental elas exigem do ser humano, tanto para produzi-las quanto para operá-las. O autor ainda acrescenta que toda máquina é imperfeita e limitada. Essas afirmações podem amparar este estudo no sentido de pensarmos e supormos que quanto mais complexo for um computador e

seu programa para processar textos, maior dificuldade a pessoa que o utiliza poderá encontrar para escrever, em comparação com um meio analógico tradicional, já que precisará ter um mínimo de conhecimento sobre como operar cada componente, formatar, ir e vir em busca de informações que não estão simultaneamente diante de si, entre outras habilidades e, ainda, conseguir fazer isso tão rápido como manusear a caneta, sem perder o raciocínio para a textualidade.

Síntese do capítulo 2

Neste capítulo, os principais pontos apresentados foram:

- 1) Contextualização para o desenvolvimento do objetivo desta pesquisa que se propõe a averiguar se o uso de artefato digital ou analógico para a escrita revela diferenças nas estratégias e processos de planejamento para produção do gênero artigo de opinião.
- 2) A demonstração das relações entre multiletramentos e a necessidade de se pensar os processos digitais para a escrita.
- 3) A definição de tecnologia como a teoria e, também, o fundamento científico da técnica, o que permite definir planejamento de escrita como a tecnologia sobre como fazer o texto, e este quando escrito, é o resultado da técnica de escrever executada.
- 4) A necessidade de avaliar a qualidade das ferramentas para escrita (e seu ensino) considerando fatores sociais, políticos, culturais e econômicos envolvidos em seus usos.

3 Do conceito de gênero ao planejamento de artigo de opinião

3.1 Concepções de gênero textual para a Sociorretórica e a metodologia CARS

O presente capítulo visa atingir o segundo e o terceiro objetivos específicos para a realização da análise, isto é, descrever de modo conciso, com base na perspectiva sociorretórica, 1) a superestrutura, 2) a macroestrutura e 3) a microestrutura do gênero artigo de opinião. Além desse objetivo, também neste capítulo, serão apresentadas propostas que tratam sobre estratégias envolvidas no processo de planejamento de escrita. Essas duas ações são fundamentais para

analisar nos dados coletados, as diferenças nas estratégias e processos de planejamento para produção do gênero artigo de opinião. Com relação a tais estratégias, por exemplo, demanda averiguá-las a partir de padrões sociorretóricos fixos, esquemas estruturais definidos e conceitos específicos de como se constitui, estrutural e textualmente, um texto de base argumentativa, quais características recorrentes de um artigo de opinião, por fim, como um planejamento de texto desse gênero poderia ser executado.

Swales (1990), principal estudioso da linguística Sociorretórica, define gênero textual como uma classe de eventos comunicativos, sendo o evento uma situação em que a linguagem verbal é significativa e notoriamente necessária. Para o autor, o evento é constituído pelo discurso e pela sua função, pelos participantes do discurso, e pelo ambiente onde esse é produzido e recebido. Para verificar tal constituição, este estudo parte da proposta formulada por Swales (1990), o modelo CARS, o qual estabelece que os gêneros textuais possuem movimentos, estruturas consideravelmente estáveis, que se repetem e são marcas específicas para identificar cada tipo de gênero textual, ou seja, cada evento comunicativo.

O modelo CARS tem como premissa o fato de que os membros de comunidades se identificam por meio de eventos comunicativos, compartilhados pelo uso dos gêneros textuais. Assim, eles se comunicam em sintonia e expressam certo conjunto de propósitos comunicativos, isto é, de ações linguísticas e retóricas que envolvem o uso da linguagem para dizer algo a alguém, em algum momento, em algum contexto e para algum propósito.

De acordo com esse modelo, um gênero textual demanda trabalho com contextos mais definidos (comunidades discursivas) ao invés de “contexto de cultura”, pois assim é mais fácil identificar os propósitos comunicativos, isto é, os objetivos comuns compartilhados pelos membros dessas comunidades. Nas palavras do autor: “Esses propósitos são reconhecíveis pelos membros mais experientes da comunidade discursiva original e constituem a razão do gênero” Swales (1990, p. 58). Para analisar essa constituição que se dá entre comunidade discursiva, propósitos e a organização dos discursos em gêneros textuais, o estudioso propõe uma ferramenta metodológica, a qual denomina de CARS (Creating a Research Space), “Criando um espaço de investigação”. Esse modelo é utilizado nesta dissertação como instrumento teórico-metodológico para observar duas situações desta pesquisa.

A primeira situação, é como guia para uma modelização do artigo de opinião e análise da produção feita pelos informantes. Isso ocorreu já no momento da coleta de dados, quando se realizou uma proposta de sequência didática para a produção desse gênero pelos informantes (a realização e necessidade dessa sequência será explicada com mais detalhes no capítulo de metodologia). O segundo emprego da tecnologia CARS (tecnologia aqui compreendida como já explicado no primeiro capítulo, ou seja, como metalinguagem), deu-se justamente para possibilitar a análise dos dados em dois momentos de observação: no planejamento do artigo de opinião realizado pelos informantes e na elaboração final de ambas as produções de textos, analógica e digital.

Nota-se, portanto, que a metodologia CARS é ferramenta essencial para esta pesquisa, por isso, a importância de explicá-la. Vale ressaltar, para início dessa explicação, que a CARS se constitui, na verdade, pela observação dos movimentos retóricos característicos do gênero textual estudado, no caso específico desta pesquisa, o artigo de opinião. O próprio Swales (1990), define tais movimentos, os quais podem ser sintetizados com o seguinte esquema:

Contexto = Comunidade discursiva + propósito comunicativo + gênero
--

A fim de aplicar a CARS, é preciso, então, avaliar os movimentos estruturais e retóricos empregados no gênero para realizar seus objetivos específicos dentro do propósito maior da comunicação. Para tanto, de acordo com Swales (1990), é imprescindível estudar os gêneros textuais a partir de uma análise formal e discursiva, com base nos conceitos de comunidade discursiva, tarefa e gênero, considerando-os, portanto, como ações sociais que:

- 1) materializam uma classe de eventos;
- 2) compartilham propósitos comunicativos, como defender uma opinião sobre um assunto polêmico, refutar outra tese, convencer os interlocutores;
- 3) possuem traços específicos prototípicos, como ser organizado com apresentação de tese seguida de desenvolvimento de argumentos e parágrafo final para fechamento ou introdução seguida dos argumentos e da tese;
- 4) determinam usos linguísticos específicos de acordo com a comunidade discursiva (esta seria formada por um grupo de indivíduos que compartilham propósitos comunicativos, têm objetivos em comum, conhecem o gênero usado, usam termos e vocabulário com os quais todos os participantes têm afinidade, como operadores lógicos, modalizadores, etc.).

Os objetivos a serem atingidos em cada movimento, portanto, são três:

(Movimento 1) - avaliar os propósitos retóricos;

(Movimento 2) - revelar as estruturas da informação;

(Movimento 3) - explicar escolhas sintáticas e lexicais dos gêneros;

Assim, de acordo com a metodologia CARS, há três movimentos que constituem os gêneros, e pensando especificamente na argumentação, objeto desta pesquisa, o primeiro movimento consistiria em identificar o objetivo/ propósito do texto, com que finalidade foi escrito, para quem foi escrito, por que foi escrito. O segundo movimento seria o estrutural, por exemplo, introduzir/apresentar a tese, argumentar e depois finalizar o texto (reforçar a tese). E finalmente, o terceiro movimento revelaria como o produtor articula suas ideias, como estabelece relação entre os argumentos, que tipo de argumentos usa e que vocabulário utiliza, entre outras questões textuais.

No próximo item, esses movimentos para descrição do artigo de opinião são explicados com mais detalhes devido à importância já observada aqui da realização da modelização desse gênero, tanto para os procedimentos de coleta quanto para os de análise dos dados.

3.1.1 A modelização do artigo de opinião com a ferramenta CARS

A partir da apresentação da metodologia CARS, este trabalho desenvolve uma possível modelização do artigo de opinião empregando essa ferramenta.

Considerando o movimento 1 para a descrição do artigo de opinião, é necessário, então, definir qual o propósito desse gênero, com qual (is) objetivo (s) os participantes dos eventos comunicativos que requerem esse gênero o usam em suas práticas discursivas. No que diz respeito aos movimentos 2 e 3, há necessidade de se estabelecer o que define um artigo de opinião conceitual e estruturalmente e, para fazer isso, esta pesquisa partirá dos conceitos sobre planejamento textual, Antunes (2010), sobre a estrutura da argumentação, Fiorin (2015, 2017) e de super/ macro/ microestrutura textual a partir das propostas de Bronckart (2003).

Vale destacar, ainda, que ao considerar os aspectos do movimento 3, observou-se que a análise precisa refletir sobre aspectos textuais e linguísticos característicos dos gêneros de base argumentativa como, tipos de argumentos/ contra-argumentos, recursos de coesão, contexto, operadores lógicos, elementos de referência, modalizadores e, para essa tarefa, serão empregadas a proposta de Kintsch e Van Dijk (1978), bem como as de Fiorin (2015, 2017).

3.1.1.1 CARS: movimento 1 para artigo de opinião

Como aponta Swales (1990), há uma relação direta entre a organização da comunidade discursiva e os propósitos do gênero. Por isso, para destacarmos aqui o propósito do artigo de opinião, é preciso descrever a comunidade discursiva envolvida em sua produção, e, no caso, a mais específica para este trabalho.

O artigo de opinião pode ser definido como um gênero textual ou discursivo de base argumentativa por conter todos os elementos característicos da argumentação, tais como, a tese e os argumentos.

Antunes (2010, p. 71) pontua que em textos opinativos, como é o caso do artigo de opinião e dos editoriais, predominam argumentos favoráveis a uma posição, com verbos, em geral, no presente do indicativo, como forma de expressar um estado permanente de concepção do tema – que geralmente é polêmico. Gomes (2011, p.125), na mesma linha de Antunes (2010) classifica os textos de opinião como gêneros da mesma categoria do diálogo argumentativo, das cartas de solicitação/reclamação e do debate. Ou seja, percebe-se que, atualmente, o artigo de opinião é a expressão por escrito daquilo que se poderia argumentar falando e isso certamente torna esse gênero uma prática social comum, uma vez que pode ser publicado em jornais, impressos e virtuais, em blogs, na modalidade sintética em redes sociais ou em forma concisa, como um comentário mais elaborado e fundamentado, com tese, argumentos e conclusão, entre outros usos reais.

O Artigo de opinião é um gênero discursivo de ampla circulação por ser publicado em revistas, jornais, blogs, com o intuito de levantar problemas e discutir posicionamentos sobre eles. Tem como público leitor e entre seus elaboradores, ou seja, autores, pessoas com bom grau de letramento, por conseguinte com, pelo menos, escolaridade básica. Assim, é possível considerar que a comunidade discursiva que se vale de artigos de opinião para eventos de interação em que necessitam defender pontos de vistas, podem ser constituídos por homens e mulheres, com bom grau de letramento a ponto de conseguirem se valer de recursos mais refinados da língua e da linguagem para poderem organizar, por exemplo, seus argumentos adequadamente.

Sobre a comunidade discursiva¹, mais específica deste trabalho, a qual será descrita melhor no capítulo de metodologia, vale adiantar para o momento que é formada por informantes, acadêmicos do primeiro ano do curso de Letras, com objetivos públicos comuns muito próximos dado a idade e interesses, cuja interação entre os membros, ocorre muito pessoalmente, por meio de redes sociais/ virtuais ou via grupos de estudo on-line. Nesses ambientes eles compartilham gêneros discursivos e já estão habituados com o artigo de opinião, além disso, estão buscando a mesma formação superior.

Essa capacidade de reconhecimento geral do propósito do gênero, do artigo de opinião neste caso, pode ser aproximada da ideia de que os gêneros apresentam uma superestrutura, como observa Bronckart (2003), que auxilia os interlocutores a selecionarem os gêneros adequados às suas necessidades, ou seja, aos seus propósitos. Então, superestrutura do gênero pode ser pensada como parte do movimento 1 da CARS.

Observe-se, portanto, que a comunidade discursiva genérica parece incluir facilmente os informantes desta pesquisa, ou seja, homens e mulheres com bom grau de letramento e uso de artigos de opinião para interação entre leitor e produtor, principalmente em redes sociais. Tal comunidade discursiva, nesses momentos de eventos em que há necessidade de se defender pontos de vistas podem se valer do artigo de opinião, por conseguinte esse pode ser justamente o propósito desse gênero, quer dizer: defesa de ponto de vista ou tese. Nesse sentido, argumentar, segundo o dicionário Houaiss (2004, p. 59), significa apresentar fatos, razões, provas contra ou a favor (de algo); apresentar ideia ou fato como argumento, alegar. Nota-se, nessa definição, que o objetivo de quem produz um texto argumentativo é basicamente defender uma tese ou refutá-la por meio da apresentação de argumentos que deem sustentação ao posicionamento assumido. Conforme Costa (1994, p. 72) e Travaglia (2007, p. 60), nesse tipo de texto, de base argumentativa, o autor pretende instigar o leitor para que concorde ou aja como ele e, caso não concorde, o objetivo é persuadi-lo a aderir seu ponto de vista (político, religioso, etc.) ou levá-lo a tomar decisões adquirir um produto, desejar conhecer um ponto turístico, entre outras.

¹ Foi aplicado um questionário após a coleta de dados para verificar as impressões da comunidade discursiva e cruzar essas informações com a análise dos demais dados coletados, ver resultado disso no capítulo 4.

Então, é possível considerar que o artigo de opinião quando selecionado pela comunidade discursiva, é escolhido por ancorar o propósito retórico em si, ou seja, ele possibilita a defesa, por meio de argumentos, de uma ideia, de uma tese. Segue abaixo um exemplo de artigo de opinião, versão resumida da publicação original, em que se destaca a tese e alguns argumentos, apenas para ilustrar a discussão realizada até aqui.

MÍDIA E O CULTO À BELEZA DO CORPO

Nas sociedades contemporâneas percebemos uma intensificação do culto ao corpo, onde os indivíduos experimentam uma crescente preocupação com a imagem e a estética. A prática do culto ao corpo coloca-se hoje como preocupação que perpassa todas as classes sociais e faixas etárias, apoiada no discurso que ora lança mão da questão estética, ora da preocupação com a saúde.

Segundo Pierre Bourdieu, sociólogo francês, a linguagem corporal é marcadora pela distinção social, que coloca o consumo alimentar, cultural e a forma de apresentação – como o vestuário, higiene, cuidados com a beleza etc. – como os mais importantes modos de se distinguir dos demais indivíduos.

Nas sociedades modernas temos observado uma crescente preocupação com o corpo, a dieta alimentar e o consumo excessivo de cosméticos, impulsionados basicamente pelo processo de massificação das mídias a partir dos anos 1980, onde o corpo ganha mais espaço, principalmente nos meios midiáticos. Não por acaso que foi nesse período que surgiram as duas maiores revistas brasileiras voltados para o tema: “Boa Forma” (1984) e “Corpo a Corpo” (1987). Nesse sentido, as fábricas de imagens, como o cinema, televisão, publicidade e revistas, por exemplo, têm contribuído para isso.

Os programas de televisão, revistas e jornais têm dedicado espaços em suas programações cada vez maiores para apresentar novidades em setores de cosméticos, de alimentação e vestuário. O consumismo desenfreado gerado pela mídia em geral foca principalmente adolescentes como alvos principais para as vendas, desenvolvendo modelos de roupas estereotipados, a indústria de cosméticos lançando a cada dia novos cremes e géis redutores para eliminar as “formas indesejáveis” do corpo e a indústria farmacêutica faturando alto com medicamentos que inibem o apetite. Preocupados com a busca desenfreada da “beleza perfeita” e pela vaidade excessiva, sob influência dos mais variados meios de comunicação, a Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica apresenta uma estimativa de que cerca de

130 mil crianças e adolescentes submeteram-se no ano de 2009 a operações plásticas.

Evidentemente que a existência de cuidados com o corpo não é exclusividade das sociedades contemporâneas e que deveríamos ter uma especial atenção para uma boa saúde. No entanto, os cuidados com o corpo não devem ser de forma tão intensa e ditatorial como se tem apresentado nas últimas décadas. Devemos sempre respeitar os limites do nosso corpo e a nós a mesmos.

Esse artigo foi publicado no site Brasil Escola e acessado em 2016, seus prováveis leitores são professores da educação básica e superior, jornalistas, psicólogos, profissionais da saúde e estudantes de diversas áreas acadêmicas, ou seja, pessoas com bom grau de letramento. A tese defendida e explícita é “Devemos sempre respeitar os limites do nosso corpo e a nós a mesmos.”, último parágrafo e os tipos de argumentos usados são, por exemplo, o argumento de autoridade, ao citar Pierre Bourdieu no segundo parágrafo, argumento por exemplificação, ao se referir às revistas Boa forma e Corpo a corpo, etc.

Estabelecida assim uma possível comunidade discursiva que seleciona o gênero artigo de opinião para eventos comunicativos, cujo propósito é convencer o outro sobre um ponto de vista em situações com alto grau de letramento, a seguir, são descritas as estruturas de informação desse gênero, para dar conta de analisá-lo sob o movimento 2 da CARS.

3.1.1.2 CARS: movimento 2 para artigo de opinião

Vale lembrar que para Swales (1990) a descrição do contexto comunicativo exige, além da averiguação da comunidade discursiva que compartilha os propósitos da interação, a análise da estrutura da informação a fim de se chegar a uma caracterização (aqui denominada de modelização do gênero). Desse modo, esta pesquisa precisa estabelecer qual a estrutura do artigo de opinião e, para isso, recorre ao conceito de macroestrutura estabelecido por Bronckart (2003) e aos fatores que constituem a argumentação de acordo com Fiorin (2017), pois tais conceitos irão complementar a metodologia CARS e tornar claras características de cada movimento que compõe o artigo de opinião.

Além disso, complementa essas descrições com as propostas de Van Dijk (1978) e de Bronckart (2003), os quais na mesma linha de pensamento explicam o

sentido de macroestrutura como conhecimento que seria internalizado na memória do produtor do texto ao longo de sua vida, de forma lógica e hierárquica. Segundo Bronckart, por exemplo, devido às dificuldades em se transpor a linguagem mental simbólica para a linguagem escrita, do pensamento para o texto, esses saberes, sofrem uma reorganização e materializam-se, por fim, em estruturas sintáticas básicas, que são, por sua vez, organizadas em padrões sucessivos, os três movimentos do modelo CARS. Logo, as macroestruturas disponíveis simultaneamente na memória, se organizam em esquemas ou sequências e se constituem como modelos ou protótipos de partida para a escrita de diversos gêneros textuais, Bronckart (2003, p. 217).

O protótipo da estrutura ou sequência argumentativa proposto por Adam (2008) e adaptado por Bronckart (2003), serviu como outra ferramenta de análise deste movimento, além da proposta de Fiorin (2017). O referido protótipo, aqui considerado macroestrutura, e relacionada ao movimento 2 da CARS, também segue a mesma proposta de Fiorin (2017) e de Kintsch e Van Dijk (1978) para a macroestrutura e apresenta quatro fases:

- 1) Primeira fase - *premissas (tese)*, em que se apresenta uma constatação inicial;
- 2) Segunda fase - *apresentação de argumentos*, isto é, de elementos que sustentam a tese e encaminham para uma conclusão, os quais podem ser: argumentos do senso comum, regras gerais, direitos humanos universais, exemplos, comparações, citação de uma autoridade no assunto ou filósofo, pesquisas, etc;
- 3) Terceira fase - *apresentação de contra-argumentos*, que preveem possíveis argumentos contrários à tese e antecipadamente os refutam.
- 4) E, por fim, a quarta fase: *conclusão* (ou nova tese) que integra e retoma os efeitos dos argumentos e contra-argumentos. Esta, bem como a terceira fase, também se assemelha com o protótipo de texto proposto pelos demais pesquisadores elencados, Kintsch e Van Dijk (1978) e Fiorin (2015-2017), para sustentar este estudo. A referência que o autor faz à terceira fase (contra-argumentos) pode ser compreendida, por exemplo, como a distorção do ponto de vista do adversário proposta por Fiorin (2017, p. 218) e uma das possíveis formas de elaborar o desenvolvimento, o qual é constituinte da macroestrutura.

O modelo exposto acima, segundo Bronckart (2003), pode ainda ser realizado de maneira mais simplificada ao escrever diretamente da premissa à conclusão ou dos argumentos à conclusão, e deixar subentendidas as outras fases do protótipo.

Além disso, é possível realizá-lo de modo mais elaborado, com retomada da tese anterior (para situar o leitor sobre o assunto), encadeamento e relação dos argumentos com os contra-argumentos, entre outras formas, de acordo com as escolhas do produtor do texto.

Ademais, no que se refere às grandes estruturas de um texto argumentativo, esta pesquisa também se pauta nos conceitos de Kintsch e Van Dijk (1978). Kintsch e Van Dijk (1978), explicam ações, compatíveis com o modelo CARS, envolvidas nos processos de elaboração de textos e apresentam um formato de como se processa a estrutura semântica do texto de base argumentativa. Os autores apresentam uma distinção entre a micro, relacionada ao movimento 3 por esta análise no subitem 3.1.1.3, e a macroestrutura, esta, compatível com o movimento 2 do artigo de opinião na perspectiva deste estudo.

A proposta de descrição da macroestrutura de Van Dijk (1978) também pode ser aproximada da análise pela CARS, bem como a questão da microestrutura. A primeira pode ser analisada como parte do movimento 2, isto é, revelar estrutura de informações mais globais do gênero. Já a segunda, microestrutura, pode ser aproximada do movimento 3 da CARS, pois trata de considerar os elementos linguísticos, propriamente ditos, sintaxe e itens lexicais, por exemplo, para a organização dos gêneros textuais.

Fiorin (2015) define a argumentação, a qual teria sido uma das grandes conquistas da humanidade em sua marcha civilizatória visto que as pessoas deixaram de resolver suas questões pela violência e passaram a argumentar para vencer demandas, como a sintaxe da enunciação; segundo o linguista, quem escreve, precisa se dirigir a cada leitor de um modo diferente, dependendo de quem é o seu interlocutor. Se for uma autoridade, mais respeitosamente, se for um amigo, mais informalmente e assim por diante. Além disso, Fiorin (2015) defende que o produtor da argumentação precisa ganhar a confiança do seu leitor e que tal confiança é conquistada pela força do discurso ou força do que é escrito, ou seja, o leitor confiará no que foi escrito notando, por exemplo, se o texto é bem organizado e coerente, bem exposto, pelos argumentos dados, pela fluência, coesão e concatenação das ideias e dos elementos que o compõe.

É possível compreender os tipos de argumentos descritos por Fiorin (2017) como uma das principais características do desenvolvimento do texto, e vinculá-los

ao movimento 2, ou macroestrutura do texto, sendo que entre esses argumentos os mais recorrentes conforme Fiorin (2017) são²:

- 1) Argumento fundado no princípio da identidade: a comparação;
- 2) Argumentos fundamentados na estrutura da realidade: causalidade e sucessão, argumento de autoridade;
- 3) Argumentos que fundamentam a estrutura do real: o argumento pelo exemplo, o argumento por ilustração;
- 4) Outras técnicas argumentativas: A distorção do ponto de vista do adversário, paradoxos, ironia;

O primeiro tipo de argumento fundado no princípio da identidade e realizada principalmente pela comparação, conforme Fiorin (2017), trata-se de aproximar ou diferenciar um objeto de outro com a finalidade de destacar pontos comuns ente eles que possam reforçar o argumento dado por haver outro objeto ou elemento que também apresenta semelhança com os argumentos sustentados, como no exemplo abaixo.

- A. Usar muito celular é como comer demais, esta ação gera uma indigestão, aquela, ansiedade e dependência.

O segundo tipo de argumento, fundamentado na estrutura da realidade, de acordo com Fiorin (2017), diz respeito ao pensamento causal e ao argumento de autoridade. O pensamento causal se pauta na concepção de que a causa de X é Y, por exemplo, na sentença a seguir em que as crianças estarem viciadas é a consequência (X) e os pais não terem tempo para elas a causa (Y):

- B. As crianças estão viciadas em aparelhos digitais, porque os pais não têm tempo para elas.

Já o argumento de autoridade consiste na estratégia de validar sua tese com base no pensamento de uma autoridade respeitada ou de um especialista no assunto.

O terceiro tipo de argumento, o que se fundamenta na estrutura do real, pode ser expresso tanto pelo exemplo quanto pela ilustração. O exemplo consiste em usar um caso particular para comprovar uma tese, tal como, a partir do fato da prisão de um policial por corrupção o produtor do artigo de opinião concluir que os policiais, no geral, são corruptos. A ilustração, por sua vez, é um argumento que apela para o

² Outros tipos de argumentos serão abordados se forem constatados durante a análise dos demais dados coletados.

sentimento do leitor e serve para reforçar uma tese tida como aceita. Se, por exemplo, o produtor do texto usa a tese de que “brasileiro não desiste nunca” ele pode, para reforçar essa tese, ilustrá-la com o caso de um candidato a uma vaga na universidade pública, que apesar de vários fracassos, por fim, conseguiu a vaga tão almejada por ter perseverado. Com esse tipo de argumento o produtor do artigo de opinião apela para o sentimento do leitor, pois tenta transmitir a ideia de que o brasileiro é perseverante, inclusive o leitor, e que pode alcançar seus objetivos por ser um brasileiro, ou seja, por ser um sujeito determinado.

O quarto tipo de argumento se refere a outras técnicas argumentativas bastantes empregadas como a distorção do ponto de vista do adversário, o paradoxo e a ironia. A distorção do ponto de vista do adversário põe em dúvida os possíveis argumentos dos leitores que poderiam refutar a tese do produtor do texto, isto é, o conceito de distorção de Fiorin (2017) pode ser considerado semelhante ao de previsão de contra-argumentos, terceira fase da macroestrutura, de acordo com Bronckart (2003).

O paradoxo é a estratégia de ir contra aquilo que é tido como verdadeiro ou certo, pois leva o leitor a refletir sobre essa “verdade ou certeza” questionando-a. Finalmente, a ironia, é um recurso argumentativo muito utilizado por quem escreve para desestabilizar a tese oposta à que o produtor do texto está defendendo. Como no exemplo a seguir, retirado do texto produzido pelo participante 1 na ferramenta analógica, durante a coleta dos dados desta pesquisa, e melhor explicado no capítulo 5. No exemplo, o informante usa a ironia e o paradoxo em vários segmentos da introdução, como no trecho, final do parágrafo introdutório, em que escreve “Ah! Não se esqueça de adicionar todos os seus amigos e inimigos para receber status”. Nessa frase, observa-se que o recurso de sugerir tem, na verdade, o intuito oposto, pois desestabiliza as pessoas que agem da referida forma, o que caracteriza a ironia, além da questão paradoxal de aconselhar que se adicione inimigos para receber status, uma vez que, os inimigos, normalmente deveriam ser excluídos e não adicionados, como se faz com os amigos, e isso configura o paradoxo além de levar o leitor a questionar se está agindo de modo certo.

Complementando o pensamento de Fiorin (2017), é possível trazer as propostas de Kintsch e Dijk (1978) ao afirmarem que a macroestrutura textual é constituída por conjuntos de proposições, macroproposições, os quais são responsáveis por atribuir sentido, unidade e coerência global ao texto. Visualmente,

as macroproposições podem ser entendidas como a disposição visual dos parágrafos, ou seja, a localização no texto das etapas que constituem o propósito comunicativo: qual conteúdo deve aparecer em primeiro lugar - na introdução, aquilo que vem depois da introdução, no desenvolvimento e, por fim, como precisa ser o fechamento do texto, as considerações finais. Pautada nos pressupostos de Fiorin (2017, p. 241- 256), esta pesquisa opta por considerar que a disposição visual esperada dos parágrafos em uma argumentação é a seguinte: introdução, desenvolvimento e conclusão, e essa disposição corresponde à estrutura de informação do movimento 2 da CARS,

A introdução contém, frequentemente a tese, dada por um fato e um problema atual e apresentada no primeiro parágrafo. Os parágrafos seguintes consistem no desenvolvimento com argumentação, que pode se dar por exemplificação, ironia, refutação/ justificação com o objetivo de examinar e/ou explicar a ideia/ tese apresentada na introdução, como se viu nos exemplares já descritos, conforme Fiorin (2017).

Já o parágrafo conclusivo (o último parágrafo), conforme Fiorin (2015, p. 256) precisa retomar e reforçar a tese. Ele não é a repetição de algo que se disse anteriormente, mas sobretudo um balanço, o qual precisa estar relacionado com todo o texto, não apenas com uma parte dele. Na conclusão, pode-se, ainda, ampliar o problema, generalizá-lo e associá-lo com uma problemática mais abrangente.

Essa seria então, a organização ou estrutura global das informações em um artigo de opinião, quer dizer, sua macroestrutura e para esta pesquisa seu movimento 2 do CARS. Na sequência é apresentada a composição do movimento 3 nesse gênero.

3.1.1.3 CARS: Movimento 3 para artigo de opinião

Além da descrição dos movimentos 1 e 2, a fim de se chegar a uma modelização do gênero pela CARS na perspectiva sociorretórica, esta pesquisa precisa estabelecer a terceira e última estrutura que compõe o artigo de opinião e, para isso, recorre ao conceito de microestrutura, ou movimento 3. Para tanto, vai tomar e aproximar as propostas estabelecidas por Kintsch e Van Dijk (1978) e aos elementos que compõem a microestrutura, de acordo com Koch (1999/2000), a qual por sua vez atende às exigências dada pela superestrutura. Assim, os movimentos 1, 2 e 3 estão interrelacionados, tanto quanto estão a super, a macro e a microestruturas,

De início, já é preciso considerar que para a microestrutura ser realizada adequadamente, ela deve respeitar e estar relacionada com a ordem estabelecida pela macroestrutura, pois é indiscutivelmente necessário que as ideias particulares mantenham a coerência com a tese principal e sejam compreendidas como partes de um todo maior, partes da macroestrutura textual e esta, por sua vez, jamais deve destoar do propósito geral da superestrutura, o qual orienta o produtor do texto e deve ser considerado durante todo o processo de escrita (planejamento/ escrita/ revisão). É o objetivo/ propósito do texto que estabelece a finalidade com que se está escrevendo, para quem está escrevendo, o seu público-alvo, e por que está escrevendo, para convencer sobre seu ponto de vista, por exemplo.

A microestrutura ou movimento três, aqui, fio condutor do texto segundo Kintsch e Van Dijk (1978), remete à coesão, ou conexão, de elementos e segmentos entre as proposições. Ela é constituída por diferentes ideias, as quais lhe dão forma, e ainda, pelas relações lineares que se estabelecem entre elas. Portanto, cada proposição se conecta com a anterior e a posterior e contém como elementos o predicado e os argumentos.

Este estudo observará três categorias fundamentais para a composição da microestrutura textual, de acordo com Kintsch e Van Dijk (1978) e Koch (1999/2000/2006): os modalizadores; os operadores lógicos e a referência anafórica;

Sobre a primeira categoria, dos modalizadores, Kintsch e Van Dijk (1978) definem que a microestrutura é composta por modalizadores como: rapidamente, lentamente, etc. Por operadores lógicos, tais como: ora/ ora, tão/ quanto, fato é, etc, e por elementos de referência e de retomada tais como: ele/ela, este/esta, àquele/ àquela.

Já Koch (2000) complementa os conceitos de Kintsch e Van Dijk (1978) ao afirmar que além dos principais tipos de modalizadores, como advérbios ou locuções adverbiais (talvez, provavelmente, certamente, possivelmente, etc), também existem os verbos auxiliares modais como poder e dever, etc, e as “orações modalizadoras”: tenho a certeza de que..., não há dúvida de que..., há possibilidade de..., todos sabem que, etc. De acordo com Koch (2000), os modalizadores são importantes na construção do sentido do discurso e na indicação do modo como aquilo que se diz é dito.

Com relação aos verbos auxiliares poder/ dever, Koch (1999) os divide em dois tipos principais: o epistêmico e o deôntico. Àquele refere-se à condição da crença,

remetendo ao conhecimento que o produtor do texto possui de um estado de coisas, já este, se relaciona com a conduta, ou seja, às normas que ditam o que se deve fazer. Contudo, o verbo **dever**, por exemplo, pode ser, segundo Koch (1999), tanto epistêmico como deôntico, como nos exemplos a seguir:

- C. Não se **deve** comer com a boca aberta.
- D. O país **deve** sair da crise, para isso, basta o envolvimento de cada cidadão.

No exemplo 1, acima, nota-se o emprego deste modalizador com o sentido de conduta ou norma, sentido deôntico, já no exemplo 2, o mesmo modalizador é empregado no sentido epistêmico, o qual demonstra conhecimento do locutor e sua crença em relação ao que é dito. Observe-se que essas relações são essenciais para os processos e tipos de argumentos serem organizados, como descrito no item 3.1.1.2, sobre o movimento 2.

Quanto à segunda categoria, a dos operadores lógicos ou operadores argumentativos, Koch (2002/ 2006) afirma que entre as principais funções exercidas por eles, podem ser destacadas:

- 1) adição (ainda, além disso);
- 2) afastamento (embora);
- 3) afetividade (ainda bem, felizmente, infelizmente);
- 4) retificação (aliás, ou melhor, isto é);
- 5) realce (é que, não, mas, é porque);
- 6) aproximação (quase, por volta de, lá por);
- 7) designação (eis, veja só);
- 8) exclusão (salvo, exceto, apenas, sequer);
- 9) limitação (só, somente, unicamente);
- 10) inclusão (além disso, também, inclusive, até);
- 11) explicação (a saber, isto é, por exemplo);
- 12) situação (então, agora, afinal).

Novamente, é fácil notar que todos esses operadores podem ser selecionados pelo produtor de artigo de opinião para organizar a textualização argumentativa. Nesta pesquisa, serão destacados, a partir da proposta de Koch (2006, p.31-39), sete tipos de operadores lógicos para proceder com a análise dos dados, no

que se refere a verificar o movimento 3, a microestrutura dos dados, de acordo com ferramenta CARS:

1. Operadores lógicos que agregam argumentos com a finalidade de chegar a uma conclusão comum: também, ainda, não só..., mas também, além de..., além disso..., a par de, e ..., etc.
2. Operadores lógicos que iniciam uma conclusão, a qual remete a um argumento já apresentado: portanto, por conseguinte logo, desta forma, destarte, etc.
3. Operadores lógicos de argumentos alternativos que podem levar a mais de uma conclusão: ou, ou então, seja... seja, quer... quer etc.
4. Operadores lógicos de comparação que apontam para uma conclusão: mais que, menos que, tão... como, tanto quanto, etc.
5. Operadores lógicos usados para justificar ou dar explicações: pois, porque, já que, etc.
6. Operadores lógicos que instituem argumentos contrapostos, para conclusões de oposição: mas (porém, entretanto, contudo, no entanto, etc), embora (apesar (de que), ainda que, posto que, etc.).
7. Operadores lógicos que marcam ideias pressupostas: já, agora, ainda, etc.

Além de observar o emprego de operadores lógicos, no movimento 3, também se mostra necessário para a análise a ser apresentada no capítulo 5, que se considere mais uma categoria para a descrição da microestrutura: a referenciação, com destaque às relações anafóricas.

Para tanto, a partir dos conceitos de Koch (2004, p. 59) este estudo considera que a referenciação anafórica serve para localizar antecedentes ou informações utilizados anteriormente no texto, a anáfora pronominal, por exemplo, é usada para evitar a repetição do termo usado anteriormente, como no exemplo:

E. Ana está muito cansada. Ela precisa dormir.

Nesse exemplo, o pronome pessoal “ela” é uma anáfora que faz referência ao substantivo Ana, evitando sua repetição.

Conforme Koch (2004), existem a referenciação/ retomada por anáforas correferenciais, por sinonímia ou parassinonímia, e por hiperonímia, sendo esses tipos de anáforas os mais recorrentes nos textos.

As anáforas correferenciais são as retomadas de elementos anteriormente expressos no texto por meio da repetição total ou parcial desses elementos ou referentes. Como se pode observar nos exemplos:

F. **Carlos** está nos esperando. Encontre-o hoje no hospital.

G. Ana tem um novo **namorado**. **O rapaz** é muito educado.

Pode haver casos de **anáfora** sem uma correferência precisa, por exemplo:

H. A cozinha está impecável. As panelas estão brilhando. Os talheres higienizados. Nesse caso, a ideia de impecável não se liga apenas a um referente, mas relaciona-se a todos que estiverem no mesmo local.

As anáforas por sinonímia ou parassinonímia se concretizam quando uma retomada é realizada por expressão sinônima ou aproximadamente sinônima; Como no modelo abaixo:

I. O **carro** bateu no poste. Isso gerou diversas avarias no **veículo**.

Além dessas anáforas, há também a referenciação por hiperonímia, a qual se dá por meio de um hiperônimo associado ao indivíduo-espécie ou espécie-gênero. Observe-se o modelo:

J. Os **gatos** são hábeis caçadores. São **felinos** muito adaptáveis.

Por um termo genérico, efetua-se por meio de nomes referentes ao mesmo gênero, ou seja, que designam a mesma coisa.

Enfim, a materialidade dos gêneros textuais tem relação direta com questões textuais, quer dizer, com a harmonia entre a micro, a macro e a super estrutura textuais. Logo, a harmonia entre os três movimentos característicos dos gêneros, Swales (1990), é a atividade indispensável para se elaborar um texto, devendo-se primeiramente formular as proposições globais, a partir das quais, surgirão cada um dos significados particulares que darão sentido a essas proposições.

Diante do quadro descrito até o momento, sobre a metodologia CARS e seus movimentos para a descrição de gêneros, bem como a proposta aqui desenhada de se considerar que as organizações de micro, macro e superestruturas textuais estão vinculadas a tais movimentos, na sequência, será apresentada a questão do planejamento de artigo de opinião como parte do processo de letramento necessário para a produção desse gênero.

Vale retomar, antes, a proposta aqui desenhada de que a metodologia CARS, bem como todo o processo teórico-metodológico desenhado até o momento neste capítulo, constitui-se como uma ferramenta tecnológica que guiou o levantamento de dados (a ser explicado no capítulo 4 da metodologia), e, também a análise dos mesmos dados no capítulo 5. Ressalta-se, também, que o olhar para esses movimentos da CARS já pode apontar o quanto de saber faz-se necessário conjugar

para ler e produzir artigos de opinião, ou seja, quão grande é o conjunto de competências linguísticas, sociais e cognitivas que precisam ser acionadas para a produção desse gênero. Quer dizer, é necessário o desenvolvimento de múltiplos letramentos, ou de um novo tipo de letramento, para que a realização desse evento comunicativo se dê com qualidade.

Com certeza, uma ação necessária a ser desenvolvida nesse processo de letramento é a aprendizagem e uso de uma tecnologia para auxiliar em sua produção, no caso aqui, defende-se que seja o planejamento de escrita. Por conta disso, no próximo item esse é o foco: planejamento para a produção de artigo de opinião.

3.2 O planejamento de artigo de opinião para processo de ensino-aprendizagem

Caracterizado como um dos gêneros discursivos que circulam com frequência nos ambientes digitais, seja com objetivo pessoal ou profissional, o domínio de escrita do artigo de opinião é também uma prática recorrente de letramento no contexto acadêmico. Sua escrita, já foi e continua a ser, por exemplo, requisito para o ingresso de candidatos que pleiteiam vagas em cursos de graduação e de pós-graduação. Além disso, o artigo de opinião é um gênero estruturalmente muito semelhante ao artigo científico e a carta do leitor, gêneros que também são de base argumentativa, sendo estes comumente empregados como instrumentos de avaliação em diversos cursos de graduação, especialmente na modalidade a distância, e *stricto sensu*, onde são produzidos diretamente no suporte digital e enviados via correio eletrônico para avaliação.

Assim, dominar a elaboração adequada do gênero artigo de opinião, tanto no suporte analógico quanto em suportes digitais, propicia ao discente mais habilidades para desenvolver outros gêneros de base argumentativa que também são muito relevantes para a prática discursiva contemporânea.

De acordo com Swales (1990) e Bazerman (2009), as práticas sociais são ações sociais contínuas por meio do discurso que a sociedade contemporânea cultiva, tais como o uso de gêneros de base argumentativa, com destaque para o gênero artigo de opinião, o qual é muito usado em ferramentas digitais. Essas práticas de uso do gênero artigo de opinião corroboram ainda mais para comprovar a importância deste estudo, no qual se almeja analisar se a ferramenta digital afeta, e até que ponto influencia, o processo de planejamento em relação à escrita final do gênero, comparando sua elaboração manuscrita e analógica por meio da teoria Sociorretórica.

Para verificar isso é preciso saber, então, o que é planejar e como se pode ensinar a planejar o artigo de opinião. Para essa empreitada buscou-se principalmente as propostas de Antunes (2010) a fim de tentar mostrar um caminho para esse processo de letramento.

A partir do que se estabelece até esse ponto com o uso da ferramenta CARS, este item se propõe a demonstrar a importância de planejar antes de iniciar a elaboração de qualquer gênero textual, uma vez que, a própria etapa da planificação possui os movimentos 1, 2 e 3 previstos na metodologia CARS e, como será mostrado a seguir, com base em estudos sobre o ato de planejar textos, a qualidade final de um escrito depende diretamente de como ele foi planejado.

Antunes (2010, p. 54-57) afirma que a condição final de um texto depende de como se respeitou cada uma das funções cumpridas em cada etapa necessária para se produzir um texto. De acordo com a autora, as etapas indispensáveis para se escrever com propriedade são: planejar, escrever e revisar/ reescrever.

A primeira etapa, segundo Antunes (2010), o planejamento, consiste no tempo em que o produtor do texto precisa ampliar seu repertório sobre o assunto, por meio da leitura dos textos motivadores e da memória, tal como já foi citado, delimitar o tema, seu ponto de vista ou tese, e como manter sua unidade, escolher os objetivos e o gênero (artigo de opinião); determinar os critérios de organização das ideias; antever a situação em que seu texto irá circular, a linguagem que sua escrita deve assumir, menos formal, mais formal ou semi-formal, como no caso do artigo de opinião, e as condições de seus leitores, quem são, o que pensam, que prováveis reações terão ao lerem o texto, etc, e vale ressaltar que isso se relaciona com o movimento 1 da ferramenta CARS, pois se o propósito já estiver definido no planejamento é mais provável que ele seja atingido com êxito na produção final, quer dizer, o conhecimento prévio sobre a superestrutura do gênero precisa ser determinado no momento do planejamento.

Seria também no planejamento o momento propício para pensar a disposição das informações, em que ordem aparecerão os tópicos e subtópicos, como será o início, o desenvolvimento e as considerações finais, ou seja, a macroestrutura do texto, relacionada ao movimento 2. Planejar, nesse sentido, diz respeito tanto a ações para concretizar o movimento 1, quanto para desenvolver o movimento 2, quer dizer, estabelecer a comunidade discursiva mais o propósito e conhecer/ compartilhar a macroestrutura do gênero, para, a partir desses movimentos conseguir e ter a

oportunidade de projetar o desenho do texto, tal como um arquiteto desenha a planta de uma construção antes de executá-la. Ainda que as relações linguísticas pertinentes à microestrutura não sejam parte essencial para o planejamento, quanto da realização deste, muitos elementos como os modalizadores já podem estar presentes na planificação.

Já a etapa da escrita, segunda fase conforme Antunes (2010), consiste em iniciar o texto em si, atribuindo-lhe forma, registrando no papel o que foi planejado conforme as delimitações, as decisões de organização, as escolhas e as previsões feitas na primeira etapa. Seria como se no planejamento ficasse bem definida a receita e reservado todos os ingredientes para fazer um bolo e, na segunda etapa, da escrita em si, iniciasse a execução do passo a passo das indicações para a preparação do texto, acrescentando os ingredientes na ordem e medidas estabelecidas.

De acordo com Antunes (2010), na segunda etapa, devem ser feitas as escolhas lexicais e sintático-semântica, ou seja, as escolhas da ordem das microestruturas, de acordo com o que foi planejado e em conformidade com as condições concretas da situação de comunicação, por exemplo, a quem o tema/problema afeta na vida real? Como afeta? Quais as causas e as consequências? Como seria possível resolvê-lo na prática? Essa etapa dois, exige constante estado de reflexão, releitura do que já se escreveu, inclusive, retomada e reformulação do planejamento, para que o texto tenha sentido, coerência e seja relevante.

A última etapa que determina o sucesso da produção escrita, conforme Antunes (2010), é a fase da revisão e reescrita, a qual representa o tempo para se analisar o que foi escrito. Quem escreveu precisa, antes de reescrever, confirmar se os objetivos foram cumpridos, se manteve a centralidade temática prevista no planejamento, se o texto é coerente e coeso no encadeamento das ideias e dos segmentos, se sintática e semanticamente a escrita respeita às normas da língua e as características do gênero escolhido.

Por fim, deve-se verificar, na leitura de revisão, se foram respeitados aspectos superficiais do texto como ortografia, pontuação e paragrafação, pois essa é a última oportunidade para se refazer, retirar ou manter o que foi registrado antes da reescrita definitiva.

Vale ressaltar que a análise aqui desenvolvida, está preocupada especificamente com a verificação total do processo de planejamento para a produção dos textos/ dados de pesquisa. Além disso, será verificado se a realização ou não do

planejamento interferiu na configuração final dos textos que foram escritos nas duas ferramentas tecnológicas. Portanto, não serão verificados os processos da escrita e da revisão/ reescrita, mas apenas o produto final, pois não seria possível, em um trabalho de mestrado, investigar por completo as três etapas de produção, ficando essas análises para pesquisas futuras que certamente poderão gerar outra (s) análise (s) de valor equivalente ao desta e de grande contribuição para a linguística.

Logo, a análise completamente focada no processo do planejamento, em relação as versões finais produzidas, a partir da descrição já estabelecida com a ferramenta CARS como uma lente especial para a modelização do artigo de opinião, é o objetivo final desta pesquisa. Então, é importante clarear, ainda mais, a proposta do que seja planejar texto em uma perspectiva de ensino/ aprendizagem de escrita, quer dizer com a intenção de ampliar os graus de letramentos dos autores, no que diz respeito às próprias estratégias para a produção de texto. Por conta disso, completando a proposta de Antunes (2010), vale a pena apresentar encaminhamentos também de pesquisadores como Adam (2008), Leny (2005), Storrer (2009), Cabral (2013) e David e Plane (1996) sobre a ação/ estratégia de planejar.

Adam (2008, p. 254 - 256) defende que, assim como os gêneros, os planos de textos são protótipos mentais compartilhados e disponíveis no conhecimento prévio dos grupos sociais. Para o autor, os planos de texto exercem função essencial na composição macrotextual do sentido ao defender que a compreensão completa e a construção dos sentidos, para quem lê um texto, depende da percepção de um plano de texto - o que é plausível ser aplicado também para quem escreve, levando em consideração que os processos de leitura e de escrita exigem habilidades cognitivas muito semelhantes. Como base para tal semelhança, vale pensar como é proveitoso para um leitor compartilhar dos mesmos protótipos mentais do produtor do texto que lê, uma vez que isso facilita inferir os propósitos do autor.

Também para Leny (2005), o reconhecimento das características estruturais de um texto são dados por conhecimento compartilhado a partir de conhecimentos linguísticos e textuais prévios, com os quais o produtor do texto possui afinidade. Ademais, se o autor de um texto compartilha com seu público alvo o modo de planejar o gênero que escreve, ou seja, como se faz determinado gênero, que estratégias se adota para planejá-lo, que características possui, ele não precisará descrever minuciosamente o porquê argumentou, em vez de narrar ou, por que utilizou linguagem denotativa em vez de conotativa, no caso do gênero de base

argumentativa, a título de exemplo - e isso está perfeitamente relacionado com o conceito de comunidade discursiva de Swales (1990) e com a descrição aqui realizada para o movimento 1 da CARS.

Também nessa linha de conhecimento compartilhado, Storrer (2009, p. 209), ao abordar sobre planejamento textual, pondera que quanto mais um texto é moldado em consonância com a forma convencional dele esperada, menor será o esforço mental para a sua elaboração e maior as chances de que esse escrito apresente coerência e atinja seu propósito comunicativo. Depreende-se, então, que se uma pessoa tem o hábito e domina a forma de proceder com a planificação textual antes da escrita propriamente dita, isso torna o processo cognitivamente menos trabalhoso para ela, além de propiciar melhores resultados na versão final da escrita.

Parece possível, então, afirmar que, se alguém pauta, planeja, seu texto a partir da “forma” de um dado gênero, certamente o escrito tende a tomar a “forma” do gênero escolhido e isso pode evitar demasiado desgaste mental e de tempo, seja pela indefinição de como escrever, seja no sentido de prevenir que o texto, quando concluído, apresente alguma característica indesejada ao gênero, a menos que tal característica seja proposital para também valer como um chamariz, inclusive, argumentativo.

Nessa linha de pensamento, Cabral (2013, p. 256-257) defende que o conceito de plano de texto pode ser uma ferramenta valiosa para as decisões daqueles que escrevem no tocante aos aspectos linguísticos e à textualidade como um todo, uma vez que planejar é em suma, segundo a autora, preparar o texto para que o leitor construa sentidos próximos aos desejados por quem escreveu. Da mesma forma, os autores David e Plane (1996) acreditam que o planejamento oportuniza selecionar ideias antes de escrever, organizá-las e antever os conhecimentos do leitor para que, após a formulação, e, com base nessas ideias e suposições, organize-se o texto linearmente.

Segundo David e Plane (1996), o processo de planejar possui duas etapas. A primeira consiste em recuperar ideias, no contexto, nos textos motivadores, por exemplo, e na memória. A segunda, em organizar essas ideias e, conforme os autores, quanto melhor elas forem resgatadas da memória e do contexto e organizadas, melhor será o texto, já que certamente as ideias originárias, principalmente da memória, não surgirão linearmente, cabe ao produtor organizá-las,

estabelecer a coerência e a coesão entre elas em um segundo momento, ou seja, na escrita em si.

Sobre como realizar esse resgate e organização das ideias, Cabral (2013) classifica os produtores de texto em duas categorias, os maduros e os imaturos. Estes, equivocadamente, passam da geração e organização das ideias diretamente para a escrita, o que geralmente os leva a se perder no processo de textualização, por outro lado, já os maduros, procuram controlar a produção e planejar antes de escrever, enfim, se empenham primeiro em um projeto de dizer, antes de dizer. Conforme a estudiosa, as duas etapas do planejamento - a de geração e a de organização, descritas por David e Plane (1996) - poderiam ser ainda mais específicas e divididas em partes menores, por exemplo, no caso de textos de base argumentativa, que interessa mais propriamente a este trabalho, observando a seguinte ordem dos tipos de planejamento, os quais aqui já se colocam relacionados aos movimentos da sociorretórica:

- 1) Definição da tese que será defendida, o que se relaciona com o movimento 1 da ferramenta CARS, ou superestrutura, isto é, estabelecer o objetivo de escrita.
- 2) Registro da tese sob a forma de uma proposição. O produtor deveria anotar a tese, no alto da folha, para não fugir do tema que se propôs a defender. Pode-se, ainda, conforme a autora, construir um parágrafo, uma introdução por exemplo, que contenha a tese, o qual poderá ser utilizado no momento da escrita.
- 3) Ordenação das ideias, organizá-las por categorias – essa organização pode ser realizada por meio de um mapa conceitual, por exemplo, com símbolos e setas interligando conceitos anotados em diversas posições na folha.
- 4) Criação de uma lista dos elementos do texto - dispostos preferencialmente em ordem vertical na página, ou planejamento em formato de fichamento;
- 5) Opção pelos movimentos conforme o gênero do texto, ou seja, definir previamente a estrutura do texto conforme o gênero exige, no caso do artigo de opinião, tentar prever os movimentos 1, 2 e 3 já no planejamento.
- 6) Ordenação da lista criada de acordo com o gênero o qual se optou formando períodos e os parágrafos do texto, o que se liga ao movimento 2 do modelo CARS, ou seja, a macroestrutura textual que define, por exemplo, o que caracteriza a introdução, o desenvolvimento e a conclusão;

7) Escolha dos conectores textuais, para estabelecer as relações lógicas e argumentativas - este item remete ao movimento 3 do modelo CARS, o qual diz respeito a coesão textual;

8) Busca de exemplos e citações para reforçar a argumentação – item que se liga ao movimento 2 e 3 do CARS, os quais são caracterizados pelos tipos de argumentos utilizados pelo produtor do texto, conforme abordado no subitem 3.1.1.2 deste capítulo.

Para Cabral (2013), essas etapas são típicas do processo de produção do escritor maduro e direcionam a produção nesse sentido. Elas permitem que o produtor tenha presentes e ordenadas, para consulta durante a escrita, suas ideias, as palavras e argumentos, fundamentados com a pretensão de usar no seu texto e prévias do que o leitor possivelmente já sabe, se pretenda que ele saiba, se almeja comunicar a esse leitor - ou qual o propósito do texto - movimento 1 da ferramenta CARS.

Enfim, percebe-se que há relação indissociável entre os três movimentos retóricos característicos dos gêneros textuais, estabelecidos pela metodologia CARS, em Swales (1990), as três etapas essenciais para a produção de um bom texto (planejar, escrever, reescrever/revisar), por meio dos quais fica evidente e inegável que há protótipos, padrões, suficientemente estáveis e necessários, compartilhados por comunidades discursivas, especialmente entre quem produz e quem lê. Esses protótipos propiciam ao escritor saber os movimentos necessários para que seu texto não destoe das características esperadas que o gênero apresente, auxiliam para que não lhe seja tão penoso escrever sem ter de onde partir e contribuem a fim de que o produto final de sua escrita seja considerado satisfatório.

A partir dos conceitos trabalhados neste capítulo sobre: a super, a macro e a microestrutura textual, movimento 1, 2 e 3 da CARS, e sobre as etapas essenciais para se realizar uma escrita eficaz, planejamento, escrita e reescrita, em especial a etapa do planejamento, nota-se a importância para o ensino-aprendizagem de se pensar se os letramentos contemporâneos, voltados para a produção textual, têm sido adequados, se todos os procedimentos elencados neste capítulo, os quais estão implicados e são, como demonstrado, indispensáveis para a produção de um texto, são levados em conta para ensinar e para escrever textos, seja na ferramenta analógica ou na digital.

Ainda nessa ordem, o quanto a escola ensina sobre a tecnologia de planejar com um gênero em si, quer dizer, o quanto a escola ensina sobre os modos,

estratégias e estruturas de planejamento? Nesse sentido esta pesquisa tem seu valor, pois pode contribuir para que essa etapa do processo de escrita seja mais valorizada, principalmente alertando sobre as diferenças que podem haver quando o planejamento é realizado em um meio digital e analógico.

Síntese do capítulo 3

Neste capítulo, os principais pontos apresentados foram:

- 1) O conceito de gênero discursivo para este trabalho é o de Swales (1990), autor que define gênero como uma classe de eventos comunicativos, sendo o evento uma situação em que a linguagem verbal é significativa e notoriamente necessária. O evento é constituído pelo discurso e pela sua função, pelos participantes do discurso, e pelo ambiente onde esse é produzido e recebido.
- 2) Para a análise do gênero artigo de opinião tanto para a coleta quanto para a análise dos dados, esta pesquisa se valeu da ferramenta CARS com os três movimentos retóricos em composição com os propósitos de super, macro e micro estruturas de Bronckart (2003, 2006). Os principais movimentos são:
 - A- (Movimento 1) - avaliar os propósitos retóricos;
 - B- (Movimento 2) - revelar as estruturas da informação;
 - C- (Movimento 3) – determinar as escolhas sintáticas e lexicais dos gêneros;
- 3) Também foi selecionada uma definição de argumentação para compor a descrição do gênero, como sendo defesa de ponto de vista ou tese. Nesse sentido, argumentar, significa apresentar fatos, razões, provas contra ou a favor (de algo); Nota-se, nessa definição, que o objetivo de quem produz um texto argumentativo é basicamente defender uma tese ou refutá-la por meio da apresentação de argumentos que deem sustentação ao posicionamento assumido, conforme Costa (1994) e Travaglia (2007).
- 4) Para finalizar, observou-se a importância e os modos de planejamento de escrita, seguindo principalmente os conceitos de Antunes (2010) e David e Plane (1996).

4 Metodologia de pesquisa adotada

4.1 O objetivo geral e os específicos, a hipótese e a justificativa

Os procedimentos adotados para realizar a presente pesquisa, a qual possui caráter interpretativista/ quali quantitativa, foram baseados, sobretudo, nas propostas de Deslandes (1992), Chizzotti (2006), Minayo (1992), Strauss e Corbin (1990), Lowenberg (1993) e Denzin e Lincoln (2006), pesquisadores que descrevem desde a construção adequada de um projeto de pesquisa, o percurso científico de coleta, a descrição, a análise e a perspectiva interpretativista/ quali quantitativa dos dados, até a necessidade de se considerar a relação de interdependência entre os sujeitos e os objetos pesquisados. Entre essas medidas destacam-se: leituras e formulação de resenhas de estudos sobre a relação entre a linguagem e a tecnologia, leituras e fichamentos sobre letramentos e novos letramentos, leituras e resenhas sobre a definição sociorretórica de gênero textual e sobre a modelização do gênero artigo de opinião, leitura e anotações sobre a metodologia/ ferramenta CARS de Swales (1990), e, por fim, fichamentos de leituras sobre as três etapas implicadas e decisivas para a qualidade da escrita de um texto: planejar, escrever e reescrever/ revisar, Antunes (2010).

Além dessas, outras estratégias complementares se mostraram essenciais tanto para a averiguação, confirmação da hipótese inicial, como para a obtenção dos resultados até então obtidos por meio da análise dos dados de dois informantes que participaram dos estudos, esses resultados preliminares estão disponíveis no capítulo 4 da pesquisa.

As estratégias complementares foram: desenvolver tabelas/quadros (Apêndice -A) para cruzar os dados, por exemplo, verificando se textos, produções finais, com menor qualidade nos quesitos estipulados nas tabelas, não foram planejados, o que revelaria ser a falta de planificação determinante para a produção de um texto adequado e corroboraria para a confirmação tanto da hipótese quanto para atingir o objetivo geral da pesquisa quando esta estiver concluída, ou seja, quando a totalidade dos dados tiver sido verificada. Essas estratégias implementadas na investigação também auxiliaram a constatar se, na ferramenta papel com caneta, as estratégias para escrever e a maneiras de produzir de sentido são diferentes em comparação com a ferramenta computador, por exemplo, avaliando, se o processador de texto

propicia a planificação do gênero artigo de opinião ou a dificulta ao ponto de demandar uma nova estratégia para escrever, com base nos conceitos de Bezemer; Kress (2008, 1997) e do Grupo de Nova Londres, *The New London Group*, (1996) - para que a comunidade investigada se aproprie das técnicas demandadas para escrever o gênero nessa nova tecnologia, ou tecnologia mais recente.

Para começar, esta análise empregou um conjunto de métodos interpretativos interligados, propostos por Denzin e Lincoln (2006, p. 24 - 33), a fim de captar o ponto de vista dos indivíduos participantes, tais como o uso de questionário, a ferramenta CARS de Swales (1990) e a idealização de tabelas para analisar os dados, na busca de compreender melhor a realidade que envolveu e influenciou a geração dos dados de estudo, ou seja, dos textos produzidos no impresso e dos textos digitados. Esse procedimento foi necessário para constatar qual dos suportes propiciou melhores condições para a produção do referido gênero textual.

Partindo dos conceitos de Deslandes (1992, p. 31-50), foram delimitados o problema, o objeto de estudo, o objetivo geral e os específicos desta pesquisa, além de estabelecer o marco teórico inicial que a sustenta. Assim, o primeiro passo foi circunscrever o problema elaborando a seguinte hipótese: o uso de recurso tecnológico digital ou analógico interfere na qualidade da produção de planejamento de escrita.

Com a hipótese definida, passou-se a necessidade de delimitar o foco do estudo, ou seja, o objetivo geral. Então, para investigar essa hipótese, foi proposto como objetivo geral desta pesquisa a necessidade de averiguar se o uso de artefato digital ou analógico para a escrita revela diferenças nas estratégias e processos de planejamento para produção de um gênero textual, no caso, escolheu-se o gênero artigo de opinião por este ser um gênero muito comum de escrita, ou seja, uma prática típica da comunidade discursiva escolhida: acadêmicos do primeiro ano de Letras - a razão da escolha dessa comunidade está explicitada no item 4.2 do presente capítulo, sobre os participantes. Para desenvolver tal objetivo, foram, primeiramente, organizadas resenhas de leitura de pesquisas que discutem a relação entre tecnologias, processos de escrita e letramentos digitais, conforme apresentado no capítulo 2, sendo essas resenhas o primeiro objetivo específico deste estudo.

A partir também de leituras, desenvolveu-se um segundo objetivo específico, descrever, com base na perspectiva sociorretórica de estudos de gêneros discursivos, a metodologia CARS e, ainda, de modo conciso, apenas para encaminhamento

didático da pesquisa, relacionar essa metodologia com as noções de superestrutura, macroestrutura e microestrutura de textos base para a produção de gênero artigo de opinião. Essa tarefa foi apresentada no capítulo 3.1.1. Também nesse capítulo foram desenvolvidas propostas que tratam sobre estratégias de planejamento de escrita, uma vez que esse tema é central neste trabalho.

Finalizadas essas etapas da pesquisa, descritas nos capítulos 2 e 3, é preciso agora explicar as ações realizadas a fim de desenvolver a coleta e análise de dados. Também essa tarefa está pautada nos pressupostos de Deslandes (1992) e Lowenberg (1993), pois a pesquisa interpretativa reúne estudos que utilizam a fenomenologia e o interacionismo simbólico como base a fim de investigar como ou a partir de que ideias essenciais o ser humano percebe ou interpreta o mundo a sua volta.

Na mesma linha de pensamento, Blumer (1969) e Charon (1989) partem da concepção de que o interacionismo simbólico se preocupa em compreender a conduta humana, ou seja, a maneira como as pessoas percebem os fatos e o que acontece a sua volta e, como elas agem em relação a esses fatos e suas conclusões. Para isso ser considerado no desenvolvimento de uma pesquisa, Lowenberg (1993) observa a necessidade de a descrição teórica ser fundamentada em dados, como no caso deste estudo. Ainda, com relação a esse trabalho com os dados, Strauss e Corbin (1990) completam o pensamento de Lowenberg (1993) propondo que todos os procedimentos da teoria fundamentada nos dados visam identificar, desenvolver e relacionar conceitos.

Assim, pela importância dessa etapa de trabalho com os dados, a seguir, são detalhadas as ações que foram aqui realizadas para desenvolver tal etapa.

4.2 Os participantes e o contexto de geração dos dados

Para poder avaliar se há ou não diferença na produção de planejamento de artigos de opinião quando os produtores de texto se valem de diferentes ferramentas de escrita, procurou-se estabelecer um contexto para a coleta de dados que evitasse o máximo possível de variáveis nas ações de produção. Justamente por isso é que se selecionou para a produção o gênero artigo de opinião, entre outros, por tratar-se de um evento comunicativo cujo propósito, formato e estilo (super, macro e microestruturas como descrito no capítulo 3) é bastante conhecido na sociedade em geral, principalmente, por fazer parte de muitas provas de seleção de universidades.

Esse fato já auxiliaria ao se propor um grupo mais homogêneo no que diz respeito à variável conhecimento social do gênero, o que levou à seleção de graduandos para participar da pesquisa.

Outra variável que poderia interferir na produção dos dados era a questão da maturidade da capacidade de escrita dos informantes, para procurar evitar que ela fosse muito diferente entre eles e assim trabalhar com um grupo mais homogêneo possível, optou-se por graduandos do primeiro período do Curso de Letras. Dessa forma, *foram convidados para participar da pesquisa e produzir artigos de opinião nas plataformas digital e analógica* dez alunos do primeiro semestre da graduação em Letras Português, no ano de 2017, de uma universidade pública do sul do Brasil.

O número de informantes foi decidido tomando como base trabalho próximo ao desta análise já realizado por Hass (1996), a qual investigou, por exemplo, a questão do planejamento de escrita com diferentes recursos tecnológicos durante as décadas de 1980 e 1990 e, para tanto, trabalhou em uma de suas análises com 10 informantes, essa pesquisa em particular verificava se os participantes conseguiam lembrar a localização espacial da informação, Haas (1996, p.43). Assim, o número de dez alunos pareceu ser suficiente para atingir os objetivos da pesquisa, uma vez que este estudo é de caráter essencialmente interpretativo³.

4. 2. 1 A coleta de dados

Antes de descrever os procedimentos realizados para a coleta de dados é oportuno destacar que em todas as etapas de produção/ coleta, seja a realizada no suporte papel e caneta ou no processador de texto, os graduandos foram filmados por quatro câmeras posicionadas em pontos estratégicos do laboratório nos dias de coleta. Esse recurso em áudio e vídeo propiciou uma análise mais acurada das atitudes e comportamentos dos participantes diante de cada suporte e o posterior resgate de intervenções ou ocorrências de escrita que não foram observadas, seja nas versões manuscritas, seja nos textos digitados que foram salvos pelo programa, pois, conforme Chizzotti (2006, p. 84) é um contributo importante considerar todas as ações e reações dos sujeitos envolvidos na pesquisa. Então, para organizar todos os

³ A realização desta pesquisa e todos os procedimentos para a coleta de dados foi aprovada no comitê de ética em pesquisa com seres humanos sob o Número do Parecer: 2.026.053 no dia 20/04/2017.

dados de maneira sigilosa, estabeleceu-se um código para busca de vídeos e registro dos informantes referindo-se aos informantes por nomes fictícios.

Feitas essas considerações iniciais, destaca-se a seguir como se deu o processo de constituição do corpus para análise. De início, no primeiro dia da coleta os participantes foram orientados sobre a sequência didática e a estrutura do gênero artigo de opinião que precisariam produzir: características do gênero, exemplo desse gênero textual, como fazer um planejamento, a etapa escrita e a etapa da revisão final. Para tanto, preparou-se uma adaptação das orientações de *Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004)* e Bronkcart (2003-2006) no que diz respeito à organização de sequências didáticas para a produção de gêneros textuais, visto que não caberia a aplicação de todos os módulos propostos por esses pesquisadores neste projeto por não estar focado, por exemplo, nos processos de reescrita. Mesmo assim, toda a orientação teórico-metodológica no que diz respeito ao trabalho com textos reais e processos de modalização foram norteadores para a realização da sequência. Isso aconteceu no dia 26/04/17, das 16h às 18h, sendo que as atividades foram ministradas pelo próprio pesquisador para auxiliar os informantes a produzirem os artigos de opinião que se tornariam também dados para esta análise. Para o desenvolvimento dessa sequência didática, então, foi preparada a descrição/modalização do gênero seguindo a proposta sociorretórica já descrita no capítulo 3. Essa descrição, portanto, não se deu com o objetivo de analisar profundamente a constituição do artigo de opinião, como se ele fosse aqui o objeto de pesquisa linguística, mas como material didático para lembrar os participantes da pesquisa sobre a constituição do gênero que eles iriam produzir. Essa organização também visou prevenir a variante de que os informantes pudessem ter esquecido, por algum motivo, por exemplo, algumas características do artigo de opinião, o qual produziriam no segundo e terceiro dia de coleta dos dados e, destacar para eles, elementos importantes a serem usados no planejamento e nas etapas da escrita e reescrita do artigo de opinião.

Para tanto, foi apresentado um exemplar de artigo de opinião, intitulado “Mídia e o culto à beleza do corpo”, publicado no site Brasil/escola e acessado em outubro de 2016, do qual são prováveis leitores profissionais da educação e comunidades escolares em geral, a fim de evidenciar aos informantes os elementos retóricos esperados para esse gênero, conforme já descrito no item 3.1.1 deste capítulo. O projeto da sequência didática realizada está no anexo IV desta dissertação.

Para a proposta, foram escolhidos dois temas diferentes, porém relacionados “a questão do comportamento narcisista em face das novas tecnologias”, ferramenta analógica e “Uso constante das novas tecnologias de informação e comunicação: vício ou necessidade na contemporaneidade?”, ferramenta digital, para constituir cada um dos enunciados das duas solicitações de produção. O objetivo era de que a temática gerasse uma discussão com pontos de vistas diversos, porém que já faziam parte do conhecimento compartilhado entre os informantes, pois isso os ajudaria aos informantes terem o “que dizer”, e estabelecerem de modo claro um propósito retórico para a escrita.

A coleta dos dados propriamente dita teve início no segundo encontro com os participantes, no dia 27/04/17, das 16h às 18h, quando eles receberam as propostas de produção na ferramenta analógica, os comandos com os textos motivadores, folhas de papel almaço destinadas a realização dos planejamentos, folhas numeradas, com 35 linhas, lápis, borrachas e canetas esferográficas. Segue o enunciado empregado para a produção desse dia:

Observe a charge a seguir.



Figura 1 – Imagem utilizada no texto motivador para produção textual na 2ª fase do vestibular 2015/2016 da UFPR

Fonte: <http://www.gazetadopovo.com.br/educacao/vestibular-da-ufpr-benett-comenta-a-propria-tirinha-que-caiu-na-prova-7szjkafu9ajm6mft6hk2cbn56>. Foto: Benett.

O que é Narcisismo:

Narcisismo é um conceito da **psicanálise** que define o indivíduo que **admira exageradamente** a sua **própria imagem** e nutre uma **paixão excessiva por si mesmo**. O termo é derivado de **Narciso**, que segundo a mitologia grega, era um belo jovem que despertou o amor da ninfa **Eco**. Mas Narciso rejeitou esse amor e por isso

foi condenado a apaixonar-se pela sua própria imagem refletida na água. Narciso acabou cometendo suicídio por afogamento ao tentar se relacionar com sua imagem. Posteriormente, a mãe Terra o converteu em uma flor (narciso).

Fonte: <https://www.significados.com.br/narcisismo/>

Atualmente é possível considerar que o uso inapropriado das novas tecnologias propicia que os indivíduos apresentem comportamentos narcisistas.

Elabore um artigo de opinião (em torno de 30 linhas) defendendo seu ponto de vista sobre o tema expresso na charge. Imagine que seu texto será publicado na coluna do jornal X impresso. Para isso, lembre-se das principais características do gênero artigo de opinião:

- Deixe clara a sua tese.
- Faça um planejamento para o texto.
- Varie seus argumentos (autoridade, exemplificação, etc.) e os conectores argumentativos.
- Distribua bem seus argumentos em cada parágrafo e preveja contra-argumentos.
- Elabore um título chamativo.
- Assine o seu texto.
- Use língua padrão formal ou semi-formal.

Entregue o enunciado de produção, não houve novas orientações ou intervenções quanto à sequência didática durante esse processo, uma vez que, no comando da produção, constam as orientações sobre os critérios de produção: sobre o número máximo de linhas, 30, para que deixassem clara a tese, variassem os argumentos, elaborassem um título, assinassem o texto e sobre o tipo de linguagem pertinente. Vale lembrar que todo o processo de produção analógica foi filmado, fotografado e acompanhado de registro pelo pesquisador com anotações consideradas importantes sobre os processos de planejamento empregados pelos informantes, com o objetivo de resgatar possíveis mudanças e alterações na escrita, feitas por apagamento à borracha, por exemplo.

Antes de descrever o processo da coleta na ferramenta digital, é preciso deixar registrado que houve duas coletas realizadas no computador. A primeira com o

emprego do programa Camstudio, para tentar gravar as telas e capturar as ações dos informantes no processador durante a produção de texto, porém, o programa não funcionou adequadamente e, embora o pesquisador tenha conseguido acompanhar, filmar as ações dos informantes e observado que a maioria não realizou a etapa de planejamento, ou seja, produziram direto os textos usando teclado e tela, essa coleta de dados foi abandonada e não analisada aqui, pois as gravações com o Camstudio, estavam corrompidas, trêmulas, desconexas e inviáveis para interpretar. Por isso, a coleta dos dados produzidos na ferramenta digital precisou ser repetida, no caso, no dia 28/04/17, dia esse que a gravação com o programa Webnaria funcionou perfeitamente e foi validado. Vale destacar que para cada uma dessas duas produções realizadas com a Camstudio, que falhou, e com a Webnaria, a qual funcionou perfeitamente, foram propostos dois enunciados distintos com exemplares de gêneros também diferentes, mas dentro da mesma temática geral da sequência, isso para evitar que a produção digital fosse facilitada em relação à analógica no que diz respeito ao ineditismo da solicitação de produção. Após terminarem suas produções, os informantes entregaram todo o material produzido para a posterior análise: borrões, rascunhos, planejamentos, as versões da etapa escrita e da produção final/ definitiva.

Então, a produção do artigo de opinião na plataforma digital ocorreu novamente, no quarto dia de coleta, 28/04/17, das 16h às 18h. Nos primeiros minutos desse quarto e último encontro, os participantes foram previamente informados sobre os procedimentos necessários para salvar os textos com todas as intervenções e correções por eles realizadas. Um desses procedimentos repassados aos partícipes foi, a cada 40 minutos, aproximadamente, seriam salvas por meio do programa Webnaria, em cada máquina utilizada por eles, as gravações em vídeo de todas as ações feitas por eles na tela do computador. Isso foi necessário a fim de que, posteriormente, estivessem disponíveis todas as etapas de produção com suas alterações para a análise visando atingir o objetivo geral desta e verificar se os informantes seguiram as etapas necessárias para escrever, conforme principalmente os conceitos de Antunes (2010), e qual a qualidade dos movimentos retóricos nos textos digitais finais, de acordo com a ferramenta CARS de Swales (1990), tanto dos que planejaram como dos que não planejaram os textos. Além disso, os participantes foram informados para, ao concluírem os artigos, salvar todos os arquivos que

tivessem usado para digitar, os quais, ao término desta etapa da coleta seriam resgatados para compor o corpus de análise.

Também com o computador, estava disponível para os participantes nesta etapa, papel e caneta com o intuito de verificar se alguém recorreria a essas tecnologias analógicas juntamente com as da ferramenta digital para elaborar o planejamento de escrita, contudo, ninguém recorreu a esse recurso, pois preferiram produzir diretamente na ferramenta digital. A seguir são apresentadas algumas cópias de telas para ilustrar o uso da Webnaria:

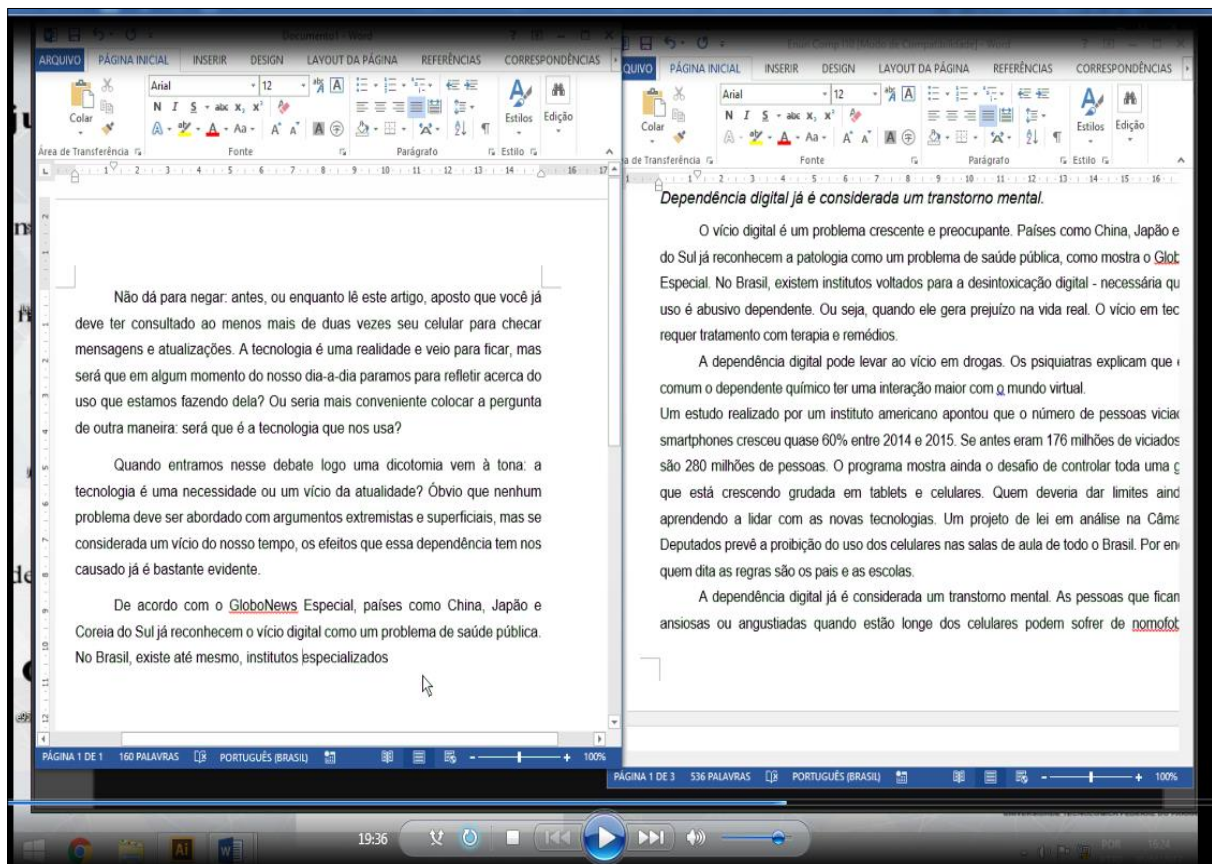


Figura 2 – Primeiro exemplo de gravação de tela realizada com o programa Webnaria
Fonte: Autoria própria.

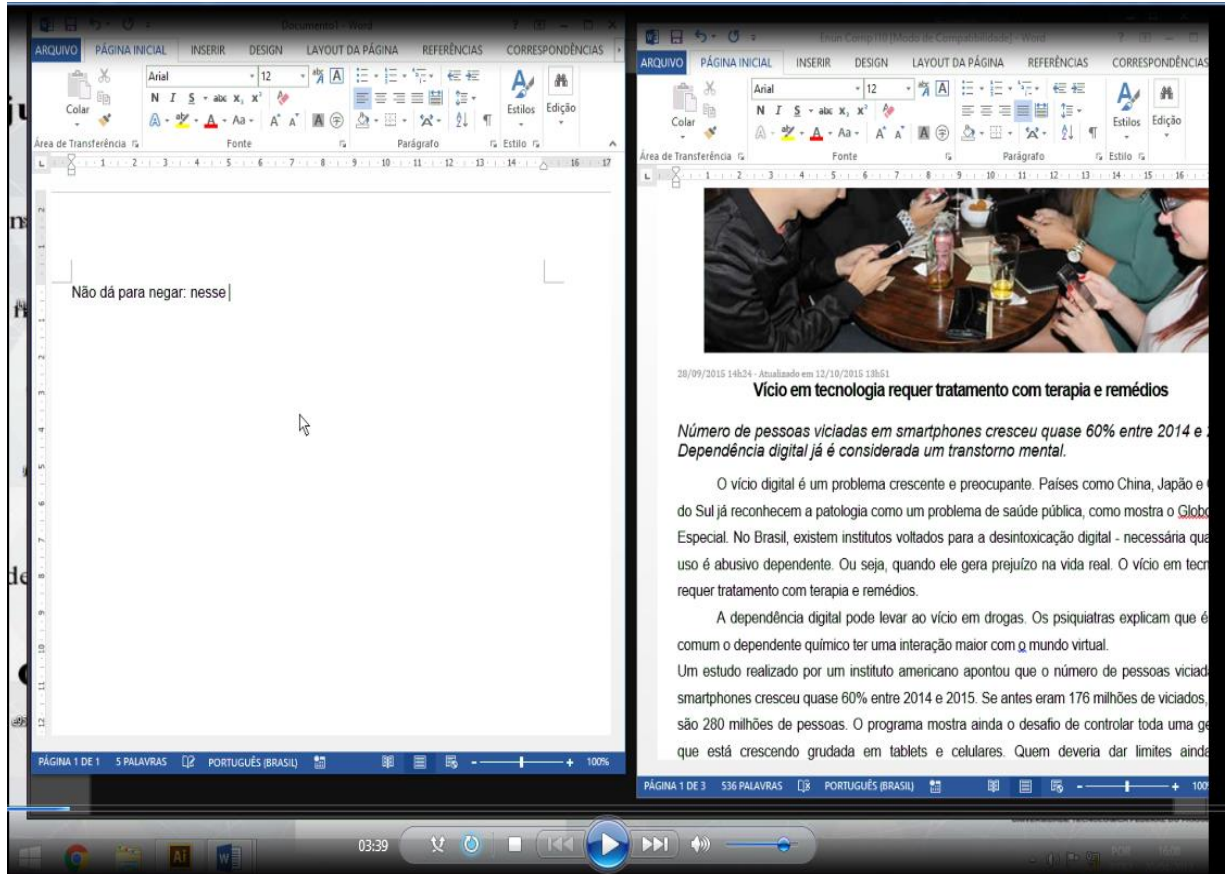


Figura 3 – Segundo exemplo de gravação de tela realizada com o programa Webnaria
Fonte: Autoria própria.

Feitas essas considerações, em seguida, os informantes receberam o comando para a produção na ferramenta digital, o qual está a seguir.

Observe a imagem e leia a notícia abaixo.



Vício em tecnologia requer tratamento com terapia e remédios

Número de pessoas viciadas em smartphones cresceu quase 60% entre 2014 e 2015. Dependência digital já é considerada um transtorno mental.

O vício digital é um problema crescente e preocupante. Países como China, Japão e Coreia do Sul já reconhecem a patologia como um problema de saúde pública, como mostra o GloboNews Especial. No Brasil, existem institutos voltados para a desintoxicação digital - necessária quando o uso é abusivo dependente. Ou seja, quando ele gera prejuízo na vida real. O vício em tecnologia requer tratamento com terapia e remédios.

A dependência digital pode levar ao vício em drogas. Os psiquiatras explicam que é muito comum o dependente químico ter uma interação maior com o mundo virtual. Um estudo realizado por um instituto americano apontou que o número de pessoas viciadas em smartphones cresceu quase 60% entre 2014 e 2015. Se antes eram 176 milhões de viciados, agora são 280 milhões de pessoas. O programa mostra ainda o desafio de controlar toda uma geração que está crescendo grudada em tablets e celulares. Quem deveria dar limites ainda está aprendendo a lidar com as novas tecnologias. Um projeto de lei em análise na Câmara dos Deputados prevê a proibição do uso dos celulares nas salas de aula de todo o Brasil. Por enquanto, quem dita as regras são os pais e as escolas.

A dependência digital já é considerada um transtorno mental. As pessoas que ficam muito ansiosas ou angustiadas quando estão longe dos celulares podem sofrer de nomofobia, um distúrbio que atrapalha a vida social, o desempenho no trabalho e pode até provocar acidentes graves. O Instituto Delete, no Rio de Janeiro, é o primeiro a tratar pessoas dependentes de internet.

“Quase 80 % dos jovens checam suas redes sociais antes de dormir. A vida virtual está ocupando um espaço que as relações de carne e osso deveriam ocupar. E isso é muito ruim”, explica o psiquiatra da PUC Cristiano Nabuco. Ele defende que o primeiro contato com o mundo digital não deve acontecer antes dos 2 anos de idade.

O neurologista Luciano Ribeiro, da Associação Brasileira do Sono, destaca que o uso exagerado de smartphones e tablets prejudica a qualidade do sono, o que leva a problemas cardiovasculares, doenças endócrinas, como diabetes e obesidade, além de problemas emocionais, mentais e envelhecimento precoce.

Fonte: <http://g1.globo.com/globo-news/noticia/2015/09/vicio-em-tecnologia-requer-tratamento-com-terapia-e-remedios.html>. Acesso em abril/2017

Uso constante das novas tecnologias de informação e comunicação: vício ou necessidade na contemporaneidade?

Elabore um artigo de opinião (em torno de 30 linhas) defendendo seu ponto de vista sobre a questão tema proposta. Imagine que seu texto será publicado na coluna do jornal Folha de São Paulo *on-line* - <http://www.folha.uol.com.br/>. Para isso, lembre-se das principais características do gênero artigo de opinião:

- Deixe clara a sua tese.
- Faça um planejamento para o texto.
- Varie seus argumentos (autoridade, exemplificação, etc.) e os conectores argumentativos.
- Distribua bem seus argumentos em cada parágrafo e preveja contra-argumentos.
- Elabore um título criativo
- Assine o seu texto.
- Use língua padrão formal ou semi-formal.
- Utilize fonte Times ou Arial 12. Espaçamento entre linhas: 1,5

Assim, iniciaram a produção no suporte computador, digital, com teclado, mouse e tela, utilizando o editor de texto *Word* 2010, sem novas orientações durante as produções, uma vez que, no comando da produção, constam as orientações sobre os critérios de produção, tal como já explicado no comando para as produções na ferramenta analógica.

Após término das produções digitais, os informantes tiveram que salvar todos os arquivos/ documentos utilizados para escrever, conforme orientado no início da coleta, e todo o material produzido para a posterior análise deles: possíveis borrões, rascunhos, planejamentos, se feitos, as versões da etapa escrita e da produção final/ definitiva. Ademais, constantemente, como na produção analógica, foram tiradas fotos do processo de produção digital e feitas anotações de observações relevantes, isso foi feito com o interesse de resgatar e destacar possíveis mudanças e alterações no processo de escrita.

Ao final da realização das duas produções, ou seja, do segundo e terceiro dia de coleta, os informantes responderam a um breve questionário, com cinco questões para complementar os dados, o questionário está anexo a esta pesquisa. As perguntas foram elaboradas como instrumento interpretativo e qualitativo da presente análise a fim de considerar as impressões dos participantes e relacioná-las com os dados. As questões procuraram descobrir como os informantes preferiram planejar e escrever os artigos: manualmente ou digitando e por quê? Em qual ferramenta se sentiram mais à vontade para escrever? Que dificuldades ou facilidades encontraram em cada ferramenta? A sequência didática empregada auxiliou de alguma forma nas produções? Isso atende os objetivos de análise aqui propostos e, também, aos postulados da abordagem sociorretórica para descrição dos gêneros textuais com base etnográfica.

Essa ação também justifica a necessidade desta pesquisa ser do tipo interpretativa, pois todos os fatores que possam influenciar os participantes da pesquisa durante o processo, tais como os ambientais ou comportamentais, são muito importantes para a interpretação dos dados, conforme Minayo (1992).

4.2.2 As categorias de análise

Para olhar os dados gerados na coleta, foi necessário estabelecer também as categorias a serem averiguadas no processo de planejamento de artigo de opinião, produção e revisão desse gênero, visto que, embora o destaque aqui seja dado à primeira ação de escrita, isto é, ao planejamento, as outras ações também foram observadas por serem necessárias para se avaliar, especialmente, se diferentes estratégias de planejamento interferem na qualidade do produto final do texto.

Entre as categorias a serem consideradas estão, conforme o capítulo 3, em primeiro lugar, a superestrutura argumentativa, que dá a coordenação/ordenação de tese, definição prévia do título ou do recorte temático e remete ao propósito comunicativo. Em segundo lugar, a macroestrutura, composta pela introdução, cadeia de argumentos/ desenvolvimento e a conclusão, paragrafação, coerência, registro de argumentos do tipo causalidade/ sucessão, de autoridade, exemplo/ ilustração, paradoxo/ ironia. Também com relação à macroestrutura, foi preciso pensar a organização dos parágrafos para disposição de proposições, para a defesa da tese e para as sequências argumentativas, bem como os tipos de sequência para textualização.

Vinculada a essas anteriores, em terceiro lugar, foi necessário considerar a microestrutura, que se refere aos elementos gramaticais e semântico-lexical de enunciados, a qual revelou a importância de se olhar os itens lexicais adequados ao tema/ tese, a pontuação - se estava adequada, inadequada ou parcialmente, os modalizadores, os operadores lógicos e a referência anafórica, a fim de verificar o estabelecimento da coesão interna na sequência argumentativa.

Como já foi dito, essas categorias foram detalhadas no capítulo 3, pois, ao definir os passos para a análise, fez-se necessário detalhar os itens retóricos que seriam verificados, os quais se concretizam nos quadros A e B – estes elaborados justamente para analisar, como existentes ou não, tanto nos dados gerados, seja na ferramenta analógica, seja na digital.

Assim, para registrar tais movimentos e comparar os dois tipos de produção, analógica e digital, foram elaborados os quadros a seguir:

Planejamento analógico – Quesitos e qualidade:	
() Elaborou () Não elaborou	
Tipo:	() Resumo () mapa conceitual () fichamento () outro:
Previsão da superestrutura – Mov. 1:	() registro da tese () Registro do título
Previsão da macroestrutura – Mov. 2:	() introdução () desenvolvimento () conclusão () paragrafação () coerência, no geral, com o tema dado
	Registro de argumentos do tipo: () causalidade/ sucessão () de autoridade () exemplo/ ilustração () paradoxo/ ironia () comparação () outro:

Previsão da microestrutura – Mov. 3:	<input type="checkbox"/> itens lexicais adequados ao tema/ tese <input type="checkbox"/> Operadores lógicos: <input type="checkbox"/> referenciação: <input type="checkbox"/> modalizadores: <input type="checkbox"/> coesão
	Pontuação: <input type="checkbox"/> adequada <input type="checkbox"/> inadequada <input type="checkbox"/> parcialmente
Produção analógica (versão final) – Quesitos e qualidade.	
Movimento 1:	<input type="checkbox"/> propósito comunicativo dado por tese clara <input type="checkbox"/> título adequado ao gênero e ao tema
Movimento 2:	<input type="checkbox"/> parágrafo de introdução com tese apresentada. <input type="checkbox"/> parágrafos de desenvolvimento com diferentes argumentos. <input type="checkbox"/> coerência, no geral, com o tema dado
	Tipos de argumentos: <input type="checkbox"/> causalidade/ sucessão <input type="checkbox"/> de autoridade <input type="checkbox"/> exemplo/ ilustração <input type="checkbox"/> paradoxo/ ironia <input type="checkbox"/> comparação <input type="checkbox"/> outro:
	Conclusão: <input type="checkbox"/> com retomada e reforço da tese <input type="checkbox"/> não retoma/ não reforça a tese
Movimento 3:	<input type="checkbox"/> Uso de mais de dois operadores lógicos <input type="checkbox"/> presença de modalizadores <input type="checkbox"/> presença de oralidade <input type="checkbox"/> sentenças curtas <input type="checkbox"/> sentenças longas <input type="checkbox"/> referenciação por anáforas

	Pontuação: <input type="checkbox"/> adequada <input type="checkbox"/> inadequada <input type="checkbox"/> parcialmente <input type="checkbox"/> problemas de coesão – quantidade:
--	---

Quadro A – Análise, artigo da participante (X) – Ferramenta analógica
 Fonte: Autoria própria.

Planejamento digital – Quesitos e qualidade.	
<input type="checkbox"/> Elaborou <input type="checkbox"/> Não elaborou	
Tipo:	<input type="checkbox"/> Resumo <input type="checkbox"/> mapa conceitual <input type="checkbox"/> registro da tese sob forma de proposição.
Previsão da superestrutura – Mov. 1:	<input type="checkbox"/> registro da tese <input type="checkbox"/> Registro do título
Previsão da macroestrutura - Mov. 2:	<input type="checkbox"/> introdução <input type="checkbox"/> desenvolvimento <input type="checkbox"/> conclusão <input type="checkbox"/> paragrafação <input type="checkbox"/> coerência, no geral, com o tema dado
	Registro de argumentos do tipo: <input type="checkbox"/> causalidade/ sucessão <input type="checkbox"/> de autoridade <input type="checkbox"/> exemplo/ ilustração <input type="checkbox"/> paradoxo/ ironia <input type="checkbox"/> comparação <input type="checkbox"/> outro:
Previsão da microestrutura – Mov. 3:	<input type="checkbox"/> itens lexicais adequados ao tema/ tese <input type="checkbox"/> Operadores lógicos: <input type="checkbox"/> referenciação: <input type="checkbox"/> modalizadores: <input type="checkbox"/> coesão
	Pontuação: <input type="checkbox"/> adequada <input type="checkbox"/> inadequada <input type="checkbox"/> parcialmente
Produção digital (versão final) – quesitos e qualidade.	

Movimento 1:	<input type="checkbox"/> propósito comunicativo dado por tese clara <input type="checkbox"/> título adequado ao gênero e ao tema
Movimento 2:	<input type="checkbox"/> parágrafo de introdução com tese apresentada. <input type="checkbox"/> parágrafos de desenvolvimento com diferentes argumentos. <input type="checkbox"/> coerência, no geral, com o tema dado
	Tipos de argumentos: <input type="checkbox"/> causalidade/ sucessão <input type="checkbox"/> de autoridade <input type="checkbox"/> exemplo/ ilustração <input type="checkbox"/> paradoxo/ ironia <input type="checkbox"/> comparação () outro:
	Conclusão: <input type="checkbox"/> com retomada e reforço da tese <input type="checkbox"/> não retoma/ não reforça a tese
Movimento 3:	<input type="checkbox"/> Uso de mais de dois operadores lógicos <input type="checkbox"/> presença de modalizadores <input type="checkbox"/> presença de oralidade <input type="checkbox"/> sentenças curtas <input type="checkbox"/> sentenças longas <input type="checkbox"/> referenciação por anáforas
	Pontuação: <input type="checkbox"/> adequada <input type="checkbox"/> inadequada <input type="checkbox"/> parcialmente

Quadro B – Análise, artigo da participante (X) – Ferramenta digital
Fonte: Autoria própria.

Assim, tendo as categorias de análise definidas e os instrumentos para sua aplicação construídos, os quadros, e preenchidos conforme o que foi constatado nos dados gerados⁴, no próximo item, almeja-se apresentar como foram desenvolvidos, ou seja, como foram estruturados/ pensados esses quadros e com qual finalidade.

⁴ A totalidade dos quadros preenchidos encontra-se no APÊNDICE A; quadros 1 ao 20, com a análise dos planejamentos em relação aos textos definitivos produzidos pelos 10 informantes nas duas ferramentas.

O Quadro A, possui na parte superior, em sua primeira parte, síntese das categorias que se esperava encontrar no planejamento analógico, sendo elas: se o planejamento foi feito ou não, se o foi, que tipo de planejamento foi realizado – mapa conceitual, fichamento, outro e se houve previsão da super, macro e microestruturas nesse planejamento.

Na parte inferior do Quadro A, a segunda parte dele, contém síntese das categorias que se esperava encontrar na produção final analógica, são elas: I- Os componentes do movimento 1, propósito comunicativo dado por tese clara, relação com o tema/ comando da questão, título adequado ao gênero e ao tema. II- Os componentes do movimento 2, parágrafo de introdução com tese apresentada; parágrafos de desenvolvimento com diferentes argumentos, coerência, no geral, com o tema dado, tipos de argumentos: causalidade/ sucessão, de autoridade, exemplo/ ilustração, paradoxo/ ironia, outro; e a conclusão: com retomada e reforço da tese, não retoma/ não reforça a tese. III- Os componentes do movimento 3, uso de mais de dois operadores lógicos – quantidade; presença de modalizadores, presença de oralidade, sentenças curtas, sentenças longas, referência anafórica, pontuação: adequada, inadequada, parcialmente; problemas de coesão – quantidade.

O Quadro B, possui na parte superior, em sua primeira parte, síntese das categorias que se esperava encontrar no planejamento digital, as mesmas que se esperava observar no planejamento analógico e já citadas, e, assim como na planificação analógica, ele também foi elaborado para verificar se houve previsão da super, macro e microestruturas no planejamento feito no processador.

Na parte inferior do Quadro B, a segunda parte dele, contém síntese das categorias que se esperava encontrar na produção final digital, pois as mesmas categorias já mencionadas neste item, que compõem a segunda parte da produção final analógica, também compõem a segunda parte do quadro desenvolvido para analisar a produção final na ferramenta digital.

O último quadro desenvolvido, Quadro C, preenchido por completo e situado no capítulo 5, conclusão e considerações finais, foi idealizado com o objetivo de expor, após a averiguação, os totais das ações realizadas pelos informantes nos planejamentos e textos definitivos produzidos. Nesse quadro, há o resumo de quantos/ quais informantes, no total, planejaram e quantos não planejaram em cada uma das duas ferramentas de escrita, analógica e digital. Há também a síntese de

quantos/ quais participantes empregaram o letramento adequado, ou não, em cada ferramenta.

Com esses três quadros desenvolvidos, tornou-se possível fazer o levantamento, identificar e visualizar com mais clareza, por exemplo, quem e quantos dos informantes fizeram o planejamento ou não, tanto na ferramenta digital como na analógica, ou seja, por intermédio dos quadros, quais e quantos dos participantes elaboraram textos definitivos/ finais atendendo aos quesitos e qualidade esperada para a produção do gênero artigo de opinião, conforme as etapas necessárias para a escrita, de acordo com Antunes (2010) e as categorias sociorretóricas definidas nesta pesquisa, movimentos 1, 2 e 3 da ferramenta CARS.

O terceiro passo da análise foi viabilizado pela elaboração do quadro C, o qual foi desenvolvido visando obter-se os resultados quantitativos gerais/ totais das análises efetuadas nos dois primeiros quadros, isso propiciou e facilitou tanto as conclusões das verificações quanto a visualização das relações conceituais existentes entre as leituras obtidas de um dado com as obtidas a partir de outro(s).

Enfim, os três passos para a análise, pormenorizados neste item, atendem ao pressuposto da teoria metodológica fundamentada nos dados, Strauss e Corbin (1990), pois, de acordo com esses autores, a metodologia de caráter interpretativa visa, identificar, desenvolver e relacionar conceitos, tal como se procedeu nesta pesquisa. Descritos os passos para a análise, agora, pretende-se apresentar no item a seguir, quem são e como, a partir de quais critérios, foram selecionados os informantes para a participação neste estudo e na geração dos dados, considerando as variáveis que porventura pudessem interferir nessa geração. Assim, espera-se que este capítulo tenha disponibilizado uma descrição satisfatória dos métodos científicos empregados para dar forma e proceder com a pesquisa como um todo, de sua concepção até o desfecho idealizado para o estudo com suas principais intenções e procedimentos para coletar e analisar os dados.

5. Da análise dos dados coletados

5.1 A análise dos dados e sua relação com os capítulos 1 e 2 da pesquisa

Para iniciar o capítulo de análise, vale relembrar algumas estratégias principais utilizadas na pesquisa, estratégias descritas na íntegra nos capítulos 1, 2 e 3 deste estudo, para averiguar em que medida cada suporte tecnológico analisado, um digital e um analógico, inventados para escrever, contribuíram ou desfavoreceram o

processo de produção do gênero discursivo artigo de opinião para os graduandos participantes da pesquisa.

O capítulo um deste trabalho, por exemplo, descreveu a contextualização para o desenvolvimento do objetivo deste estudo, o qual se propõe a averiguar se o uso de artefato digital ou analógico para a escrita revela diferenças nas estratégias e processos de planejamento para produção do gênero discursivo artigo de opinião. Essa averiguação é realizada neste capítulo e ficará constatado, a seguir, que a ferramenta digital parece demandar uma estratégia diferente de planejar o referido gênero em relação a estratégia empregada para planificar na ferramenta analógica.

Além disso, no primeiro capítulo deste estudo, estabeleceu-se a definição de tecnologia como a teoria e, também, o fundamento científico da técnica, o que, por sua vez, permite caracterizar planejamento de escrita como a tecnologia sobre como fazer o texto, e este, quando escrito, como o resultado da técnica de escrever executada. Essas definições serão oportunas durante o exame dos textos produzidos nas duas ferramentas, uma vez que se observará na totalidade ou maior parte dos dados, a serem investigados, se há evidências de que o participante da pesquisa domina ou não a escrita em cada tecnologia, quer dizer, o modo de planejar em cada suporte.

A partir da evidência, exposta ainda no capítulo inicial do presente estudo, da necessidade de avaliar a qualidade das ferramentas para escrita (e seu ensino) considerando fatores sociais, políticos, culturais e econômicos envolvidos em seus usos, a presente análise levará em conta, especialmente os fatores político/econômico, quando irá refletir/ observar sobre a possibilidade de a ferramenta digital não ter sido desenvolvida com o intuito de facilitar o processo de escrita para o usuário final, mas somente ter sido criada com fins de capitalizar e adquirida por órgãos governamentais sem que estes avaliem a adequação dessas máquinas para a finalidade de escrever ou ensinar/ aprender a escrever.

Em seguida, com base no capítulo dois, serão demonstradas as relações entre novos letramentos e a necessidade de se repensar os processos para escrever no ambiente digital, sendo tais relações determinantes para a qualidade da escrita, como se verificará nas análises dos dados, nas quais se percebe que o letramento necessário para planejar na ferramenta digital, ou seja, a forma com que deve ser ensinado a produzir o artigo de opinião nessa ferramenta precisa ser distinta do letramento tradicional, o qual vem sendo praticado para orientar a técnica de escrever

esse gênero discursivo, mas sem atender à real necessidade de letramento, especialmente no suporte digital, como se verificará na análise adiante.

Ainda no segundo capítulo deste estudo, definiu-se que o conceito de gênero discursivo adotado para este trabalho seria o de Swales (1990), autor que define gênero como uma classe de eventos comunicativos, sendo o evento uma situação em que a linguagem verbal é significativa e notoriamente necessária. O evento é constituído pelo discurso e pela sua função, pelos participantes do discurso, e pelo ambiente onde esse é produzido e recebido.

Todas as definições lembradas nos parágrafos anteriores serão consideradas para a análise dos dados, ou seja, quanto à função, será verificado se o propósito do gênero foi atingido, quanto aos participantes, serão levadas em conta, quando oportuno, as respostas dadas por eles nos questionários, e, no tocante ao ambiente, se observará o comportamento e as ações gravadas dos participantes no uso de cada ferramenta. Do mesmo modo, no capítulo dois, também foi demonstrado que, seria necessário, tanto para a coleta quanto para analisar os dados, os artigos de opinião produzidos nos dois meios, esta pesquisa se valer da ferramenta CARS, com os três movimentos retóricos em composição com as propostas de super, macro e microestruturas de Bronckart (2003, 2006). Isso será realizado, já que esta ferramenta, CARS, permitiu estabelecer os critérios do que se pretende/ deve ser encontrado nos textos a fim de saber se estão adequados ou não.

Os três referidos movimentos/ propostas foram: movimento 1, avaliar os propósitos retóricos; movimento 2, revelar as estruturas da informação; movimento 3, explicar escolhas sintáticas e lexicais dos gêneros; Além disso, no segundo capítulo, selecionou-se uma definição de argumentação para compor a descrição do gênero, como sendo, defesa de ponto de vista ou tese. Nesse sentido, argumentar, significa apresentar fatos, razões, provas contra ou a favor (de algo); A partir dessa definição, a pesquisa define que o objetivo de quem produz um texto argumentativo, a função desse tipo de discurso, é basicamente defender uma tese ou refutá-la por meio da apresentação de argumentos que deem sustentação ao posicionamento assumido, conforme Costa (1994) e Travaglia (2007), e, será justamente esse objetivo um dos nortes da análise para verificar quais textos conseguiram atingir tal objetivo e quais não, sendo que o resultado final da pesquisa apontará o porquê de o referido objetivo ter sido ou não alcançado em cada dado analisado.

No capítulo dois também se observou a importância e os modos de planejamento de escrita, seguindo principalmente os conceitos de Antunes (2010) e David e Plane (1996), por isso, na análise, o intuito será confirmar a importância da etapa do planejamento durante o exame dos dados. Tal confirmação se consumará ao revelar os textos que não planejaram ou planejaram sem o letramento adequado para o suporte, sem o modo necessário de planejar em determinada ferramenta. Esses textos, inclusive, se configurarão como artigos que não terão atingido o objetivo/propósito do gênero e, por isso, estarão comprometidos nos três movimentos, com seus respectivos quesitos de qualidade.

Fundamentada nessas categorias, na modelização do gênero artigo de opinião definida pela ferramenta CARS, e baseada nos estudos sobre planificação textual de autores como Antunes (2010) e David e Plane (1996), esta pesquisa elabora e apresenta, a seguir, a análise dos dados gerados pelos dez participantes do estudo, com foco na relação entre os planejamentos e suas respectivas versões finais.

Em suma, o procedimento principal da análise a seguir consistirá em verificar se os movimentos retóricos, postulados por Swales (1990), executados pelo mesmo informante nas produções escritas/ desenvolvidas em cada suporte, nos planejamentos em relação aos textos definitivos, são os mesmos, diferentes, encontram-se suprimidos em uma ferramenta enquanto na outra não, entre outras verificações que permitirão atingir o objetivo geral.

Agora, no itens a seguir, será verificado, se haverá comprometimento da planificação textual e se esse possível comprometimento afetou a produção final dos artigos de opinião no tocante à qualidade sociorretórica do gênero textual, ou seja, se os movimentos 1, 2 e 3, de acordo com a metodologia CARS de Swales (1990), foram afetados nas produções (planejamentos em relação às versões definitivas) em meio digital em comparação com os movimentos verificados nas produções (planejamentos em relação às versões definitivas) analógicas. Ao referir-se aos participantes da pesquisa, este estudo optou por atribuir nomes fictícios para cada um deles, a intenção foi tornar a referência aos informantes mais clara, pois poderia haver confusão com os movimentos 1, 2 e 3 da ferramenta CARS, e próxima da realidade, uma vez que, ao lidar com pessoas, a presente pesquisa esforçou-se em evitar resumi-las a meros números ou algarismos, o que soa estranho e muito impessoal no tratamento com seres humanos.

Ressalta-se ainda que a análise dos dados, das produções escritas pelos dez participantes da pesquisa, quando cita ou se refere a estes, manteve a escrita original feita pelos informantes, quer dizer, não foram realizadas intervenções para retificar problemas textuais como a ortografia das palavras, por exemplo, uma vez que faz parte do intuito desta pesquisa manter as características originais das produções a fim de atingir os objetivos, principalmente o objetivo geral que consiste em investigar em qual suporte tecnológico os informantes produziram textos mais ou menos adequados sociorretoricamente, considerando os três movimentos da ferramenta CARS, com base em Swales (1990), e se essa qualidade satisfatória ou a desejar se associa com a planificação textual.

O objetivo deste capítulo é também descrever o que foi verificado referente ao propósito “tese” nos planejamentos analógicos dos dez informantes, se eles destacaram ou não esse movimento em seus planejamentos, no caso destes terem sido elaborados, e se isso de algum modo interferiu nas produções analógicas finais. A mesma descrição será feita na sequência deste capítulo sobre as produções digitais. Para essa empreitada, foram utilizadas tabelas de análise construídas a partir da ferramenta CARS, já descritas nos capítulos 2 e 3.

Considerando o movimento 1 do artigo de opinião, movimento pautado na proposta de Swales (1990) e relacionando-o à proposta de superestrutura de Bronckart (2003/2006), a qual define que o gênero sempre tem um propósito claro, um dos intuítos será, por exemplo, descrever e analisar como os informantes anotaram ou fizeram a previsão de suas intenções no planejamento em relação ao texto final, ou seja, se anotaram uma tese no planejamento e se a tese é clara no texto final, levando em conta o conhecimento geral sobre o gênero em si e, ainda, a comunidade discursiva dada pelo enunciado de solicitação da produção. O mesmo procedimento será considerado para a leitura dos dados coletados na verificação dos outros dois movimentos esperados do gênero artigo de opinião, movimentos 1 e 2, com base em Swales (1990), sendo tais movimentos intitulados também de macro e microestrutura textuais neste estudo com base na proposta de Bronckart (2003/2006).

5.2 Análise dos dados gerados pelos cinco primeiros participantes, tanto na ferramenta analógica quanto na digital

Este estudo adotou a seguinte disposição para analisar os dados gerados pelos informantes nas duas plataformas. Na primeira parte da análise geral, foram verificadas as produções dos cinco primeiros informantes, Ana, Beatriz, Carlos, Daniel e Ester, onde cada um destes teve descrito primeiro os resultados observados no artigo escrito em suporte analógico, papel com caneta, para em seguida ter descrito conclusões observadas no artigo elaborado pelo mesmo informante na ferramenta digital. A segunda parte da análise, na qual foram examinados os artigos feitos pelos cinco últimos informantes, Flávia, Gabi, Hélio, Janaina e Camila, divide-se em dois momentos. No primeiro momento, é disposta uma interpretação simultânea dos dados de todos os textos escritos no meio analógico pelos referidos informantes. No segundo momento, é apresentado o cruzamento dos dados encontrados nos textos escritos digitalmente, no computador, fazendo apontamentos e relações com a primeira parte de análise e entre os demais textos digitais sempre que isso foi oportuno.

A seguir, nos subitens 5.2.1, 5.2.1.2, 5.3 e 5.3.1, o estudo opta por iniciar a verificação comparando as produções da participante Ana, quadros 1 e 2, e Janaina, quadros 17 e 18 encontrados no Apêndice - A, uma vez que a análise da produção da primeira demonstra boa qualidade sociorretórica, e, por isso, foi escolhida para representar os demais artigos com boa qualidade e ainda para contrastar com a produção da participante Janaina, a qual foi escolhida neste estudo para representar as produções com baixa qualidade sociorretórica, com base nos quesitos e critérios já definidos no quadros A e B, conforme subitem 4.2.2, sendo tais quadros desenvolvidos como instrumento para observar os dados e pautados na ferramenta CARS. No entanto, ressalta-se que foi satisfatório para atingir os objetivos desta pesquisa comparar apenas os planejamentos e os movimentos 1 e 2, super/ macro estruturas, das referidas participantes para sustentar os resultados obtidos, sendo dispensável a verificação do movimento 3, microestrutura.

5.2.1 Participante Ana: Planejamento analógico em relação ao texto versão final analógica em contraste com essas mesmas produções de Janaina:

Sobre a superestrutura, primeiro movimento do gênero em análise, a anotação de tese associada ao propósito do gênero, defender um posicionamento, merece ser

destacada. Para comentar sobre referido destaque observe-se na imagem a seguir o planejamento realizado pela participante Ana.

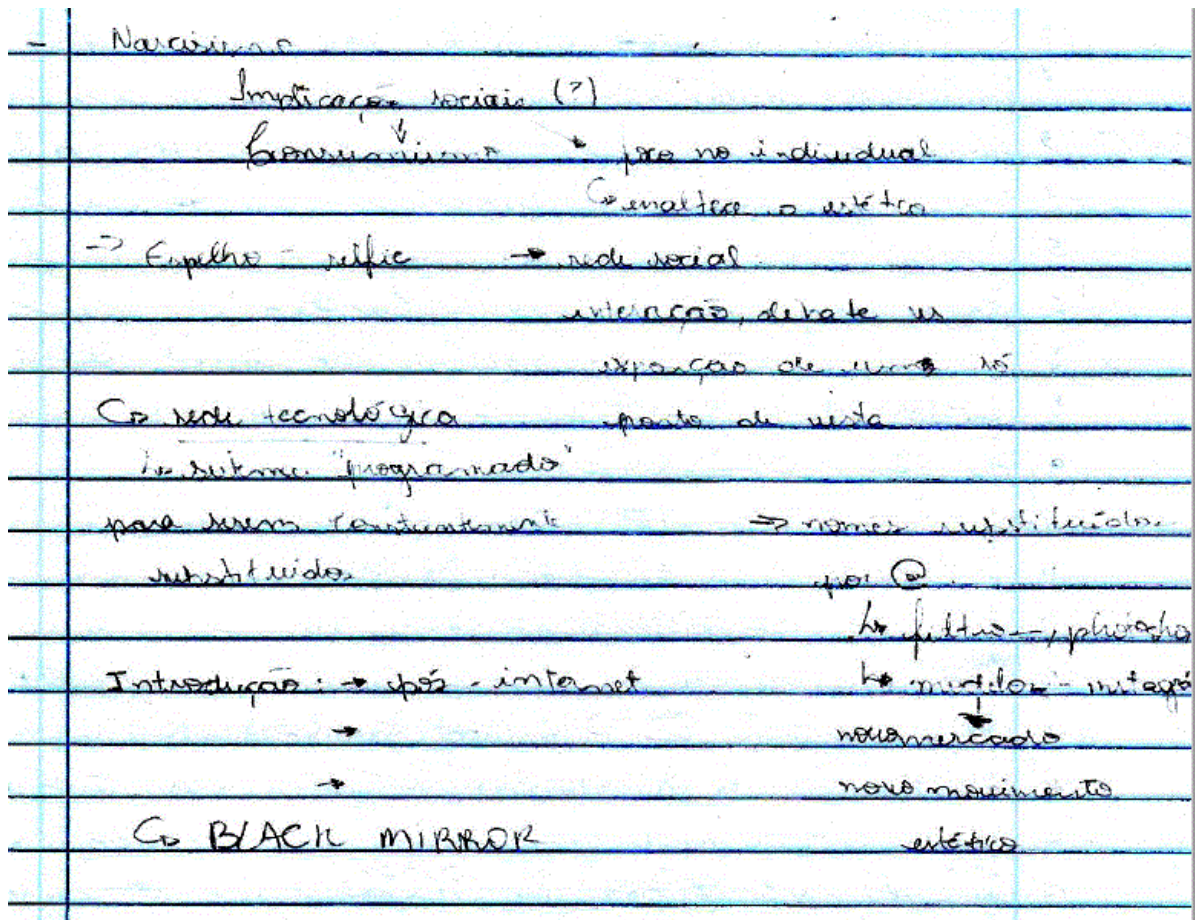


Figura 4 – Planejamento de Ana, ferramenta analógica
Fonte: Autoria própria.

Ao analisar o plano da produção analógica de Ana, figura 4 e quadro 1 – Apêndice- A, é possível notar algo muito parecido com o que foi observado nos dados de Janaina, quadro 17 – Apêndice- A, pois aquela também construiu um planejamento que pode ser considerado do tipo esquema conceitual, com símbolos, setas indicativas interligando conceitos em blocos de ideias. Nesse planejamento, apurou-se que Ana definiu o propósito comunicativo ainda na etapa de planificação, visto que, a anotação da previsão da tese ficou evidente na escrita das expressões “Narcisismo”, “foco no individual” e “enaltece a estética”. Com esses registros prévios da tese ela prepara uma base para se pautar e consultar no momento das etapas seguintes, da escrita e reescrita.

Essa apuração ficou comprovada porque, ao investigar o texto final analógico produzido por Ana, percebe-se no final do primeiro e do último parágrafos a tese bem definida sobre “a necessidade de alimentar o status com a opinião alheia”, e isso se

caracteriza como uma tese sobre a demasiada preocupação com a estética, ou seja, o comportamento narcisista de ter sua imagem elogiada, conforme previsto nas expressões destacadas do planejamento.

Contudo, o título dado por Ana “Uma receita infalível” não atende ao quesito da superestrutura de estar adequado ao gênero/tema, isso porque é amplo demais e deixa margem para o leitor do artigo imaginar inúmeras possibilidades de receitas, ou seja, não ficou claro no título que a receita é para alimentar o status e, portanto, o título não se adequa à tese e ao comando da produção: “a questão do comportamento narcisista em face das novas tecnologias”.

Concluída a análise do propósito, movimento 1, ou superestrutura, no planejamento analógico em comparação com o texto definitivo no mesmo suporte, foram descritas também as reflexões sobre esse movimento no texto elaborado pela informante Ana na ferramenta digital, com base nas averiguações das gravações de tela, com todo o processo de produção dos dados registrado pelo programa Webnaria. Nessa tarefa, aferiu-se que Ana realizou a etapa do planejamento na ferramenta digital, em forma de destaque de proposições no texto motivador usadas como base para elaborar seus próprios argumentos - tipo de planificação conforme Antunes (2010), ver a imagem a seguir, e, por isso, percebeu-se que, no quesito superestrutura, do propósito comunicativo ou movimento 1, o texto definitivo escrito por esta não apresentou problemas para definir uma tese/propósito claro e manter sua relação com o tema dado no comando da produção digital, uma vez que a participante elaborou inclusive um título adequado.

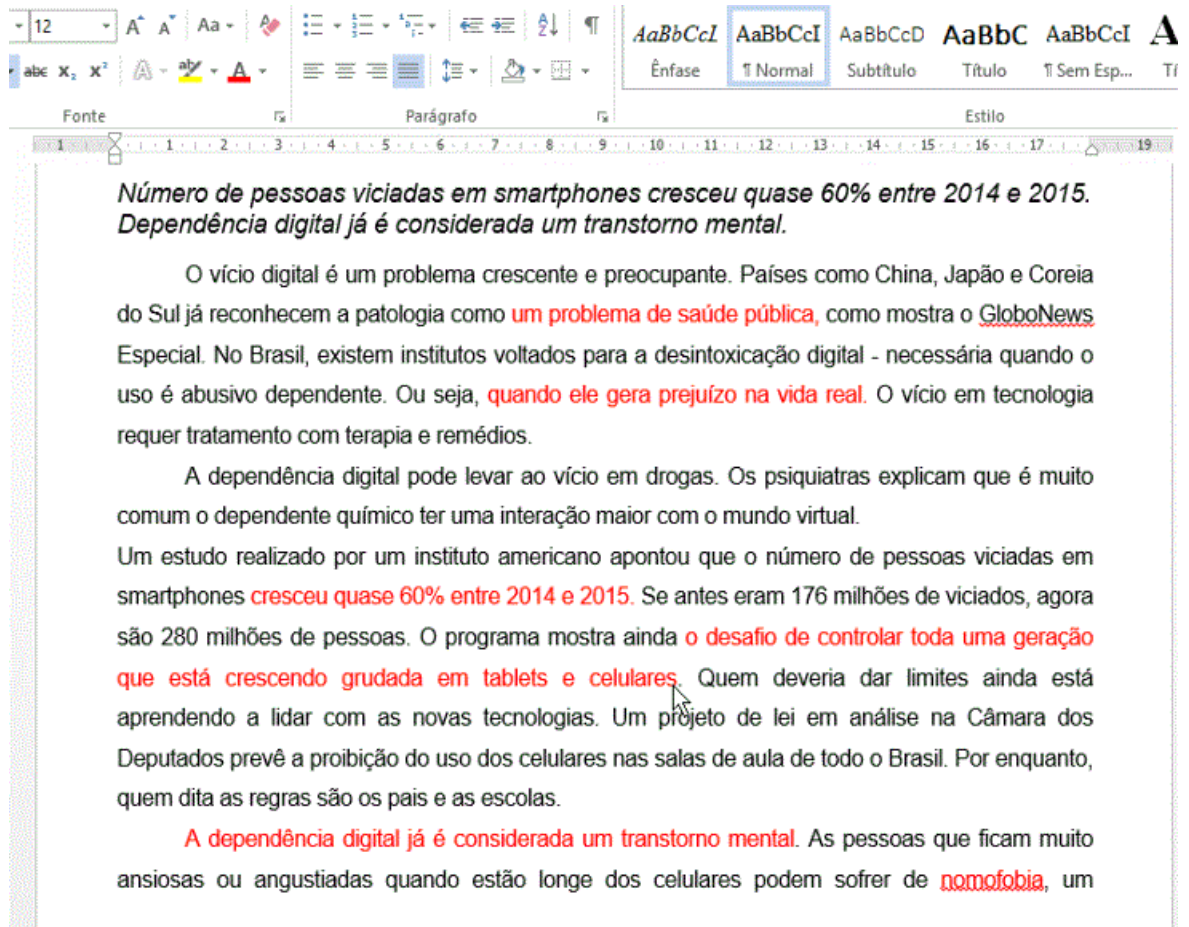


Figura 5 – Planejamento de Ana, ferramenta digital, do tipo destaque de proposições no texto motivador para elaborar, a partir delas, seus próprios argumentos.
Fonte: Autoria própria.

Na figura acima Ana destacou, na cor vermelha, as seguintes proposições para planificar: “um problema de saúde pública”, segunda linha do primeiro parágrafo, “quando ele gera prejuízo na vida real”, quarta linha também do primeiro parágrafo, “cresceu 60% entre 2014 e 2015”, quarta linha do segundo parágrafo, “o desafio de controlar toda uma geração que está crescendo grudada em tablets e celulares”, quinta e sexta linhas do segundo parágrafo, “A dependência digital já é considerada um transtorno mental” e “nomofobia”, primeira e segunda linhas do sexto parágrafo.

Para observar como o texto de Ana na plataforma digital ficou adequado, considere-se o fragmento a seguir, retirado dos dois últimos parágrafos do texto final produzido por ela.

O problema começa quando a tecnologia se faz presente em funções nas quais nem sempre é necessária, causando dependência. As ferramentas cada vez mais acessíveis e portáteis auxiliam o vício, hoje considerado transtorno patológico e tratado com terapias e medicamentos, que segundo estudo de um instituto americano cresceu quase 60% entre 2014 e 2015. Dados preocupantes, pois nesses casos além de tomar um espaço antes reservado para o contato afetivo entre as pessoas, esse transtorno não só interfere na saúde mental, como na física daqueles diagnosticados.

Utilizar seus meios sem necessidade e controle é desperdiçar seu potencial. Sendo necessário, portanto, uma readaptação mais cautelosa, uma reintrodução das pessoas a esse universo. É sempre bom lembrar que as tecnologias devem auxiliar o homem e nunca o prejudicar e ainda, que esse é um transtorno perigoso que deve ser reconhecido e tratado como tal. Ainda há tempo de determinar seu próprio cotidiano e de salvar as próximas gerações de noites mal dormidas, desgastes emocionais e facilitar o aproveitamento de seus benefícios.

01- Estudante do curso de letras da Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

Figura 6 – Fragmento do texto definitivo produzido por Ana na ferramenta digital
Fonte: Autoria própria.

Após analisar os parágrafos finais do texto acima, é possível observar que a tese é clara e está definida na sentença que ocorre na primeira parte do último parágrafo: “Sendo necessário, portanto, uma readaptação mais cautelosa, uma reintrodução das pessoas a esse universo”. Ademais, o propósito por ela definido, relaciona-se harmoniosamente com o tema dado para a produção na plataforma digital, “Uso constante das novas tecnologias de informação e comunicação: vício ou necessidade na contemporaneidade?” e com o título dado pela autora “Além da tela”. Pode-se compreender que o título, pela leitura do artigo e em consonância com a tese definida, aponta que esse “além da tela” é a interferência ou consequência externa que o uso excessivo gera no ciclo do cotidiano dos usuários das novas tecnologias, tais como: dependência do equipamento e interrupção do contato afetivo pessoal,

sendo essas interferências citadas pelo próprio participante no final do terceiro parágrafo.

Assim, destaca-se que, provavelmente, Ana conseguiu definir uma tese clara, vinculada ao tema/ e ao título, porque fez o planejamento na ferramenta digital, destacando trechos do texto motivador com a cor vermelha, como é possível verificar a seguir no fragmento do texto motivador por ela alterado (alterações destacadas em vermelho por Ana durante o processo de escrita):

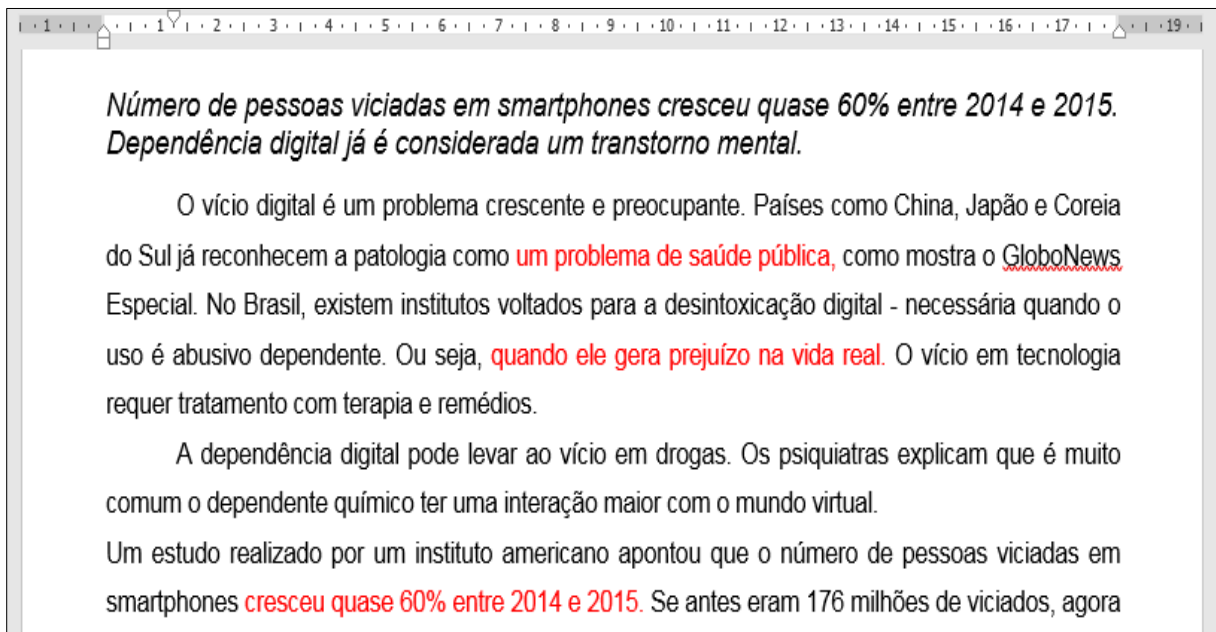


Figura 7 – Alterações de Ana no texto motivador dado para a produção na ferramenta digital
Fonte: Autoria própria.

Enfim, nota-se a partir da sondagem do texto final produzido por Ana na ferramenta digital que, o propósito comunicativo foi atingido, movimento 1 - superestrutura, uma vez que esta informante conseguiu fazer o planejamento do tipo registro da tese sob forma de uma proposição, tipo de planejamento descrito por David e Plane (1996) - autores que abordam os tipos de planejamento existentes, como apresentado no item 3.2 deste trabalho. Verificou-se também que, Ana, destacou em cor vermelha, no final do primeiro parágrafo do texto motivador dado no comando da produção, a proposição “quando ele gera um prejuízo na vida real”, e que essa preposição se constitui como uma prévia, um planejamento, dos argumentos observados na conclusão da versão final sobre a tecnologia gerar dependência, penúltimo parágrafo, noites mal dormidas e desgastes emocionais, último parágrafo, além disso, a referida proposição foi consultada várias vezes durante a produção

juntamente com os outros enunciados destacados pela participante, conforme se constatou por meio da análise da gravação da tela com o programa Webnaria.

Assim, a análise, do primeiro movimento no texto digital de Ana, parece corroborar para a confirmação da hipótese inicial do estudo, a qual parte do pressuposto que o uso de recurso tecnológico digital ou analógico interfere na qualidade da produção de planejamento de escrita e isso, demonstra que o computador com o programa *Word 2010*, a tela, o teclado e o mouse, pode exigir uma maneira diferente para escrever da que é exigida pelo papel e a caneta, de acordo com os conceitos de multiletramentos ou novos letramentos do Grupo de Nova Londres, *The New London Group* (1996), de Bezemer; Kress (2008, 1997), Kleiman (2014) e Rojo (2013), pois um conceito comum entre esses autores remete ao saber prever/antecipar quais recursos semióticos, quais letramentos são os mais adequados para se atingir os propósitos comunicativos que configuram determinada ação social.

Portanto, notou-se que Ana encontrou um modo apropriado de planejar na ferramenta digital analisada, por isso, constata-se a necessidade de orientar os produtores de artigo de opinião com sequência didática apropriada para o suporte digital investigado e dos professores observarem que precisam adequar os caminhos ou as estratégias que ensinam no que refere ao planejar em meio digital.

5.2.1.1 Da macroestrutura: movimento 2 – Participante Ana

Agora, será apresentada a análise sobre o planejamento realizado por Ana no que diz respeito ao movimento 2, macroestrutura, sobre a organização estrutural dos gêneros textuais, de acordo com Bronckart (2003, 2006), e relacionado ao processo de textualização macroestrutural, com base em Fiorin (2017). Para isso, a interpretação dos dados recai sobre elementos do planejamento que denotem preocupação dos participantes em estabelecer uma organização de seus textos em termos de prever, entre outros, uma introdução, um desenvolvimento e uma conclusão. O objetivo maior desse processo de análise é averiguar se essa previsão ou não das categorias da macroestrutura, nos planejamentos, afetou a qualidade do movimento 2 verificado nas produções finais. Primeiramente, esse ponto será analisado nas produções analógica e, em seguida, na digital de Ana.

. Para iniciar, essa tarefa, a produção da participante Ana é novamente considerada e revela as seguintes ponderações. O planejamento feito por ela, e já

exemplificado no subitem 5.2.1, Figuras 5, 6 e 7, foi base para a participante elaborar todos os argumentos que serão mostrados a seguir. Ou seja, para planificar, Ana não destacou proposições e as copiou, mas sim, as tomou como base para argumentar por meio da ironia/ paradoxo e pensamento causal, por exemplo, e isso contribuiu para que seu texto final atendesse aos quesitos macroestruturais, movimento 2, de introdução, de paragrafação, do desenvolvimento, da conclusão e da coerência com a tese e com o comando da produção. Além disso, os argumentos do tipo exemplo verificados na introdução e no início do desenvolvimento também parecem ter sido elaborados com base no planejamento que Ana destacou no texto motivador, como já descrito no subitem 5.2.1, no qual constatou-se que ela conseguiu elaborar um planejamento do tipo registro da tese sob forma de uma proposição, um dos modos de planejar segundo David e Plane (1996).

Quanto ao texto definitivo, a análise certificou que a participante fez a introdução, o desenvolvimento, com dois parágrafos, e a conclusão e que, tanto na introdução como no desenvolvimento, observou-se a presença de argumentos previamente anotados no planejamento: sobre “nomes serem substituídos por @”, introdução, e sobre “*selfie* e modelo do Instagram”, desenvolvimento – segundo parágrafo, sendo esses argumentos do tipo ironia, ver Figura 4, no item 5.2.1.

A presença de paragrafação e a coerência do texto final com o tema do comando atendem aos quesitos de qualidade para o movimento 2.

Como visto no capítulo 2 deste estudo, a estratégia argumentativa do paradoxo, segundo Fiorin (2017), consiste em ir contra aquilo que é tido como verdadeiro ou certo, fazendo refletir sobre essa verdade. No caso analisado, ocorre justamente isso, pois, geralmente, é tido como certo adicionar o maior número de pessoas possíveis para ter muitos contatos em uma rede social, porém, nesse afã, também se adiciona pessoas indesejadas, inimigos, logo, este argumento usado por Ana é muito relevante e exige experiência na prática de uso do gênero.

Logo, a presença dos seguintes argumentos na produção final analógica ficou comprovada: o argumento por paradoxo e ironia - como já visto, tipos de argumentos propostos por Fiorin (2017) - como se nota na introdução recortada do texto final analógico para exemplificar abaixo.

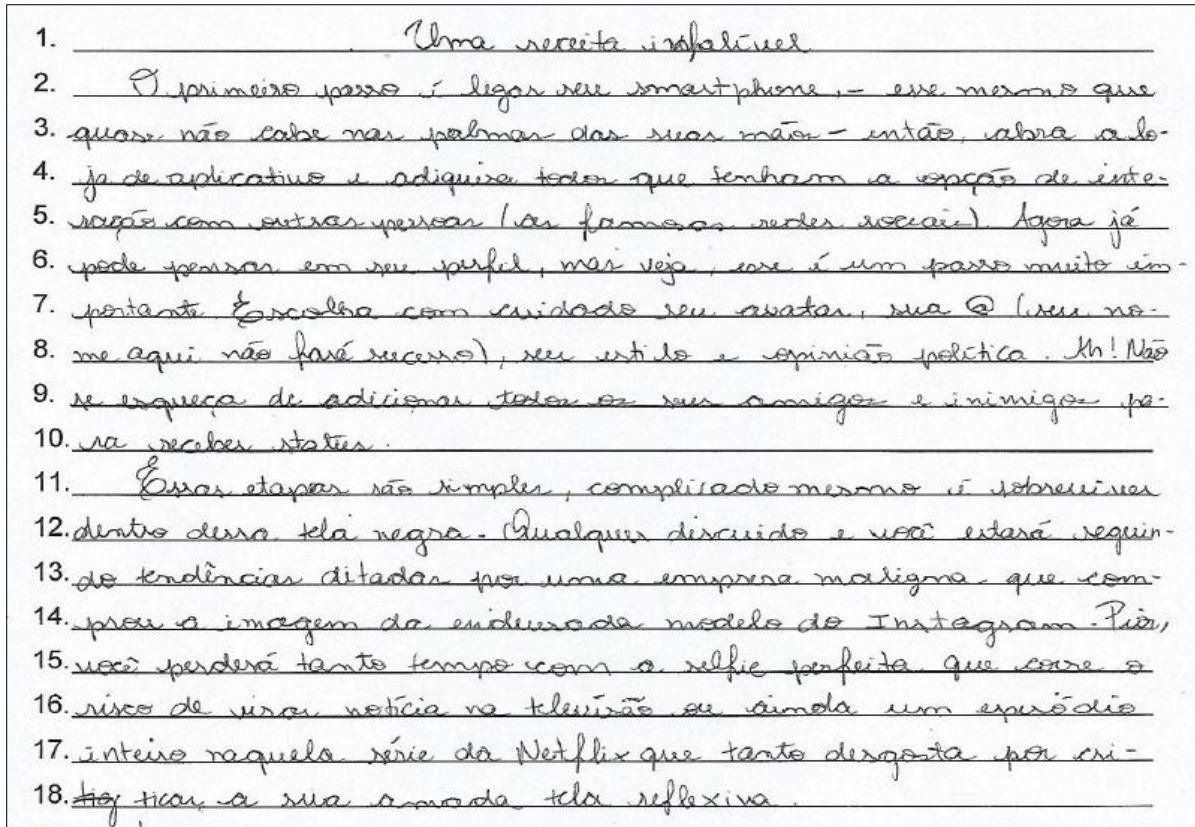


Figura 8 – Produção definitiva de Ana em ferramenta analógica
Fonte: Autoria própria.

Como se vê na figura acima, Ana usa a ironia e o paradoxo em vários segmentos da introdução, como no trecho, final do parágrafo introdutório, em que escreve “Ah! Não se esqueça de adicionar todos os seus amigos e inimigos para receber status”. Nessa frase, observa-se que o recurso de sugerir, tem na verdade, o intuito oposto, o que caracteriza a ironia, além da questão paradoxal de aconselhar que se adicione inimigos para receber status, uma vez que os inimigos, normalmente, deveriam ser excluídos e não adicionados, como se faz com os amigos.

No penúltimo parágrafo do desenvolvimento, na produção analógica definitiva, identificou-se o argumento de pensamento causal, Fiorin (2017), visto que, ao argumentar Y, “quando artigos científicos provarem que a vida pode ir além do que satélites e drones fotografam”, então, X, “O tempo e dedicação gastos com seu perfil passarão de admiráveis à aterrorizantes”, dado que esse argumento se pauta no conceito de que a causa de X é Y, tal como a informante argumentou.

Verificou-se também que a conclusão atende ao quesito do movimento 2, macroestrutura, uma vez que retoma e reforça a tese “a necessidade de alimentar o status com a opinião alheia”. Isso foi confirmado devido a menção, no último

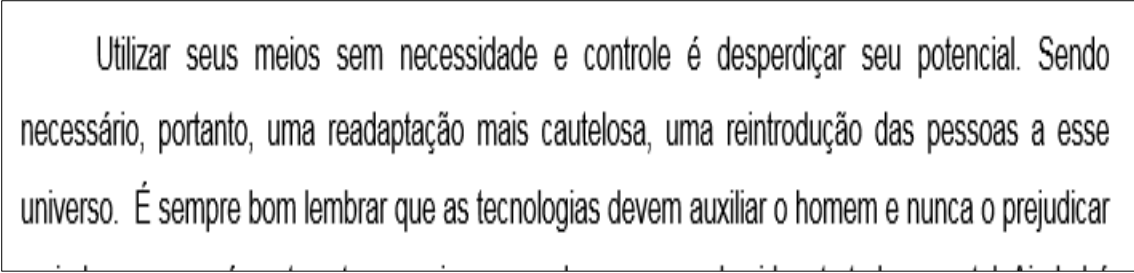
parágrafo, de um argumento de reforço da tese “apresentar aos seus companheiros de nuvem a vida, que vale mais do que um status”.

O exame do texto analógico definitivo de Ana no que se refere ao movimento 3, microestrutura, atestou que a participante produziu um artigo de opinião coeso, o no qual ela adapta e faz uso, do início ao final do texto, de uma linguagem injuntiva. Tal como ocorre no gênero discursivo receita instrucional, as proposições elaboradas por Ana, em geral, iniciam com verbos e expressões imperativas, linhas 2, 4, 7, 9, 21 e 27, as quais foram empregadas como recurso argumentativo irônico onde a participante incentiva e aconselha o leitor a continuar mantendo um comportamento narcisista, mas claramente com o propósito oposto, revelar-lhe como tal ação é descabida. Todos os operadores lógicos e as anáforas, estão bem alocados e contribuem para a textualidade, embora Ana não tenha se valido de muitos modalizadores.

Assim, evidenciou-se que a produção em meio analógico escrita pela informante Ana atendeu aos quesitos esperados nos três movimentos verificados e que isso pode logicamente estar associado ao fato dela ter planejado de modo adequado. A seguir, será destacado como a participante procedeu em seu texto definitivo digital considerando os mesmos quesitos em relação ao planejamento adotado nesta ferramenta para escrever.

5.2.1.2 Planejamento em relação ao texto definitivo digital de Ana e comparação com o que foi analisado na produção de Janaina, item 5.3.1.

Com relação à produção digital definitiva da participante Ana em relação ao planejamento de aspectos relacionados ao movimento 2, examinou-se que no texto definitivo, esta participante fez a introdução, o desenvolvimento, também com dois parágrafos – tal como no analógico, e a conclusão. Observou-se ainda a presença de argumentos do tipo exemplo, argumentos postulados por Fiorin (2017), tanto na introdução quanto no primeiro parágrafo do desenvolvimento, e argumento de pensamento causal, no parágrafo conclusivo. Ao argumentar Y “Utilizar seus meios sem necessidade e controle”, então, X “é desperdiçar seu potencial”, logo, a causa de X é Y, argumento de pensamento causal, como se vê na figura abaixo:



Utilizar seus meios sem necessidade e controle é desperdiçar seu potencial. Sendo necessário, portanto, uma readaptação mais cautelosa, uma reintrodução das pessoas a esse universo. É sempre bom lembrar que as tecnologias devem auxiliar o homem e nunca o prejudicar

Figura 9 – Argumento retirado, do desenvolvimento, da versão final do artigo produzido por Ana em ferramenta digital

Fonte: Autoria própria.

Alguns dos argumentos do tipo exemplo, com base em Fiorin (2017), foram: “Ele está na sua rotina, determina o tempo e qualidade dos seus afazeres mais banais, te acompanha enquanto cozinha”, na introdução, e “no momento em que lê notícias no site da Folha todas as manhãs já foi capturado pelas garras facilitadoras da tecnologia digital.”, no início do desenvolvimento. Constatou-se que os exemplos mostrados no parágrafo acima, usados por Ana para argumentar na produção digital final, podem ter sido inspirados no seguinte destaque feito por ela no texto motivador, como planejamento de sua escrita: “o desafio de controlar toda uma geração que está crescendo grudada em tablets e celulares.”, destaque com a cor da letra vermelha, sendo este, parte de seu plano de texto.

Notou-se pela análise das gravações de tela, como já dito nesta análise, que ela retornava diversas vezes para consultar seu plano de texto, as proposições destacadas com a cor vermelha no texto motivador. Logo, ela deve ter se baseado na proposição/planificação que trata sobre “uma geração crescendo grudada em tablets” para formular seus argumentos do tipo exemplo, os quais exemplificam, justamente, o uso contínuo da tecnologia digital no cotidiano, na cozinha, na leitura diária de notícias, etc, conforme pode ser observado nos trechos extraídos e transcritos.

Considerando a verificação dos dados gerados pela participante Ana, constatou-se que tanto na ferramenta analógica quanto na digital ela fez o planejamento e é provável que, por esse motivo, nas duas ferramentas os textos finais possuem satisfatoriamente as categorias esperadas de acordo com os movimentos retóricos 1, 2 e 3. O que mais chama a atenção na análise dos dados de Ana foi que ela conseguiu planejar na ferramenta digital, mas com um formato diferente do que usou para planificar na escrita analógica. Nesta ela usou o mapa conceitual, enquanto naquela planejou com o tipo registro da tese. O referido registro não foi do tipo tradicional, em um documento à parte só com o planejamento, pois a estratégia que ela usou foi aproveitar conceitos/ proposições

fundamentais que encontrou na leitura do texto motivador e os destacou, fazendo deles o seu plano de escrita. Esse plano consistiu em usar as proposições destacadas no texto motivador, com cor vermelha, como base de consulta para formular uma tese e argumentos muito sólidos, ou seja, ela não copiou as proposições do texto motivador como Janaina, por exemplo, o fez e será ponderado mais detalhadamente adiante neste estudo, Ana tão somente se pautou nesses enunciados para formular seus próprios argumentos originais e uma tese também original.

Assim, a estratégia da primeira participante, primeira que teve sua produção analisada, empregou para planificar no computador conduz este estudo a interpretar que o tipo de estratégia necessária para se conseguir planejar/escrever com qualidade na ferramenta digital, com teclado, tela e mouse, pode ser diferente do tipo de estratégia demandada pela ferramenta tradicional, a analógica, com papel e caneta, ou seja, a ferramenta digital parece exigir um modo apropriado para planificar, com base no que afirma o Grupo de Nova Londres (1996), e autores como Bezemer; Kress (2008, 1997), Kleiman (2014) e Rojo (2013), pesquisadores que abordam a necessidade de considerar novos letramentos na contemporaneidade, ou seja, novas formas de aprender a ler e escrever, principalmente em ferramentas digitais.

Partindo desse pressuposto, o qual já se adianta que será validado pela análise dos dados gerados pelos demais participantes, é viável supor que, caso um produtor de texto tente planejar no meio/ ferramenta digital da mesma forma que planeja no analógico, quer dizer, sem destacar palavras e proposições chave no texto motivador, por exemplo, não logrará êxito. Esse fato ocorreu com Janaina, a qual provavelmente deixou de realizar a etapa do planejamento devido a esta dificuldade, esperar que a ferramenta digital oferecesse as mesmas condições da analógica para produzir o artigo de opinião, sendo essa afirmação averiguada e sustentada pelas respostas/ impressões de Janaina sobre a escrita no processador de texto digital ter mais empecilhos. Outra possibilidade de entendimento seria deduzir que Janaina não sentiu a necessidade de fazer o planejamento na ferramenta digital, supondo que essa, por ser mais atual e avançada que a analógica, facilitaria o processo e permitiria pular essa etapa necessária para escrever, pensamento sobre as tecnologias mais recentes que, segundo Pinto (2005), faz parte da concepção de muitas pessoas no século XXI.

Enquanto no artigo de opinião analógico Janaina argumenta com equilíbrio, não tendendo nem para a visão fáustica, completamente negativa, nem para a prometeica, totalmente positiva, da tecnologia, visões definidas por Rüdiger (2013), no artigo

escrito na plataforma digital ele adota e repete, plenamente os argumentos do texto motivador e, por influência deste, assume uma posição marcadamente fústica das novas tecnologias, ou seja, essa visão plenamente negativa das novas tecnologias destoa e contradiz o seu pensamento apresentado no artigo de opinião produzido com a ferramenta analógica, com uma tese que procura defender o equilíbrio no uso e os dois lados: o bom e o ruim das novas tecnologias.

A análise que revela terem ficado adequados tanto o texto manuscrito quanto o digital, elaborados por Ana, contrasta com as respostas que a participante deu no questionário aplicado após a análise, sobre suas impressões. Em resposta, por exemplo, à questão número três, sobre as dificuldades que teve no computador, conforme a imagem a seguir, Figura 10, ela declara que o planejamento no digital fica prejudicado como um todo, pela falta de clareza e devido à dificuldade tanto para hierarquizar as ideias quanto para visualizar a folha como um todo, o que de fato se percebe bem na análise da gravação da tela, pois a participante realmente rola o texto para cima e para baixo por inúmeras vezes a fim de ler o que está escrito anteriormente e, só depois, retorna ao ponto onde está digitando.

Contudo, embora Ana tenha se queixado de dificuldade em planejar na ferramenta digital, a verificação mostra que ela conseguiu se adaptar e empregar um modo propício para planejar no referido suporte. Já na resposta dada sobre as dificuldades encontradas para produzir com o papel e caneta, Janaina afirma apenas que o cansaço demandado é maior, pois escreve e reescreve mais no analógico, conforme se observa a seguir.

3) Cite as dificuldades que você sentiu na produção.

Segundo dia (Produção no papel com caneta):

No segundo dia senti dificuldades com o controle do tempo de escrita; em lembrar a ortografia de algumas palavras; e manter um padrão na caligrafia.

Terceiro dia (Produção na tela com teclado):

No terceiro dia as dificuldades foram com a organização de um planejamento efetivo e particular; de manter o foco ao revisitar o texto guia; e criar um texto rascunho anterior ao final.

Cite também as facilitações:

Segundo dia (Produção no papel com caneta):

No segundo dia tive como facilitações uma disposição mais pessoal dos temas para o planejamento e uma capacidade de foco e leitura maior do texto guia, não precisando revisitá-lo com tanta frequência.

Terceiro dia (Produção na tela com teclado): As facilitações do segundo dia foram um maior controle do tempo; um auxílio promovido pelo programa de escrita utilizado em questões ortográficas e rapidez na hora de revisar o texto.

Figura 10 – Resposta da informante Ana para a questão 3 do questionário pós participação no estudo
Fonte: Autoria própria.

Com base nesses dados, pode-se inferir que a dificuldade imposta pela ferramenta digital para Janaina escrever, não conseguir visualizar o texto inteiro na tela, pode não ser a causa possível da inferioridade sociorretórica do texto escrito nesse suporte ou o motivo principal dela não ter planejado na ferramenta digital, mas sim, o fato de ela estar mais habituada a escrever na ferramenta analógica, quer dizer, provavelmente ela domina a forma de planejar/ escrever no suporte analógico e não a domina no suporte digital.

5.2.2 Participante Beatriz: Planejamento analógico em relação ao texto versão final analógica

Verificou-se que a participante Beatriz, realizou adequadamente o planejamento no meio analógico usando o tipo de planejamento conhecido como fichamento, quer dizer, um modo de planejar em que o produtor do texto cria uma lista dos elementos do texto - dispostos preferencialmente em ordem vertical na página, conforme David e Plane (1996) definem e já se explicou no item 3.2 desta pesquisa.

Considerando que a participante realizou a etapa da planificação adequadamente, passamos agora a verificar se essa ação influenciou os movimentos retóricos usado por ela na versão final analógica. Quanto ao movimento 1, superestrutura notou-se que a participante atendeu ao propósito comunicativo do gênero, uma vez que seu artigo final mantém obediência ao comando da produção e às características da argumentação, quer dizer, o texto segue o tema sobre as novas tecnologias propiciarem comportamentos narcisistas e apresenta os traços retóricos da sequência argumentativa, de acordo com os traços apresentados nos itens no capítulo 2. O fato de Beatriz manter seu texto alinhado com o propósito comunicativo, movimento 1, não pode ser interpretado como uma coincidência, visto que, as mesmas proposições que ela usa em sua versão definitiva já estavam previstas na planificação, as quais foram: a que trata de admirar exageradamente a própria imagem, localizada na introdução do texto final; a relação que fez entre o smartphone e o mito de narciso, linha 8 – início do desenvolvimento.

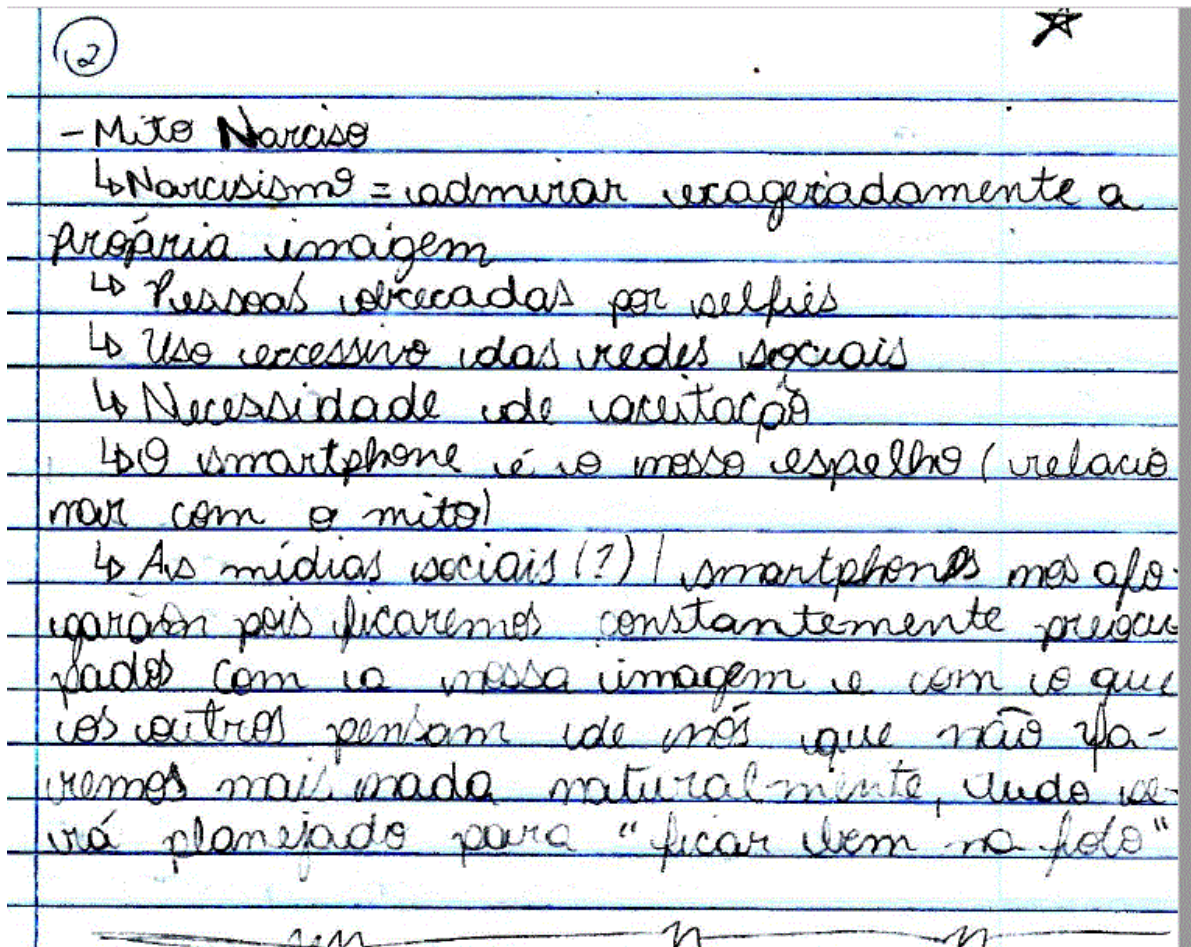


Figura 11 – Planejamento de Beatriz na ferramenta analógica
 Fonte: Autoria própria.

Data: _____ Código: 2

1. Somos todos Narciso
2. O mito de Narciso, origem do conceito Narcis-
3. ismo (da psicanálise) usado para definir al-
4. guém que admira sua própria imagem
5. de forma excessiva e nutre uma paixão
6. por si mesmo, é representado de maneira
7. inovadora por Bennett.
8. Ao colocar um smartphone no lugar da
9. água presente no mito original, percebemos que
10. o antigo mito (juntamente com o conceito
11. psicanalítico) ainda se aplica a essa vida
12. atual, pois assim como Narciso, nos relaciona-
13. mos de maneira equivocada com essa imagem: já que para obter
14. nos oltos por esse espelho atual (vidros espelhos,
15. representados pelo smartphone), ficamos constante-
16. mente preocupados com que selfie postaremos
17. ou se os outros participantes das nossas re-

Figura 12 – Artigo, versão final, de Beatriz na ferramenta analógica- parte A
 Fonte: Autoria própria.

17. eu sei os pessoas participantes das nossas ve-
 18. des acham o que estamos fazendo interes-
 19. sante, que não conseguimos falar em mais
 20. nada. Um exemplo disso é a matéria
 21. exibida no Fantástico sobre um jovem euro-
 22. peu que foi internado em uma clínica
 23. de reabilitação porque estava viciado em
 24. selfies.
 25. Não acredito que devemos parar de usar
 26. as tecnologias citadas anteriormente, pois elas
 27. realmente são importantes para nos conectar-
 28. mos com as pessoas (principalmente as que es-
 29. tão longe de nós), mas não devemos esque-
 30. cer que nessa vida não acontece dentro de
 31. espelho, porque se não terminarmos como Nar-
 32. ciso, alegados em nosso reflexo.
 33.

Figura 13 – Artigo, versão final, de Beatriz na ferramenta analógica- parte B
 Fonte: Autoria própria.

Quanto ao movimento 2, vinculado a macroestrutura, foi verificado que, no desenvolvimento, Beatriz aborda a questão de preocupar-se com o que os outros pensam da nossa imagem. Ela empregou também um argumento do tipo citação, com base em Fiorin (2017), no qual se refere a uma matéria exibida no fantástico sobre *selfies*, além de um argumento de comparação entre o smartphone ser como um espelho contemporâneo, ou seja, a atualização do reflexo no mito de narciso.

Nota-se, portanto, que ela havia previsto abordar essas questões na planificação. Da mesma forma, na conclusão da versão final, Beatriz retoma a proposição que planejou sobre o smartphone ser um espelho, logo, todas essas constatações comprovam que o planejamento foi determinante para a qualidade dos argumentos e da composição dos parágrafos presentes na versão final (introdutório, do desenvolvimento e do fechamento, parágrafos esperados no segundo movimento de um texto com boa qualidade.

No tocante ao movimento 3, da microestrutura, verificou-se que o operador lógico, **pois**, usado para justificar ou dar explicações, foi previsto na planificação, na

6ª seta que compõe o esquema, e, depois, foi empregado para dar coerência na versão final, linha 5 do segundo parágrafo e linha 2 do último parágrafo. Além disso, a proposição “constantemente preocupados”, linha 15 e 16, e os modalizadores “não conseguimos”, “não devemos”, “não acontece” e “não terminaremos”, linhas 19, 29, 30, 31, respectivamente, também podem estar vinculados com a oração modalizadora “não faremos”, presente no plano de texto. Outros elementos de microestrutura encontrados tanto no plano quanto na versão final analógica de Beatriz foram as expressões “mais nada”, operador lógico de limitação (linhas 19 e 20 do desenvolvimento), e “com o/as”, operadores de inclusão (linha 10, desenvolvimento, e linha 28 da conclusão).

No parágrafo final, a participante utiliza duas vezes um verbo auxiliar modal, o verbo dever, para dar coesão à sua nova tese - característica da sequência argumentativa ligada ao movimento 2, no sentido do que é ou não permitido fazer, com base em Koch (2000) - tal verbo, apesar de não ter sido previsto no planejamento, demonstra como Beatriz foi capaz de realizar a concatenação de suas ideias ao ponto de conseguir formular uma nova tese, *não devemos esquecer que nossa vida não acontece dentro do espelho, porque se não terminaremos como Narciso, afogados em nosso reflexo*, linhas 29 até 32, e isso pode ter relação com o fato de ela ter planejado e deixado seus objetivos claros.

Enfim, pode-se depreender pela análise da produção analógica de Beatriz que o planejamento feito norteou a elaboração da versão definitiva, e esta, por sua vez, apresenta-se com qualidade satisfatória no que se refere aos três movimentos retóricos esperados para o artigo de opinião, o que possivelmente está associado com o fato da participante ter planejado seu texto. No próximo item, será descrito como Beatriz procedeu na produção em meio digital, se planejou ou não, e por ter ou não planejado se o texto final digital apresentou diferença qualitativa em relação a produção analógica no tocante aos critérios estabelecidos, movimentos retóricos.

5.2.2.1 Participante Beatriz: Planejamento digital em relação ao texto versão final em suporte digital

Para começar, destaca-se por meio da observação das gravações de tela que Beatriz não realizou a etapa do planejamento e partiu direto da fase de leitura do

comando da produção em meio digital para a digitação da versão definitiva. Logo, analisaremos agora se a ausência da referida etapa surtiu efeitos retóricos na escrita definitiva da participante.

Quanto ao movimento 1, nota-se que Beatriz manteve, no geral, seu texto alinhado com as características do gênero discursivo/ argumentativo, o artigo de opinião, visto que defende seu ponto de vista se valendo da cópia do texto motivador sem mansão à fonte, o que se caracteriza como uma estratégia inadequada:

É necessário, portanto, que saibamos usar as novas tecnologias de maneira moderada, sem nunca extrapolar um limite que pode prejudicar nossa saúde física e mental, pois só assim conseguiremos sempre extrair o melhor dos grandes avanços feitos pela humanidade, ou seja, sobre as novas tecnologias serem tanto uma necessidade quanto um vício, cabendo ao usuário equilibrar seu uso.

Assim, o texto da participante possui relação tanto com o comando da questão quanto com o título que atribuiu para seu artigo, *Uso das tecnologias de informação/comunicação: vício e necessidade*, embora esse título seja muito parecido com o tema proposto no comando (Uso constante das novas tecnologias de informação e comunicação: vício ou necessidade na contemporaneidade) ele cumpre com o critério esperado de ter propósito comunicativo, quer dizer, a superestrutura do texto, ou movimento 1, apresenta-se viável e coerente.

Contudo, embora a participante tenha logrado êxito no primeiro quesito, mesmo sem ter elaborado plano para sua produção, no quesito da macroestrutura, movimento 2, foram verificados alguns problemas retóricos que podem estar associados com a falta do planejamento, são eles: ausência de espaçamento na abertura dos parágrafos; repetição de argumentos dados no texto motivador, apesar de ter sido explicado aos participantes durante a sequência didática, primeiro dia de coleta dos dados, que a cópia excessiva dos textos motivadores sem mansão à fonte não seria considerada como argumento válido, Beatriz só elaborou dois argumentos de formulação própria, sendo eles de exemplificação.

No que se refere ao movimento 3, da microestrutura, o texto digital de Beatriz, analisado por meio do quadro 4 – apêndice A, contém a mesma quantidade de operadores lógicos que o texto analógico, ou seja, 16, mas em vez de usar advérbios e locuções adverbiais como modalizadores, tal como o fez na produção analógica, Beatriz empregou 14 verbos conjugados tanto no particípio quanto no gerúndio, os quais ela empregou com a função de modalizadores no texto digital. Isso pode

demonstrar que a presença de linguagem oral/informal é considerável na produção digital (sem planejamento) enquanto essa presença de coloquialidade é nula na produção analógica, em que a participante fez o planejamento.

Constatou-se, ainda, conforme o quadro 4 - apêndice A, que o texto digital de Beatriz contém metade dos elementos de referência por anáfora em comparação com o analógico, pois neste foram encontrados quatro termos de referência, enquanto naquele somente dois. Além disso, as pontuações do texto digital mostraram-se inadequadas, uma vez que nele há sentenças demasiadamente longas por falta de ponto final e vírgulas, logo, com o comprometimento da coesão, torna-se difícil para o leitor do artigo digitado compreender onde uma proposição termina e outra começa.

Por fim, evidenciou-se que o texto digital de Beatriz, provavelmente, por não ter sido planejado, apresentou mais problemas de cumprimento dos movimentos esperados para o gênero do que a versão escrita pela mesma informante no papel com caneta.

5.2.3 Participante Carlos: Planejamento analógico em relação ao texto versão final em suporte analógico

A produção analógica de Carlos apresentou características peculiares que se diferem das ações empreendidas pelas informantes Ana e Beatriz, no que se refere as etapas de escrita e adequação aos movimentos esperados para o gênero artigo de opinião, conforme é possível observar nas figuras a seguir.

1. O Novo Antigo
- 2.
3. Atualmente, aparatos tecnológicos tornaram-se presentes qua-
 4. se que de modo generalizado na vida de grande parte da popu-
 5. lação. A internet é o local em que as "conectados" se reúnem,
 6. principalmente nas chamadas redes sociais.
7. Não há dúvidas de que houvesse realidade em épocas anteriores
 8. à era digital, entretanto a tônica geral é que a internet criou
 9. a realidade presente em muitos "parcos" espalhados pelas redes sociais.
10. Essa realidade ser considerada fato se analisado de maneira di-
 11. gênica. No entanto, o que acontece é que essas pessoas
 12. que hoje são epitetadas narcisistas provavelmente já eram tão pre-
 13. ocupadas com a sua aparência quanto atualmente. (quem sabe ^{ATE} ~~até~~
 14. mais). Porém, com o advento da conectividade, as informações cir-
 15. culam de maneira quase instantânea. O que leva muitos a
 16. estabelecerem uma relação unívoca entre a dedicação de um
 17. cidadão que é vivida em redes sociais e quer estar o tempo má-
 18. ximo conectado, com a realidade dele que, supostamente, foi desened-

Figura 14 – Artigo, versão final, de Carlos na ferramenta analógica- parte A
 Fonte: Autoria própria.

11. ... realidade que é vivida em redes sociais e quer estar o tempo má-
 18. ximo conectado, com a realidade dele que, supostamente, foi desened-
 19. vida pela via contínua daquela. Algo que não passa de sendo co-
 20. mum adquirente da massa ignorante.
21. Por fim, assim como qualquer atividade realizada de ma-
 22. neira incanidida, a internet pode criar uma situação de dependência
 23. de dependência. Porém, apresenta-la como fator precipua para
 24. a desencadamento de um comportamento específico sem comprovação
 25. embasada em metodologia científica inconteste, é pura especula-
 26. ção a priori, despicienda.
- 27.
- 28.

Figura 15 – Artigo, versão final, de Carlos na ferramenta analógica- parte B
 Fonte: Autoria própria.

A primeira observação foi que o participante desenvolveu o planejamento em forma de destaque de algumas proposições dadas no texto motivador da produção, destaque feito na fonte/ cor vermelha, e escrita de conceitos junto a essas proposições do comando, sendo eles: *a medusa moderna?*; *conectado?*; *Excessivo*; *talvez*; *vício*; *Redes sociais*; *facebook*; *houvera no p*. Em suma, Carlos fez um breve esboço de planejamento no próprio texto motivador dado no comando. Essa observação evidencia como Carlos adotou uma forma diferente de planejar seu texto na ferramenta analógica em comparação com Ana, que utilizou o método de esquema, e com Beatriz, que usou o método de fichamento.

A segunda observação analisada foi a qualidade do movimento 1, superestrutura textual, da versão definitiva analógica em relação ao plano. Verificou-se que o artigo possui tese clara, localizada no início da conclusão, a qual não foge do tema proposto no comando. No entanto, o título irônico dado por Carlos ao artigo: *O Novo Antigo*, é muito amplo, pois possibilita ao leitor pensar em uma vasta possibilidade do que não seria tão novo como aparenta, o que torna a tarefa do leitor mais demorada, algo que poderia ser evitado, e pode comprometer o propósito comunicativo do gênero (defender uma opinião, tese, de modo claro).

No que se refere ao movimento 2, da macroestrutura textual, vale registrar que o texto é coerente, possui parágrafo de introdução, sendo este adequado, parágrafos de desenvolvimento, com apenas um argumento, parcialmente fundamentado. Carlos faz uma reflexão acerca do pensamento/ argumento geral sobre a causa ou consequência do uso contínuo das novas tecnologias ser infundado, porém, o informante não propõe nenhum contra- argumento que conteste esse pensamento geral e, também, não dá exemplo, comparação ou citação de autoridade que sustente sua reflexão, a qual supõe (sem fundamentar) que, provavelmente, as pessoas já eram vaidosas antigamente, ou seja, antes do advento da internet. Carlos até utiliza no encadeamento do desenvolvimento alguns termos que anotou no esboço de seu plano: *houvera vaidade*, linha 7, *redes sociais*, linha 9, *viciado*, *redes sociais*, *conectado e vaidade*, linhas 17 e 18, mas esses termos foram apenas encaixados de modo coerente na textualidade sem terem contribuído para que o informante elaborasse argumentos sólidos.

O último movimento analisado no artigo, movimento 3, microestrutura textual, conforme Quadro 5 - apêndice A, revelou o emprego por parte de Carlos de oito referências por anáfora Kintsch e Van Dijk (1978), duas por meio de verbos ligados a

pronomes oblíquos, linhas 3 e 23, duas com pronomes demonstrativos, linhas 10 e 11, três com pronomes demonstrativos, linhas 13, 18 e 19, e uma anáfora usando a terceira pessoa do verbo ser no pretérito imperfeito, eram, linha 12. Assim, Carlos utilizou o dobro referências por anáfora em seu texto analógico do que Beatriz, por exemplo, a qual usou quatro, contudo, nenhuma dessas referências de Carlos consta no planejamento. Isso pode mostrar que mesmo sem planejar elementos, como as anáforas, um produtor textual pode ter capacidade de empregá-las diretamente na versão final, possivelmente pelo hábito de leitura ou por utilizá-las com frequência em seus eventos comunicativos.

Pareceu oportuno, neste momento do trabalho, continuar a comparação dos movimentos 2 e 3 do texto de Carlos com os movimentos encontrados na produção analógica de Beatriz, pois esta utilizou 16 operadores lógicos e àquele somente 7 na versão definitiva, o que vale ressaltar nessa comparação é que Beatriz planejou cinco operadores lógicos que utilizou no texto final, enquanto Carlos não planejou nenhum operador lógico então, é possível que por isso, só tenha conseguido escrever sete, ou seja, menos da metade do que Beatriz utilizou, ela utilizou 16.

Para finalizar a verificação microestrutural da produção analógica de Carlos, pontua-se a presença de termos que já caíram em desuso no texto do informante, não condizem com a linguagem esperada do gênero discursivo artigo de opinião, cujo comando da produção previa que o público - alvo seria composto por leitores de um determinado jornal contemporâneo, quer dizer, leitores que compartilham a linguagem formal e semi-formal do século XXI, os quais não utilizam em seu cotidiano, na prática discursiva real, termos como: *hodiernamente* (atualmente), *oligofrênica* (deficiência mental), *epitetadas* (intituladas), *ignara* (inculta) e *despicienda* (desprezível), linhas 3, 11, 12, 20 e 26 respectivamente.

Enfim, pode-se concluir que o texto de Carlos, na plataforma analógica, ficou comprometido pela falta de um planejamento adequado, já que segundo Storrer (2009), quanto mais um texto é moldado de acordo com a forma convencional dele esperada, menor será o esforço mental para a sua elaboração e maior as chances de que esse escrito apresente coerência e atinja seu propósito comunicativo. Logo, se Carlos tivesse o hábito e dominasse a forma adequada de proceder com a planificação textual antes da escrita propriamente dita, isso tornaria o processo de produção menos trabalhoso para ele, além de propiciar melhores resultados na versão final da escrita, a qual, apesar de atender parcialmente aos critérios da superestrutura e da

coerência com o tema, ficou comprometida especialmente no tocante a macroestrutura, por não conter variedade de argumentos sólidos, e na microestrutura, por conter termos arcaicos e incompatíveis com a linguagem contemporânea, possivelmente como forma de usar palavras rebuscadas a fim de impressionar, e escassez de operadores lógicos, conforme observado na comparação com o texto de Beatriz, sendo este precedido de planificação adequada.

A seguir, este estudo procede com a descrição do produto de análise do artigo escrito por Carlos no suporte digital e considerações que foram relevantes, entre elas destacam-se comparar a produção digital de Carlos com a analógica e com os artigos dos informantes analisados até agora.

5.2.3.1 Participante Carlos: Planejamento digital em relação ao texto versão final em suporte digital

É possível interpretar, pela análise da versão digital definitiva do artigo produzido por Carlos que, pelo fato de ele não ter planejado para escrever na plataforma digital, os resultados finais de sua produção, nesse meio, tenham ficado insatisfatórios em relação aos encontrados na versão analógica, na qual Carlos fez ao menos um esboço de plano ou planejamento inadequado.

Primeiramente, verificou-se que o participante não consegue dar base para sua tese, apesar desta estar de acordo com o tema dado no comando de produção, o qual era **“Uso constante das novas tecnologias de informação e comunicação: vício ou necessidade na contemporaneidade?”**. Para fundamentar esta verificação, considere-se as figuras 16 e 17, partes A e B, do texto de Carlos a seguir.

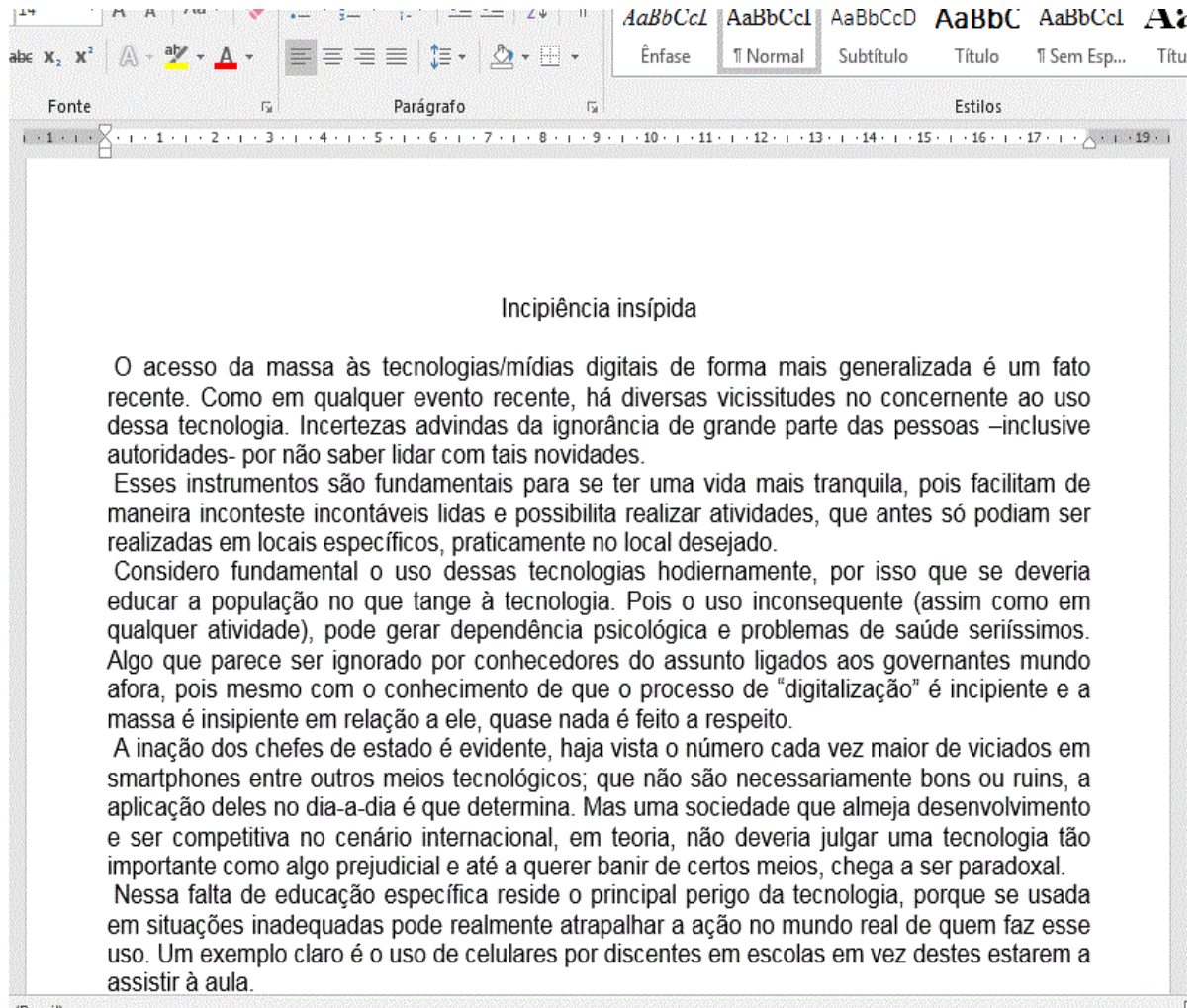


Figura 16 – Artigo, versão final, de Carlos na ferramenta digital - parte A
 Fonte: Autoria própria.

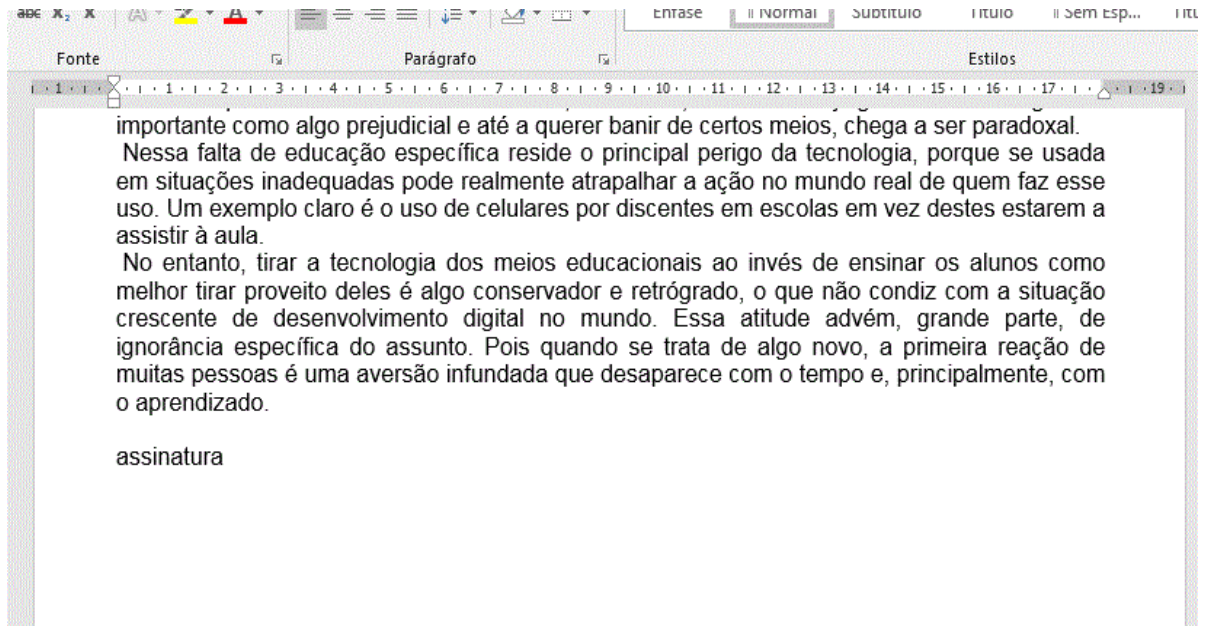


Figura 17– Artigo, versão final, de Carlos na ferramenta digital - parte B
Fonte: Autoria própria.

Destaca-se do texto acima que, embora a tese *Considero fundamental o uso dessas tecnologias hodiernamente, por isso que se deveria educar a população no que tange à tecnologia. Pois o uso inconsequente (assim como em qualquer atividade), pode gerar dependência psicológica e problemas de saúde seriíssimos*⁵, esteja vinculada com o tema do comando, a qual busca um equilíbrio entre a inevitável necessidade de uso das tecnologias e sugere educar a população para seu uso, ela não é aprofundada na sequência do artigo. Algumas evidências desse não aprofundamento são: o fato de Carlos não colocar a fonte da afirmação de dados que faz nas linhas 17, 18 e 19, e não especificar o exemplo do argumento dado no final do desenvolvimento, já que não esclarece a que se refere, especificamente, ou seja, ao uso não pedagógico de celulares durante as aulas, pois o leitor pode entender que qualquer uso seria reprovado e em qualquer contexto por este também não ficar definido.

As constatações anteriores apontam para o fato de Carlos, na plataforma digital, ter elaborado um artigo com superestrutura e propósito comunicativo, movimento 1, confuso, na relação, tese, tema e título, isso porque, além da já descrita falta de embasamento para sua tese - com exceção do argumento de causa/

⁵ Grifo do pesquisador e termos mantidos com a ortografia encontrada nos dados.

consequência, com base nos conceitos de Fiorin (2017), Carlos argumenta que a consequência, *uso inadequado das novas tecnologias*, tem sua raiz, causa, na falta de ensino sobre como utilizar essas ferramentas. Assim, verificou-se que o participante teve dificuldade para executar os movimentos 2 e 3, macro e microestruturas: fundamentar com argumentos e escrever com linguagem clara e objetiva, e isso comprometeu a clareza do todo, quer dizer, o propósito comunicativo ou movimento 1.

Um exemplo do problema de macroestrutura foi o pouco espaçamento no início dos parágrafos, o que não aconteceu na versão analógica produzida pelo informante, dificultando para o leitor saber onde eles iniciam e onde finalizam, além disso os argumentos frágeis já descritos, falta de exemplo específico e falta da citação da fonte. Quanto as falhas de microestrutura, destacam-se, redundância de operadores lógicos como o de realce/ explicação, pois, o qual foi empregado quatro vezes no corpo do texto, linhas 7, 11, 14 e 33. Problemas de coesão, cacofonia, linhas 7, 15, 16 e 17. Inadequação ortográfica, linha 13, com o termo grafado “seriíssimos”, para seriíssimos, uso de “ao invés de, quando deveria empregar “em vez de”, início da conclusão, e, mais uma vez, como Carlos fez no artigo da plataforma analógica, emprego de termos demasiadamente formais que não se enquadram na prática discursiva do gênero artigo de opinião, presentes no título (Incipiência Insípida), e nas linhas 7, 10, 16, 17.

Por fim, a qualidade retórica, movimentos 1, 2 e 3, do artigo produzido na plataforma digital por Carlos foi inferior à do artigo produzido na analógica, visto que, embora em ambas tenham sido observadas inadequações macroestruturais, como falta de argumentos sólidos, e microestruturais, como uso de termos muito rebuscados, na plataforma digital o participante não logrou êxito na paragrafação e no uso de operadores lógicos, como na redundância, por exemplo, e essas duas últimas inadequações não foram observadas no artigo escrito no papel com caneta, o que pode estar associado com o fato de Carlos ter feito um plano para escrita no meio analógico, ainda que um plano frágil, e não tê-lo feito na ferramenta digital, pois partiu diretamente da escrita para a reescrita.

Analisadas as produções de Carlos, adiante, o presente estudo apontará os resultados das observações realizadas na produção analógica do participante Daniel em relação ao planejamento feito com papel/ caneta e levando em conta comparações oportunas com os artigos, dos informantes, que já foram averiguados.

5.2.4 Participante Daniel: Planejamento analógico em relação ao texto versão final em suporte analógico

A análise do artigo escrito no suporte analógico pelo informante Daniel revelou que este realizou a etapa do planejamento em forma de registro da tese, sob a forma de uma proposição, e busca de exemplos para reforçar a argumentação, de acordo com os estudos de Antunes (2010), David e Plane (1996). Foi constatado que o planejamento de Daniel, figura a seguir, contém não somente a previsão da tese que defende, posicionada no início da conclusão, como de argumentos, do tipo exemplo e comparação, com base nos tipos de argumentos listados em Fiorin (2017), dos quais, um, o de exemplo, aparece posteriormente mais aprofundado no desenvolvimento da versão final do artigo.

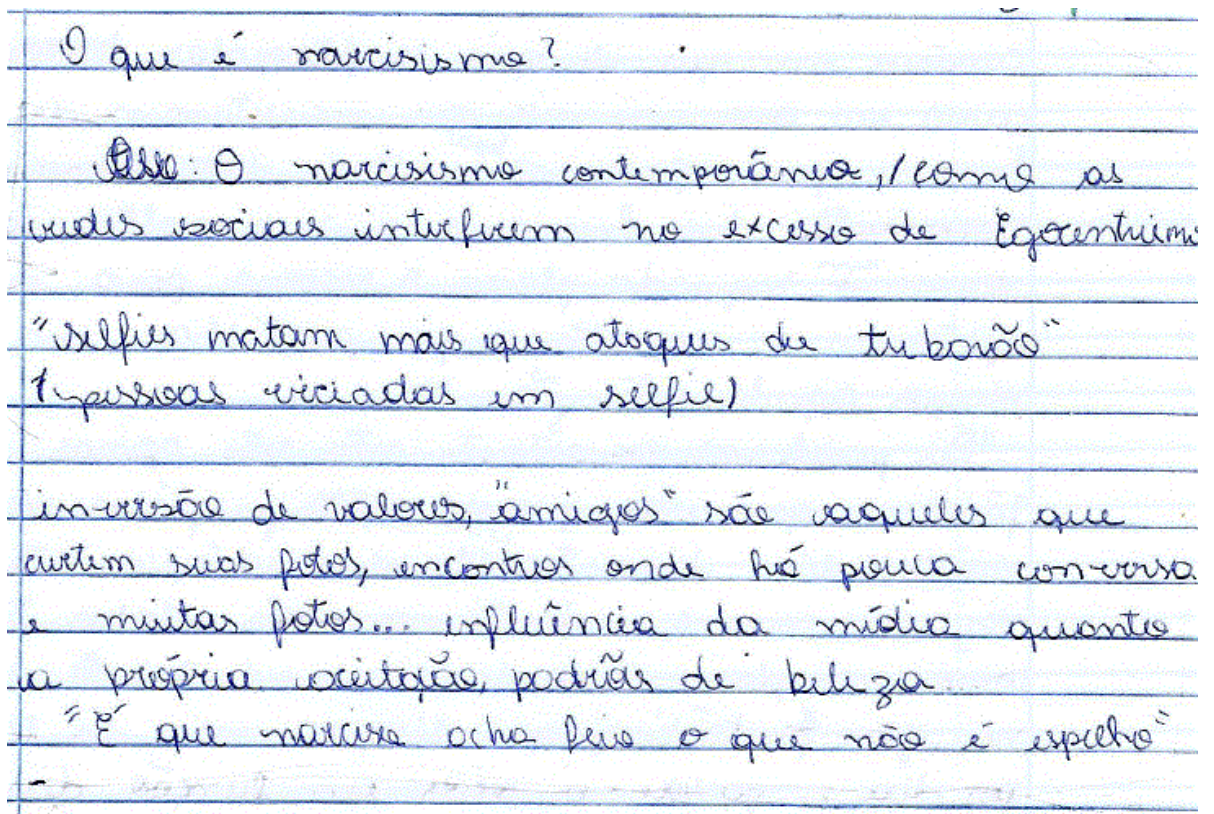


Figura 18 – Planejamento de Daniel na ferramenta analógica
Fonte: Autoria própria.

No plano de Daniel foi confirmada, conforme consta no Quadro 7 - Apêndice A, a presença de quatro operadores lógicos, dois elementos de referência e três modalizadores. Assim, descrita a composição do plano de texto de Daniel, a do plano textual e da respectiva versão final escritos por Daniel, e, depois, a partir da análise

desses textos, o estudo verificará se a versão final analógica cumpre com os critérios retóricos de qualidade esperada do gênero discursivo em estudo.

Ficou claro, por meio da investigação sociorretórica, que a versão final do artigo feito no suporte papel com caneta pelo informante Daniel atende ao quesito de possuir propósito comunicativo, movimento 1 ou superestrutura, uma vez que o texto defende uma tese clara sobre a mídia e as cobranças sociais serem determinantes para influenciar pessoas a terem comportamentos narcisistas, quer dizer, egoístas, ademais, o texto, conforme a figura adiante, concorda e se mantém focado no tema dado no comando e também recebeu um título condizente com o propósito.

1. A Selfie de Narcisise
2. O mito do Narciso deixa claro que a admiração ex-
3. quirada por si mesmo não é uma característica contem-
4. porânea, embora a popularização das selfies publicadas
5. em redes sociais seja algo atual. Esse comportamento,
6. aparentemente inocente, tem consequências que afetam
7. não apenas o narcisista, mas aqueles que estão a
8. sua volta.
9. Infelizmente, tem sido comum ouvir ou ler notícia
10. sobre casos de jovens que se machucaram grave-
11. mente ou, até mesmo, chegaram a faltar por conta
12. do risco que envolve o consumo do momento. Também,
13. também, casos de animais que necessitaram de ajuda
14. e tiveram que esperar a boa vontade dos humanos
15. as redes, que deixaram em segundo plano o socor-
16. to para, antes, registrar aquele momento inesquecível.
17. Os problemas, no entanto, não são apenas os riscos fi-
18. sicos, o que eles estão propiciando, vai muito além disso.

Figura 19 – Artigo, versão final, de Daniel na ferramenta analógica- parte A
Fonte: Autoria própria.

16. no para, antes, registrar aquele momento inusitado
 17. Os problemas, no entanto, não são apenas os riscos fi-
 18. sicos a que eles estão propícios, vai muito além disso.
 19. transtornos psicológicos não toda vez mais comuns, tem-
 20. do como exemplo o caso de um adolescente que tic-
 21. tona mais de cem fotos por dia e parou a vida em
 22. função disso, afastando-se da escola e de seus
 23. colegas, pelo menos fisicamente.
 24. É claro que a mídia e o culto à beleza têm
 25. grande influência nesse comportamento, assim como
 26. a sociedade e o seu padrão de beleza. Portan-
 27. to, é necessário que paremos de admirar tanto
 28. tanto as nossas próprias fotos e passemos a olhar
 29. o outro com mais profundidade, não apenas
 30. o que está sendo refletido em sua superfície.
 31. _____

Figura 20 – Artigo, versão final, de Daniel na ferramenta analógica- parte B
 Fonte: Autoria própria.

Vale ressaltar que durante a leitura do artigo em questão foi notável que Daniel se refere às redes sociais como as mídias mais influentes e propícias para fomentar modos narcisistas de agir na atualidade, então, se percebe a relação do *título A selfie de Narciso* com o propósito do artigo, ou seja, definir os viciados em “selfies” como Narcisos contemporâneos, sendo as fotos o meio atual pelo qual essas pessoas se apaixonam por suas próprias imagens (fotos). Essa análise se fortalece ainda mais com a observação do argumento de retomada e solução dado no último trecho do parágrafo conclusivo: *Portanto, é necessário que paremos de admirar tanto as nossas próprias fotos e passemos a olhar o outro com mais profundidade, não apenas o que está sendo refletido em sua superfície.*

Assim, percebe-se que o planejamento do tipo registro da tese, sendo a escolha da tese oportuna, pode ter sido fundamental para alicerçar ou manter os argumentos e o título alinhados com o tema e com o propósito do produtor do texto durante a escrita da versão definitiva.

No que remete ao movimento 2 ou macroestrutura, observou-se que o artigo analógico de Daniel possui paragrafação, coerência entre os parágrafos e contém, a partir da linha 13 do desenvolvimento, dois argumentos que possivelmente foram pautados em uma proposição do plano *pessoas viciadas em selfie*. O primeiro

argumento, de citação, relembra notícias de animais que em vez de receberem ajuda quando necessitavam foram fotografados em “selfies” pelas pessoas presentes, o segundo, do tipo exemplo, por ser específico, se refere a um adolescente que também virou notícia por necessitar de tratamento psicológico após chegar ao ponto de tirar mais de cem “selfies” diariamente, apesar de nunca conseguir ficar satisfeito com suas próprias imagens.

Como fica possível depreender, esses dois argumentos dados por Daniel, na versão final, podem ter sido ancorados na etapa da planificação, especialmente na proposição *peças viciadas em “selfies”*, visto que, deixar de resgatar animais em perigo para se auto fotografar ao lado da cena além de tirar mais de uma centena de fotos, sem contentamento, são ações que indicam dependência, logo, se associam com o plano de escrita.

Sobre a verificação do atendimento ao quesito, movimento 3 ou microestrutura responsável pela coesão textual, apurou-se, conforme Quadro 7 -Apêndice A, que a versão final analógica do informante possui sete operadores lógicos, treze referências por anáfora e a soma de oito modalizadores, uma quantidade de elementos microestruturais significativa que pode estar vinculada com a presença, no plano, de quatro operadores, duas referências por anáfora e três modalizadores, sendo que, estão tanto no plano quanto na versão final: não é, linha três da versão final, àqueles que, linha sete versão final, além de termos e expressões que auxiliam nas relações lógicas, *padrão de beleza/ aceitação*, linha 26, *redes sociais*, linha cinco, *influência e mídia*, linha 24, *refletido*, linha 30 - sendo que no plano há termo associado a este verbo: o termo espelho.

Por fim, a verificação do texto analógico de Daniel, em relação ao planejamento e aos movimentos sociorretóricos 1, 2 e 3, reforça como o fato de planejar é indispensável para a qualidade final de um texto de base argumentativa, como é o caso gênero discursivo artigo de opinião, pois, o referido informante, assim como as informantes Ana e Beatriz, por ter executado a etapa do planejamento adequadamente, conseguiu produzir um texto de qualidade satisfatória com base nos movimentos esperados do gênero além de superior ao do participante Carlos, o qual, como já analisado, somente planejou destacando algumas proposições dadas no texto motivador e escreveu poucos conceitos junto a essas proposições do comando. Quer dizer, Carlos fez um planejamento, considerando a ação de Carlos como um plano apesar de limitado, que se mostrou demasiadamente sintético e inadequado,

pela sondagem dos movimentos na versão definitiva, para embasar as próximas etapas de produção e para cumprir sua função: preparar e nortear a escrita em meio analógico.

No próximo item, serão descritos os apontamentos com base na análise feita na produção de Daniel em meio digital, planejamento em relação a versão definitiva.

5.2.4.1 Participante Daniel: Planejamento digital em relação ao texto versão final em suporte digital.

As conclusões originadas com base na investigação do decurso de escrita do artigo de opinião em meio digital, do informante Daniel, dialogam e reforçam o que vem sendo observado desde o início da análise dos dados, ou seja, que o modo de planejar na ferramenta digital pode ser diferente da maneira habitual com que se planeja no suporte tradicional, analógico. Notou-se, por exemplo, que Daniel planejou na ferramenta digital, começando por destacar proposições do próprio texto, tal como o fez a informante Ana, primeiro participante que teve sua produção analisada. Contudo, percebe-se uma pequena diferença no modo como Ana e Daniel destacaram as proposições dadas no comando, pois enquanto este copiou as preposições que selecionou e as colou imediatamente acima do início de sua escrita, aquela simplesmente destacou os enunciados que lhe aprovou no próprio corpo do texto, usando fonte de cor vermelha, como já explicado. Embora o modo de destaque das proposições de Ana e Daniel tenha sido um pouco diferentes, a função foi a mesma para ambos, já que os dois informantes utilizaram essas proposições como base para formulação do artigo.

Outra verificação oportuna foi que, Daniel, além de destacar algumas proposições, ainda elaborou três novas afirmações, em formato de fichamento, logo abaixo dos referidos enunciados copiados do comando, como é possível verificar na imagem a seguir, a qual apresenta o recorte da gravação de tela do planejamento e início da escrita de Daniel.

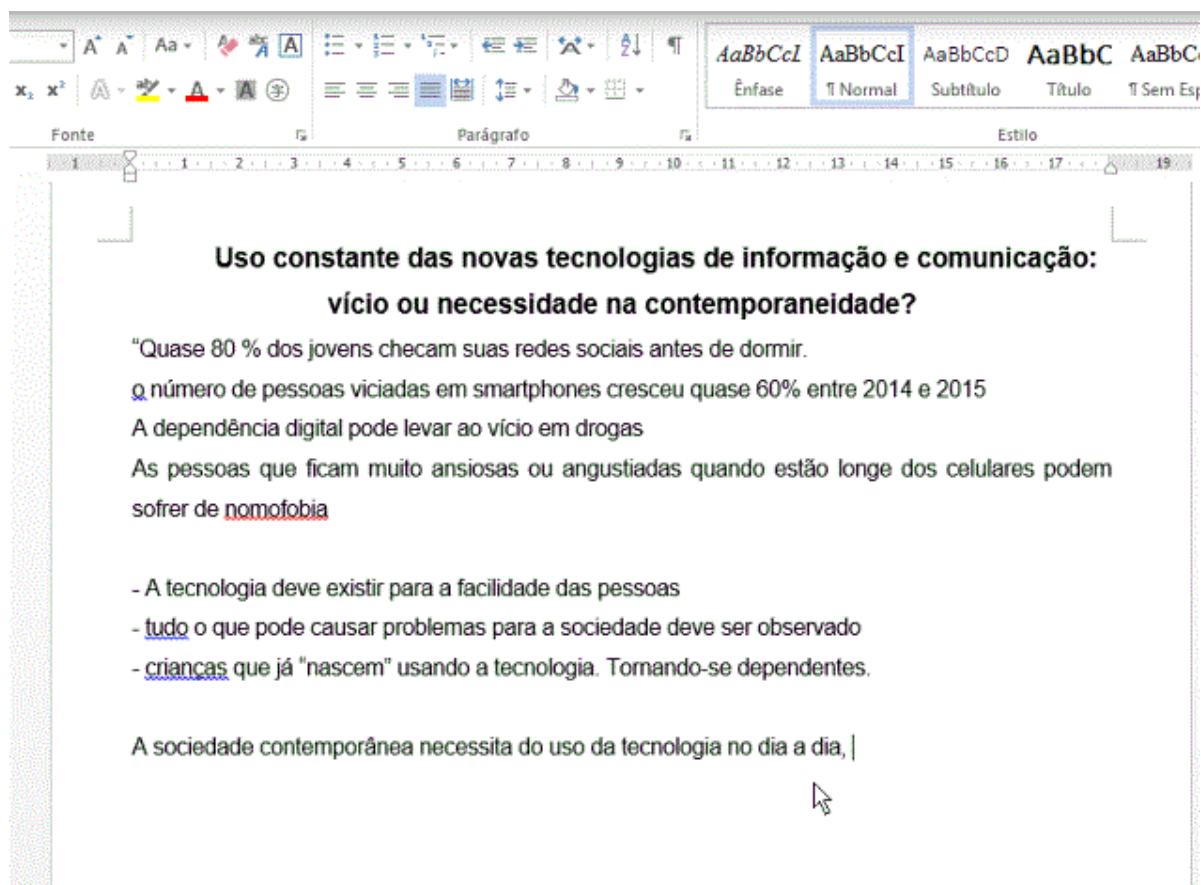


Figura 21 – Planejamento de Daniel na ferramenta digital
 Fonte: Autoria própria.

O que mais chama a atenção na análise dos dados de Ana e Daniel foi o fato de eles terem conseguido planejar seus artigos na ferramenta digital, ao contrário de Beatriz e de Carlos, no entanto, vale ressaltar que eles empregaram modos diferentes do que usaram para planificar na escrita analógica. Nesta, Ana e Daniel utilizaram planejamentos do tipo esquema e anotação prévia da tese em forma de proposição, respectivamente, no entanto, para planificarem na ferramenta digital, os dois informantes procederam em primeiro lugar com o destaque de proposições que selecionaram no texto motivador.

O resultado foi que, nos três movimentos analisados, Ana e Daniel, participantes que planejaram na máquina, se saíram melhor do que Beatriz e Carlos, participantes que não planejaram nesse meio tecnológico. Por exemplo, no tocante ao movimento 1, da superestrutura, além da tese, *Dessa forma, é necessário entendermos que a tecnologia está aí para facilitar a nossa vida, se usada da maneira certa* - presente no início da conclusão, estar de acordo com o tema do comando e prevista no primeiro item do planejamento em forma de fichamento, - *A tecnologia deve existir para a facilidade das pessoas*, observa-se que o título dado por Daniel, na versão definitiva digital, *As*

tecnologias de informação e comunicação como uma droga contemporânea, provavelmente foi pautado no terceiro item do fichamento planejado, dos itens iniciados por travessão, - crianças que já “nascem” usando tecnologia. Tornando-se dependentes.

No tocante à macroestrutura, movimento 2, o texto de Daniel possui paragrafação adequada com introdução, desenvolvimento e conclusão, além disso, contém parágrafos interligados, coerência e argumentos variados, um destes é o do tipo causa, *uso constante* e consequência, *pode levar ao vício*, já no final da introdução, e um segundo da mesma categoria de argumento encontrado no final do desenvolvimento, *Para cada texto publicado no facebook de madrugada, causa, existirá uma pessoa cansada no outro dia, por não dormir direito na noite anterior*, ou seja, existirá uma consequência. É possível afirmar que esses argumentos estavam previstos no plano e possivelmente foram inspirados pela proposição: *-Tudo o que pode causar problemas para a sociedade deve ser observado.*

Outros argumentos vistos na versão final digital de Daniel foram o de exemplo, *tanto de crianças como de adultos fissurados pelas novas tecnologias*, segundo e terceiro parágrafos, de comparação do vício em tecnologia com drogas ilícitas, quarto parágrafo, e citação de autoridade, Aristóteles, penúltimo parágrafo. Logo, é de suma importância observar que todos esses argumentos mantêm a linha do que foi previsto na planificação, o que revela o quanto a ferramenta para planejar texto, o plano – etapa um da escrita, influencia na qualidade final dos movimentos retóricos da produção definitiva.

Essa mesma influência, do plano no texto final em meio digital, também foi constatada, conforme Quadro 8 - Apêndice A, no que se refere ao movimento 3, microestrutura, pois foram encontrados tanto no planejamento quanto na versão final os seguintes operadores lógicos: *antes*, linha cinco texto final, *quase*, linha quatro do terceiro parágrafo, verbos auxiliares modais *poder* e *dever*, linha três da introdução e linha três da conclusão.

Portanto, a estratégia que tanto a participante Ana quanto o participante Daniel empregaram para planificar no computador conduz este estudo a interpretar que o tipo de letramento necessário para se conseguir planejar/escrever com qualidade na ferramenta digital, com teclado, tela e mouse, pode ser diferente do tipo de letramento demandado pela ferramenta tradicional, a analógica, com papel e caneta.

A ferramenta digital parece exigir uma forma distinta de planejar, com base nos estudos do Grupo de Nova Londres (1996), Bezemer; Kress (2008, 1997), Kleiman (2014) e Rojo (2013), principalmente em ferramentas digitais, ou seja, uma nova forma de ensinar e aprender a ler e escrever, a qual propicie a sequência didática necessária para planejar, escrever, reescrever e que seja compatível com o suporte tecnológico utilizado.

Assim, é possível pensar que, caso um produtor de texto tente planejar no meio digital da mesma forma que planeja no analógico, usando um letramento típico da ferramenta analógica ou tendo sido habituado/traumatizado com os letramentos dominantes, por acreditar que fora ensinado a escrever com o método correto e fracassou, ou que não sabe escrever, etc), não terá êxito, o que deve ter ocorrido com os informantes Beatriz e Carlos, os quais deixaram de fazer o planejamento possivelmente devido a essa dificuldade, esperar que a ferramenta digital oferecesse as mesmas condições da analógica.

A seguir, a pesquisa demonstrará as observações realizadas na produção analógica de Ester, as quais, de acordo com o objetivo geral do estudo, continuam a confirmar o que até agora foi constatado, que a etapa do planejamento é fator primordial para a qualidade da escrita final de um texto e que há diferença entre o letramento que precisa ser adotado para planejar no meio analógico e o necessário para planejar no meio digital.

5.2.5 Participante Ester: Planejamento analógico em relação ao texto versão final em suporte analógico

Já no início da análise da produção analógica de Ester, verificou-se que esta realizou a etapa do planejamento e que este foi determinante tanto para a formulação do texto definitivo da participante. Com um plano em forma de fichamento, exposto na próxima figura, não de ideias copiadas do comando, mas de proposições originais da produtora, e prévia da introdução, notou-se que Ester prepara com clareza os três movimentos do artigo que executou na etapa de reescrita.

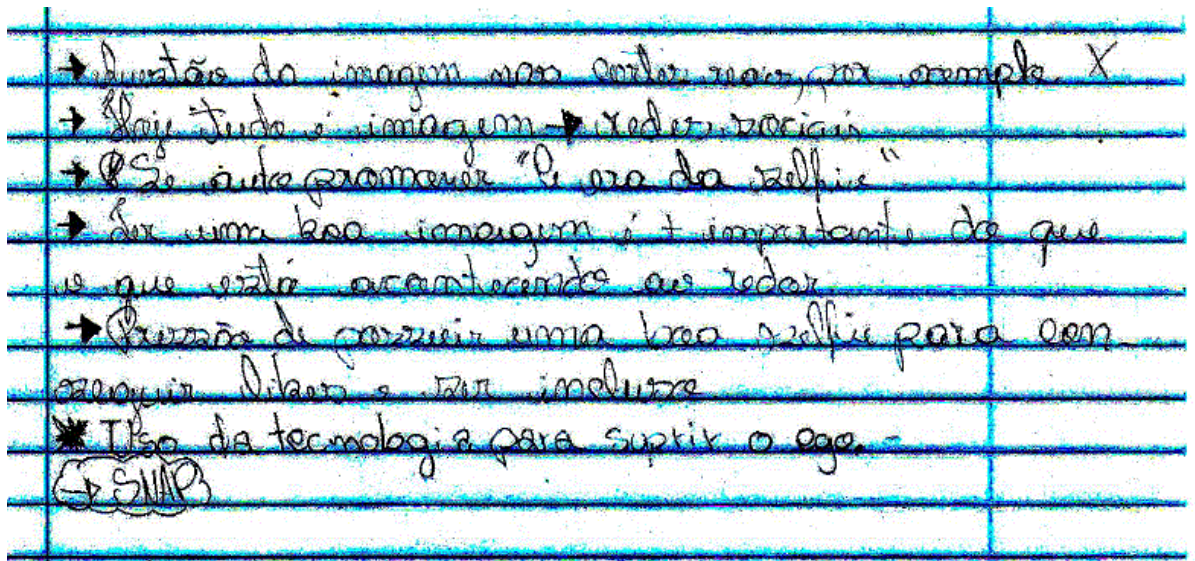


Figura 22 – Planejamento de Ester na ferramenta analógica
 Fonte: Autoria própria.

1. 1. a era da "élich"
2. 2. Se imaginarmos num restaurante e que tenha, na mesa ao lado, um
3. grupo de amigos que tenham celulares. Cada um que está ali está
4. os "élich" das câmeras fotografando seus pratos de comidas e
5. suas selfies para postarem nas redes sociais para receberem curtidas.
6. É fato de que os seres humanos sempre vivem de aparências, basta
7. olhar a história. Na Egito Antiga, por exemplo, começou a vaidade mo-
8. nica a estética. Todavia, não é preciso voltar tanto para perceber
9. a necessidade humana de alimentar os ego desde que a criação
10. das câmeras os firmaram a necessidade e a vaidade humana.
11. Um exemplo da vida de representatividade é os Youtube. Salvo magi-
12. no é marcado por vídeos em que os blogueiros mostram a
13. seu público a como tirar uma selfie de qualidade. Podem ser, as
14. câmeras se auto-promovem quando mostram os vídeos
15. que possuem - como maquiagens e roupas - para aumentar o
16. número de visualizações.
17. Todavia, portanto, a era da imagem tornou-se de

Figura 23 – Artigo de Ester na ferramenta analógica- parte A
 Fonte: Autoria própria.

18. alguma importância promover-se nas redes sociais. Para isso,
 19. gastam horas se arrumando, achando poi, roupas bonitas, fo-
 20. tografando selfies de imagens e as editando; para, simular
 21. muito, ganharem curtidas nas redes sociais que seriam
 22. automaticamente, para suprir o ego humano.
 23. *Além disso, toda a questão tornou-se problemática, as im-
 24. dividuos vivem para se auto promoverem. Percebem facilidade,
 25. Snapchat e Instagram para se induzirem num meio
 26. de auto-representatividade, que faz com que alguém se
 27. veja muito se possui curtidas. Chegamos, então, ao ápice
 28. da ignorância, como o próprio exemplo de falar
 29. da dicotomia. Por conseguinte, é misturar que está completo
 30. de narcisismo, de amar a própria imagem e viver disso, pa-
 31. ra, porque somos muito mais que uma imagem, pre-
 32. cisamos parar de promover tão atos que fazem a intima-
 33. ção humana ser reduzida a uma foto. Os momentos fi-
 34. zemos precisam voltar em nossas memórias e não no di-
 35. nheiro do tempo do Facebook.

Figura 24 – Artigo de Ester na ferramenta analógica- parte B
 Fonte: Autoria própria.

O movimento 1, superestrutura, foi bem elaborado, uma vez que Ester manteve a coerência de seu texto, sua tese e seu título alinhados com o comando da produção, sobre o uso inapropriado das novas tecnologias poder gerar comportamentos narcisistas. Seu artigo atinge o propósito comunicativo do texto/ gênero discursivo de base argumentativa, artigo de opinião, por defender uma tese clara, a qual se caracteriza por sustentar, como argumento principal, que as pessoas estão trocando as relações pessoais ou presenciais pelas virtuais devido à necessidade de suprir o ego.

A verificação dos critérios do movimento 2 no texto final, macroestrutura, revelou paragrafação, parágrafos de introdução, desenvolvimento e conclusão coesos, com argumentos variados e previstos na planificação, como é possível verificar nas figuras acima, Figuras 23 e 24, do plano e do texto final, pois nelas se percebe que uma parte da introdução foi prevista no planejamento, em meio ao fichamento, o qual contém conceitos iniciados por setas e um asterisco.

A mesma introdução, prevista no projeto de texto, de imediato possui um argumento de causa, necessidade de certos amigos alimentarem os egos mostrando “selfies” e também fotos do que estão comendo naquele momento, e consequência, receberem curtidas, após postarem as fotos nas redes sociais, com o esperado afago ao ego. Tal necessidade estava antecipada no planejamento, expressa na proposição, *suprir o ego*, a qual foi repetida duas vezes no plano e certamente serviu como norte para a tese sustentada, ou seja, defender que, bastaria os momentos felizes estarem em nossas memórias e não publicados *on-line* para serem vistos, nova tese: linhas 33, 34 e 35.

A variedade de argumentos da macroestrutura encontrados na produção analógica de Ester corrobora para demonstrar como a qualidade do texto bem planejado é superior ao dos não planejados, os principais argumentos constatados foram: de comparação do narcisismo atual com o do Antigo Egito, linha 6 - início do desenvolvimento, argumento de exemplificação sobre a existência de canais na internet que ensinam a fazer uma *selfie perfeita*, argumento previsto na proposição do plano, *Blogueiras fazer vídeo de como ter uma selfie bela*, linha 11 da versão final, argumento de causa e consequência, previsto na proposição do plano, *Pressão de possuir uma boa selfie para conseguir likes e ser incluso*, a partir da linha 17 – sobre o esforço para se produzir e buscar o local ideal para se fotografar a fim de ter mais curtidas, além de citação de argumento com base no que disse uma autoridade, Einstein – linha 28. Assim como ocorreu no movimento 2, o texto de Ester também apresenta boa coesão, microestrutura, entre os elementos intratextuais, como veremos no parágrafo adiante.

No tocante ao movimento 3, a microestrutura textual do gênero artigo de opinião, averiguou-se que a versão final analógica escrita por Ester contém muitos operadores lógicos, boa quantidade de referências por anáfora e de modalizadores, como por exemplo: *É fato, todavia, dado que, ademais, portanto, destarte, então, por conseguinte, porque, seus/suas, tal exagero, para isso, este complexo, viver disso, tais atos*. Aliás, para confirmar como o planejamento influenciou a qualidade microestrutural do texto, versão final analógica de Ester, examinou-se que três termos e duas expressões destacadas, como foco a seguir, no plano pela informante foram amplamente utilizados no texto para concatenar as ideias, são eles, se *autopromover* (utilizado três vezes), *youtube* (uma vez), *aparências* (uma vez), *redes sociais* (três

vezes) e, *suprir o ego* (duas vezes), encontrados nas linhas: 5, 6, 9, 11, 14, 18, 21, 22, 24.

Por fim, o ato de Ester planejar na ferramenta analógica, assim com os informantes Ana, Beatriz e Daniel, foi de suma importância para a qualidade final dos três movimentos esperados em seus artigos de opinião. A seguir, serão expostos os resultados das ações de Ester na produção do artigo de opinião em meio digital.

5.2.5.1 Participante Ester: Planejamento digital em relação ao texto versão final em suporte digital

O exame do decurso de escrita do artigo de opinião em meio digital, da informante Ester, dialoga e corrobora o que vem sendo observado desde o início da análise dos dados, que o modo de planejar na ferramenta digital pode ser diferente da maneira habitual com que se planeja no suporte tradicional, analógico. Notou-se, por exemplo, que Ester planejou na ferramenta digital, começando por destacar proposições do próprio texto, tal como o fez o informante Daniel e a informante Ana, primeiro e quarto participantes que tiveram suas produções analisadas.

Ester não apenas destacou preposições no texto motivador, como também, a partir delas criou um fichamento, um plano original para seu texto digital, o qual pode ser visualizado abaixo.

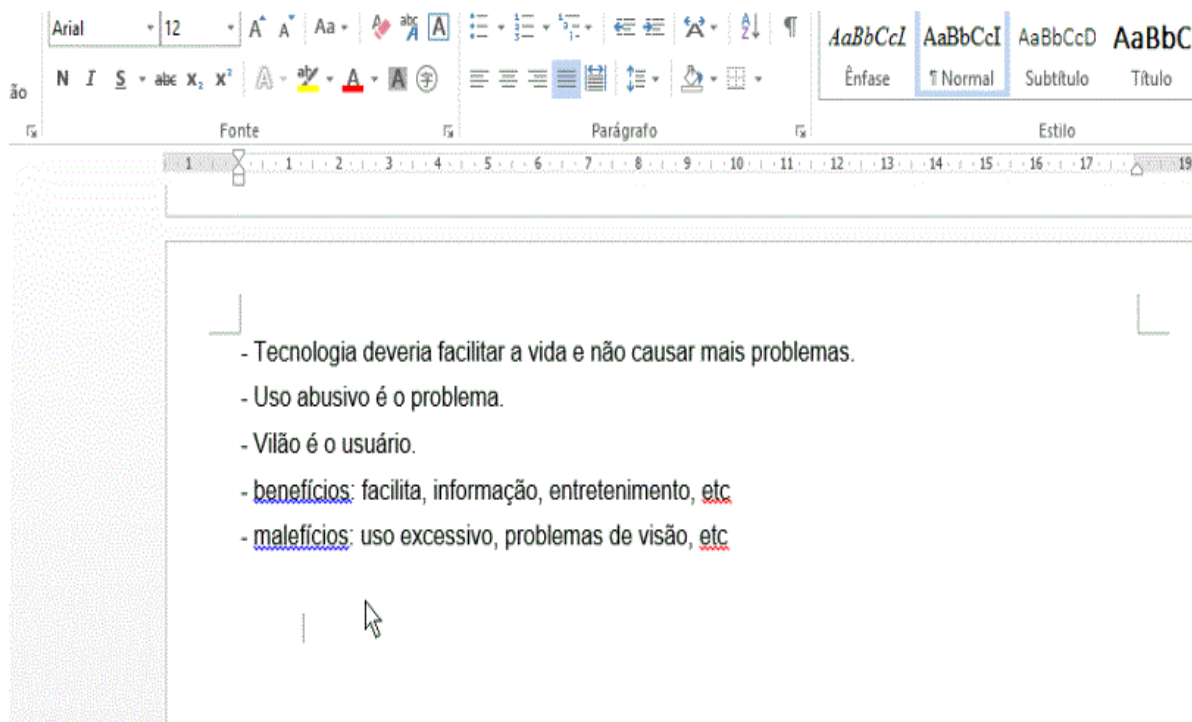


Figura 25 – Planejamento de Ester na ferramenta digital
Fonte: Autoria própria.

O que mais se destaca na análise dos dados tanto de Ester quanto de Ana e Daniel foi o fato deles terem conseguido planejar seus artigos na ferramenta digital, ao contrário de Beatriz e de Carlos. Vale ressaltar que eles empregaram o modo destaque de proposições do texto motivador, o que não fizeram na escrita analógica. Para planejarem na ferramenta digital, dois dos três informantes citados procederam em primeiro lugar com o destaque de proposições que selecionaram no comando, depois, os informantes Daniel e Ester fizeram fichamentos originais a partir das proposições destacadas no texto motivador para só depois começarem a escrita em si.

O resultado foi que, nos três movimentos analisados, Daniel e Ester, participantes que planejaram na máquina, se saíram melhor do que Beatriz e Carlos, participantes que não planejaram nesse meio tecnológico. Por exemplo, no tocante ao movimento 1, da superestrutura, a tese *Destarte, se não é a tecnologia em si a culpada por doenças cardiovasculares – afinal muitas doenças estão sendo tratadas com tecnologia – e ela possui diversos fatores benéficos, o culpado é o usuário*, presente no quarto parágrafo de desenvolvimento do texto de Ester, concorda com o tema do comando, quer dizer, cumpre com o quesito superestrutura (movimento 1 – do propósito comunicativo dado

por tese clara) e estava prevista no terceiro item do planejamento em forma de fichamento, - *Vilão é o usuário*.

No tocante à macroestrutura, movimento 2, o texto de Ester possui paragrafação adequada com introdução, desenvolvimento e conclusão, além disso, contém parágrafos interligados, coerência e argumentos variados, um destes é o do tipo causa/ consequência simultâneo com uma comparação, *Não há como relaxar, não há como escapar, quando um indivíduo acessa abusivamente suas tecnologias, resulta num vício tão problemático quanto as drogas. A causa, usar abusivamente a tecnologia, a consequência, ficar viciado, comparação, com o uso de drogas ilícitas*. É importante destacar que essa proposição sobre o uso abusivo estava planejada no segundo item do plano, - *Uso abusivo é o problema*, o que nos leva a refletir se, na hipótese da ausência do planejamento, Ester teria argumentado com a mesma consistência ao ponto de mesclar dois tipos de argumentos, de causa/ consequência e comparação, com tanta propriedade, é provável que não.

O texto final da versão digital de Ester atende também o quesito macroestrutural, movimento 2, pois contém paragrafação adequada, coerência entre os parágrafos de introdução desenvolvimento e conclusão e argumentos sólidos e variados. O segundo parágrafo contém um argumento por metáfora, onde considera o problema do vício em tecnologia como um verdadeiro câncer, e outro de causa/ consequência, sobre o vício gerar doenças, como por exemplo, problemas de visão, argumento antecipado na planificação, - *Malefícios: uso excessivo, problemas de visão, etc*. Há também comparação entre os tempos feudais e a atualidade além de argumento por exemplificação de como o *links e hiperlinks distraem e mantêm o usuário por tempo demasiado em frente ao computador*, terceiro parágrafo.

No quarto parágrafo, constam mais dois argumentos, o de causa/ consequência, *A culpa está, principalmente, nos pais que deveriam ensinar e, na verdade, estão tão viciados quanto*, e o de exemplificação, *Não é o pai que compra celulares e tablets para crianças de seis anos?*, sendo a causa daquele argumento a falta de limites e de ensino dos pais e, a consequência, o vício das novas gerações. Esses argumentos se ligam claramente aos itens planejados e norteados da tese defendida por Ester, - *Uso abusivo é o problema / - Vilão é o usuário*, assim, percebe-se o quanto o planejamento é usado, pela informante, como guia para a elaboração dos argumentos e

consolidação do segundo movimento retórico esperado em um texto de base argumentativa.

Quanto ao movimento 3, da coesão e elementos de microestrutura, notou-se que o texto de Ester também atinge o esperado no quesito, pois em seu artigo encontraram-se principalmente operadores lógicos (10), e anáforas (11), apesar de somente conter três modalizadores. Ademais, palavras-chave colocadas como basilares no plano de texto aparecem com frequência no texto final de Ester em plataforma digital, são elas (problema/ problemas – seis vezes) e (usuário – cinco vezes).

Enfim, o texto final produzido por Ester mostrou-se bem estruturado nos quesitos investigados e ficou constatado que isso foi possível devido sua preparação, ou seja, o planejamento, o qual assim como ocorreu com os outros participantes que planejaram (Ana e Daniel), foi executado de modo distinto a maneira de planejar na ferramenta analógica. Assim, pode-se inferir até o momento, com os dados de metade dos participantes verificados, os cinco primeiros, que a forma de planejar demandada pela ferramenta digital para produzir o gênero discursivo em foco, artigo de opinião, é diferente da necessária na ferramenta mais tradicionalmente utilizada, a analógica.

Os professores de língua materna poderiam adotar sequências didáticas adequadas, capazes de orientar os alunos sobre as três etapas indispensáveis para a boa qualidade da escrita: planejar, escrever, reescrever, sendo tais sequências tão adequadamente elaboradas que propiciassem aos alunos a forma necessária para eles planejarem e assim compreenderem as funções, as práticas sociais, além de dominarem as características com os movimentos retóricos do gênero do discurso em foco: o artigo de opinião.

Tendo em consideração que neste ponto da pesquisa ainda restam ser apresentadas as análises dos participantes 6, 7, 8, 9 e 10, que as produções da primeira parte dos participantes, 1 ao 5, Ana, Beatriz, Carlos, Daniel e Ester, já foram investigadas e que os resultados obtidos no estudo pormenorizado dos dados gerados pelo total de participantes aponta para conclusões semelhantes as expostas até aqui, deliberou-se ser oportuno narrar, a partir de agora, a comparação simultânea entre o averiguado nos dados produzidos pela segunda parte de participantes, quer dizer, dos cinco participantes que restam, Flávia, Gabi, Hélio, Janaina e Camila e, na sequência, nas considerações finais, fazer a relação desses conceitos com o produto do exame

empreendido nos textos dos informantes Ana, Beatriz, Carlos, Daniel e Ester. A referida deliberação e nova etapa/ modo de olhar para os dados procura se alinhar aos pressupostos teóricos metodológicos, conforme capítulo 3, que norteiam este estudo.

Antes de prosseguir com a análise é válido retomar aqui alguns dos pressupostos mencionados no final do parágrafo anterior, como o de Lowenberg (1993), o qual afirma que a descrição teórica precisa ser fundamentada em dados, como no caso deste estudo. Strauss e Corbin (1990) reforçam o pensamento de Lowenberg (1993) propondo que todos os procedimentos da teoria fundamentada nos dados visam identificar, desenvolver e relacionar conceitos, portanto, especialmente essa relação de conceitos será mais evidente na pesquisa daqui em diante.

5.3 Análise dos planejamentos em relação aos textos definitivos produzidos analogicamente, participantes Flávia, Gabi, Hélio, Camila e Janaina.

A verificação dos movimentos 1, 2 e 3 nos dados coletados dos participantes Flávia até Janaina, ver quadros 11 até 20 no Apêndice - A, levou aos seguintes apontamentos: no que se refere à superestrutura, movimento 1, os cinco artigos de opinião, versões finais analógicas, apresentaram adequadamente o propósito comunicativo pertinente ao gênero, quer dizer, defenderam teses claras, sendo vinculadas ao tema dado no comando, o qual reflete se as novas tecnologias incentivam comportamentos narcisistas. Além disso, com exceção da participante 10, Camila, todos elaboraram títulos criativos para seus artigos, conforme instituíam o comando da produção, e esses títulos também reforçam as respectivas teses defendidas por cada participante.

Ainda sobre a verificação da superestrutura nos textos dos referidos participantes destaca-se que quatro deles, Gabi, Hélio, Janaina e Camila, defenderam teses muito semelhantes, sobre o narcisismo atual diferir do representado no mito original pelo fato do contemporâneo ser fruto da insatisfação que as pessoas têm com suas imagens reais. Essas pessoas inventam imagens idealizadas com o objetivo de serem aceitas nas redes sociais e acabam ficando aficionadas, apaixonadas por essas imagens que projetam para si mesmas. Embora Camila não tenha feito um título para seu artigo e a tese de Flávia tenha sido sobre a necessidade de possuir para adquirir status com as postagens, estas, assim como as demais participantes, também

atenderam aos quesitos esperados para a superestrutura, e isso certamente está associado ao fato de que todas realizaram a etapa do planejamento e nela anotaram suas teses para nortear as próximas etapas de escrita.

No que se refere ao movimento 2, macroestrutura, notou-se, conforme Quadros 11, 13, 15, 17, 19 - Apêndice A, que os cinco participantes, Flávia, Gabi, Hélio, Janaina e Camila, produziram parágrafos adequados de introdução, desenvolvimento e conclusão, além de produzirem argumentos coerentes com as teses que defenderam, sendo a maioria deles previsto nas planificações. Flávia utilizou argumentos de exemplo, um nas linhas 9 e 10 e outro nas linhas 15 até 18, ambos previstos no plano. Ela também usou o tipo de argumento de causa/ consequência, linhas 5 e 6 e ironia, linha 8.

Gabi empregou argumentos do tipo causa/ consequência, linhas 9 até 11, citação de autoridade, Freud, linha 18 e metáfora, linhas 22 e 23. O participante Hélio sustentou sua tese com argumentos de causa/ consequência (assim como Flávia e Gabi), linhas 6, 12 e 13, exemplos dessas causas na conclusão (insegurança, baixa autoestima, defeitos físicos, etc.), e uma comparação com o mito sobre nos apaixonarmos pelo reflexo e afogarmos o eu, linhas 9 e 10, final da conclusão.

Janaina, assim como Flávia, argumentou na forma de ironia, tanto na introdução quanto no segundo parágrafo, ademais, fez uso de uma citação de provérbio, *À mulher de César não basta ser honesta, deve parecer honesta*, linhas 22 e 23, esta citação estava prevista no plano de escrita de Janaina assim como a já referida citação da informante Gabi, a qual usou um conceito de Freud.

A participante Camila, tal como Flávia, Hélio e Gabi, usou argumento do tipo causa e consequência nas linhas 9 e 10, sendo, de acordo com Camila, a causa do comportamento narcisista o incentivo das mídias para que os usuários postem imagens e vídeos potencialmente capazes de complementar as reportagens, e, em troca, essas mídias oferecem os créditos ao usuário publicando a identidade de quem forneceu o material. Camila ainda aplica argumentos do tipo exemplo nas linhas 12, 13 e 14. Assim, constatou-se que os cinco informantes foram capazes de argumentar com propriedade pelo fato de terem planejado esses argumentos.

Por fim, analisou-se os artigos dos informantes, já mencionados, no quesito microestrutura, movimento 3, e as conclusões foram as que seguem descritas. Todos os textos, de Flávia, Gabi, Hélio, Janaina e Camila continham operadores lógicos sendo que foram encontrados 7, 5, 13, 22 e 9 respectivamente. As referências por

anáforas quantificadas foram 10, 7, 8, 5 e 7, respectivamente. Os artigos produzidos por Flávia e Gabi apresentaram um modalizador cada, enquanto nos demais não foi identificada a presença desse elemento coesivo. Contudo, os artigos finais elaborados por Gabi, Hélio, Janaina e Camila, valeram-se de verbos e pronomes pessoais na terceira pessoa do plural, mais de 10 ocorrências por artigo em média, para tornar seus artigos mais pessoais, ou seja, como recurso para despertar o leitor sobre a possibilidade de que ele pode estar agindo como narcisista.

Considerando a análise dos movimentos 1, 2 e 3 nos planejamentos em relação às produções finais em ferramenta analógica, feitas pela segunda metade dos participantes, Flávia, Gabi, Hélio, Janaina e Camila, foi notável que todos atenderam aos quesitos sociorretóricos esperados para o gênero. Em suma, pode-se concluir que na ferramenta papel com caneta os informantes conseguiram planejar e isso refletiu positivamente em todos os movimentos que adotaram na reescrita final de seus artigos. A partir do próximo parágrafo, veremos como os mesmos participantes elaboraram seus artigos na ferramenta digital sempre tendo em vista os movimentos 1, 2 e 3, típicos do gênero discursivo de base argumentativa, artigo de opinião, levando em conta a planificação em relação aos textos definitivos, conforme o objetivo geral do presente estudo.

5.3.1 Análise dos planejamentos em relação aos textos definitivos produzidos na ferramenta digital, participantes Flávia, Gabi, Hélio, Camila e Janaina.

As análises realizadas nos textos digitados pelos participantes Flávia, Gabi, Hélio, Camila e Janaina, Quadros 12, 14, 16, 18, 20 – Apêndice A, revelaram alguns resultados diferentes da análise feita nos textos analógicos produzidos pelos mesmos informantes. A informante Flávia, por exemplo, não planejou na ferramenta digital e, provavelmente por isso, seu texto ficou comprometido nos quesitos movimento 2 e 3. Se por um lado ela conseguiu propor uma tese, sobre as novas tecnologias serem capazes de viciar e afetar o convívio social se utilizadas sem moderação, por outro, ela teve dificuldade de sustentar essa mesma tese como argumentos variados, com coerência e com coesão. Para demonstrar essa dificuldade, observe-se o início do texto da informante.

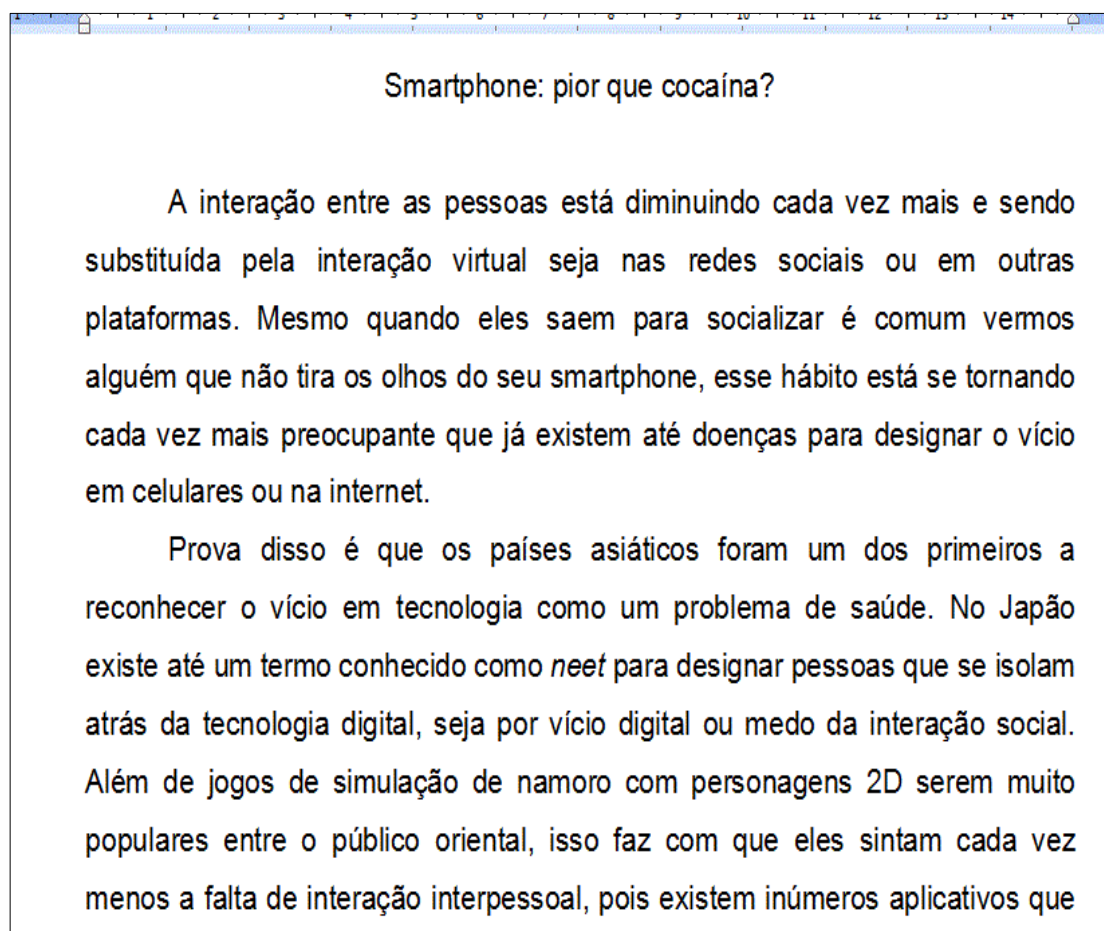


Figura 26 – Artigo, versão final, de Flávia na ferramenta digital
 Fonte: Autoria própria.

A leitura dos dois primeiros parágrafos apresenta os referidos problemas encontrados na produção de Flávia, possivelmente gerados pela inexistência de um plano prévio. No trecho *Mesmo quando eles (...)*, terceira linha da introdução, há problema de coesão, o que também afeta a clareza, a coerência, pois o pronome **eles**, não concorda como o substantivo **pessoas**, sendo que seria adequado utilizar o pronome feminino **elas** para tal concordância. Uma falha semelhante se repete em seguida na proposição (...) *esse hábito está se tornando cada vez mais preocupante que já existem até doenças (...)*. Nessa proposição o pronome relativo **que** não conecta a ideia anterior com a posterior de modo adequado, o que aconteceria se

Flávia tivesse usado a conjunção aditiva **e**, por exemplo, para acrescentar mais informação.

Vale ressaltar mais uma das inadequações no artigo não planejado de Flávia. No início do segundo parágrafo, a informante comete mais uma falha de coesão, desta vez no enunciado *países asiáticos foram um dos primeiros a reconhecer (...)*, onde Flávia não faz a concordância de número/ pessoa de forma precisa, a qual seria, **países asiáticos foram os primeiros a reconhecer**. Pontua-se que o texto escrito na ferramenta analógica por Flavia, texto planejado, não apresentou nenhum problema de coerência ou coesão como verificado na produção digital, não planejada.

Em suma, no tocante ao movimento 2, macroestrutura, e movimento 3, microestrutura, o texto digital de Flávia (versão final) evidentemente ficou comprometido pela falta de planificação, porque além das já descritas falhas de coesão/ coerência, a informante não especificou a fonte ou ano de publicação das citações de pesquisas que escreveu no terceiro e no quarto parágrafo, sendo estas duas citações os únicos argumentos que ela utilizou somados a um exemplo de japoneses viciados em tecnologia, no segundo parágrafo.

A participante Gabi, também não planejou o seu texto digitado, como consequência, o texto dela teve prejuízo especificamente no primeiro movimento, na superestrutura. Gabi defende que todos, quer dizer, toda a sociedade foi afetada pelo uso das novas tecnologias. Essa generalização é perigosa uma vez que não é possível embasar que, de fato, todos os cidadãos do planeta tenham sido afetados pelas novas tecnologias. Além disso, Gabi restringe o significado da expressão “novas tecnologias” associando-o apenas à internet e aos aparelhos que dão acesso a ela, sem esclarecer que abordará especificamente esta categoria, de informação e comunicação, dentro das novas tecnologias que podem compreender uma multiplicidade de novas ferramentas.

A generalização presente no artigo em plataforma digital feito por Gabi também ocorre no final do terceiro parágrafo onde a participante deixa possível entender que as gerações anteriores à internet são conscientes, enquanto as novas gerações não o são no uso da ferramenta. No que diz respeito ao movimento 3, o texto de Gabi possui boa coesão e não apresentou nenhuma falta de concordância semelhante aos problemas verificados no texto digital de Flávia. Porém, Gabi, assim como Flávia, não conseguiu variar os argumentos, característica esperada na macroestrutura, uma vez que os argumentos da informante se limitaram a comparar a antiga com a nova

geração e a copiar um argumento dado no texto motivador, citando o número de viciados em smartphones, 280 milhões.

As sondagens realizadas no artigo de opinião feito pelo informante 8, Hélio, revelaram que o participante planejou na ferramenta digital, porém, o tipo de planejamento por ele executado não demonstrou ter sido adequado com base no resultado dos movimentos observados na versão final. No tocante a superestrutura, movimento 1, ficou constatado que o informante elaborou uma tese notável (sobre a necessidade de cuidarmos da saúde em vez de permitirmos que as novas tecnologias nos adoeçam), na conclusão de seu texto, no entanto, não consegue argumentar de modo consistente para sustentá-la.

Além de não prever sua tese no plano, para nortear sua produção, Hélio fez um plano com paráfrases de informações do próprio texto, quer dizer, ele não destacou as informações para com base nelas desenvolver seu plano original com proposições e ideias próprias, tal como fizeram os participantes que produziram bons textos na ferramenta digital, ele simplesmente escreveu seu texto a partir de argumentos que já existiam no texto motivador. Para exemplificar, considere-se, a seguir, o planejamento, com quatro proposições, e o texto final em plataforma digital, partes A e B, escrito por Hélio.

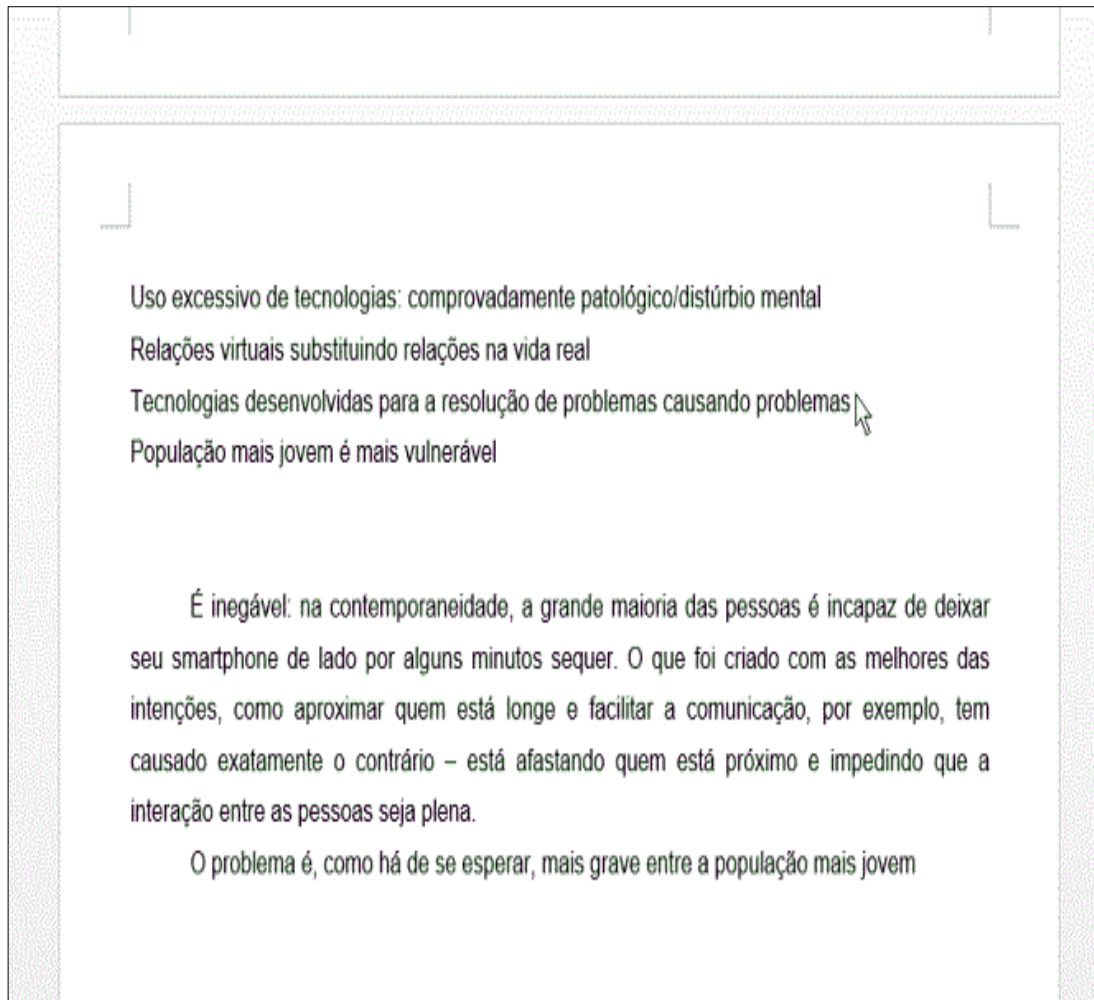


Figura 27 – Planejamento de Hélio na ferramenta digital
Fonte: Autoria própria.

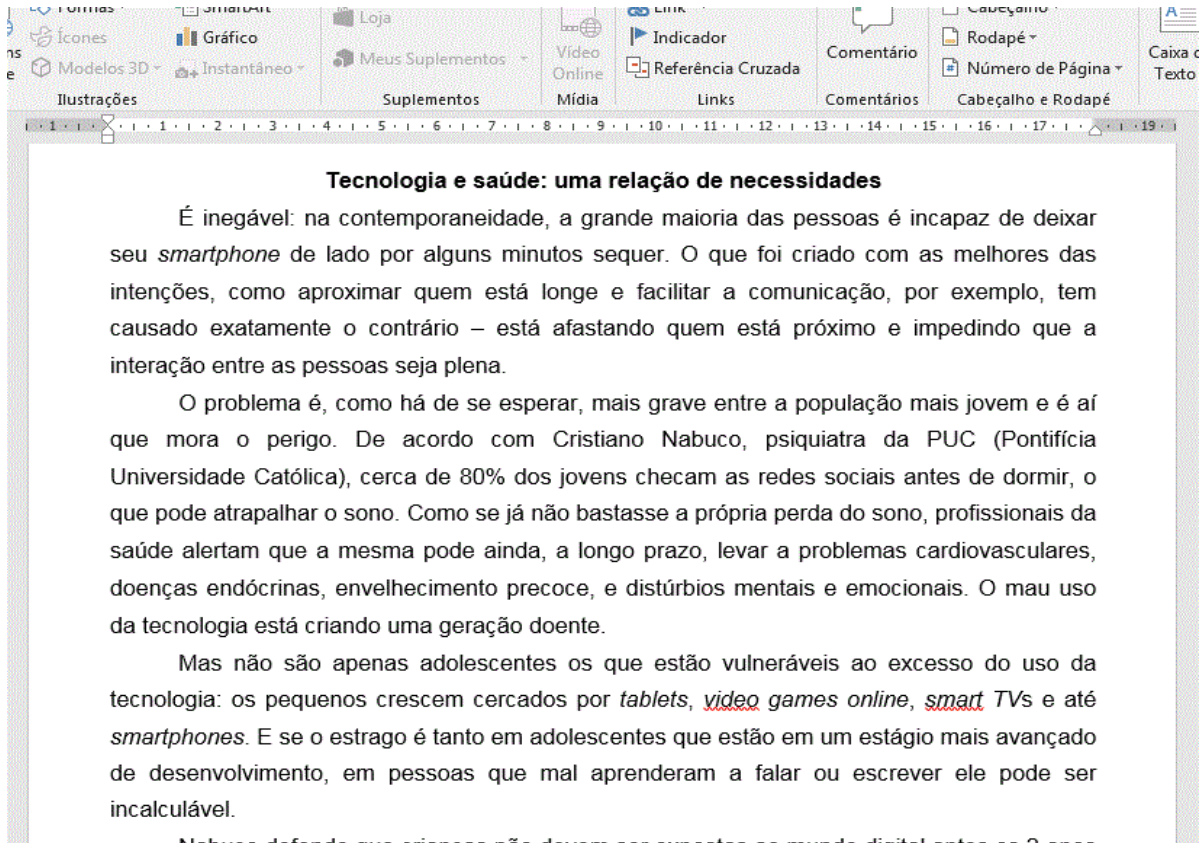


Figura 28 – Artigo, versão final, de Hélio na ferramenta digital – parte A
 Fonte: Autoria própria.

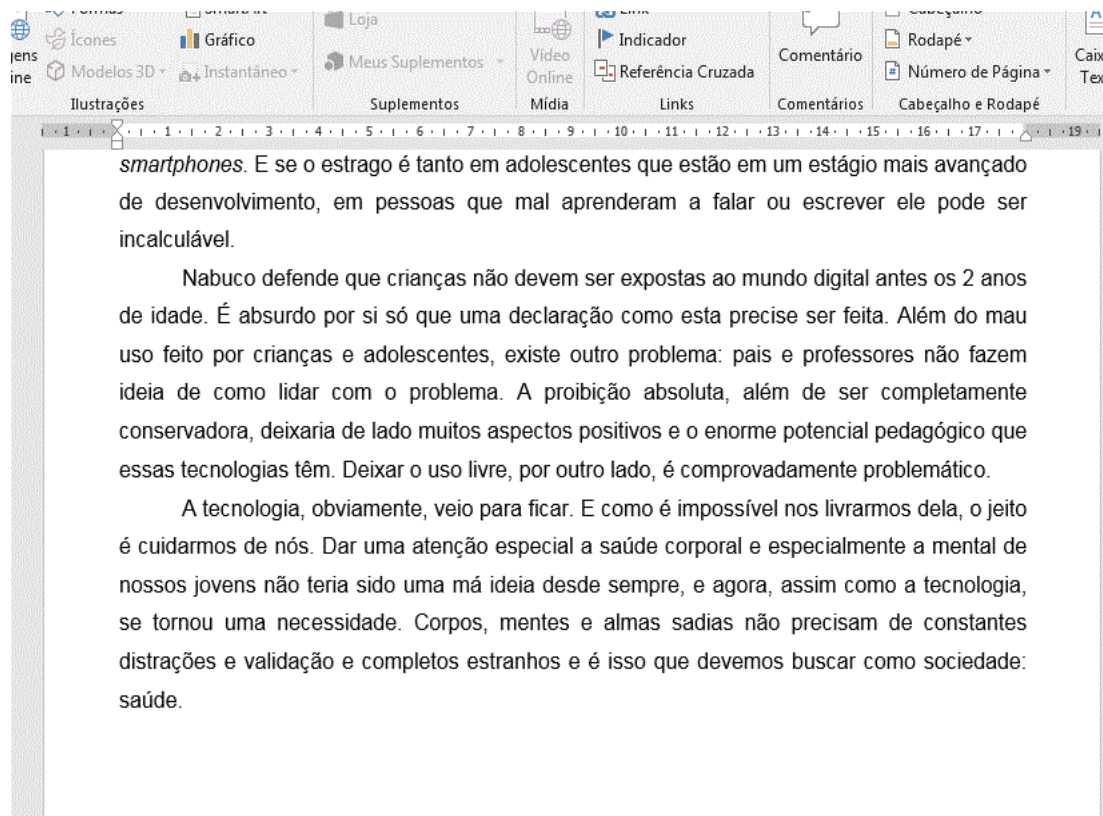


Figura 29 – Artigo, versão final, de Hélio na ferramenta digital – parte B
Fonte: Autoria própria.

Quanto ao quesito macroestrutura, movimento 2, evidencia-se que no texto definitivo de Hélio há argumentos tirados diretamente do que já existia no texto motivador, por exemplo, a citação de pesquisa realizada por um pesquisador da PUC é utilizada pelo informante para argumentar tanto no segundo quanto no terceiro parágrafos do texto. O único argumento criado por Hélio, ou seja, original, foi o de comparar a necessidade de cuidar da saúde física com a de usar as tecnologias, no quarto parágrafo.

A forma inadequada com a qual Hélio planejou pode estar associada com o que foi percebido na microestrutura, movimento 3, pois o texto final do informante contém muitos problemas de coesão como, repetição demasiada do termo *problema*, linhas 7, 12, 23 e 24, quatro ocorrências, quando poderia ter utilizado sinônimos (questão, dificuldade, etc.) para evitar a redundância. Notou-se, inclusive, a ausência de crase na segunda linha da conclusão e o emprego de elementos inadequados no último enunciado do parágrafo final, *Corpos, mentes e almas sadias não precisam de constantes distrações e validação e completos estranhos e é isso que devemos buscar como sociedade: saúde*. No referido enunciado observa-se quatro ocorrências

consecutivas da conjunção **e**⁶, na oportunidade que teria sido produtivo usar a preposição **de** antecedida de vírgula, no lugar da segunda conjunção, e empregar o termo **quando** em vez da quarta conjunção utilizada por Hélio.

Logo, comparando os textos produzidos por Hélio nas plataformas analógica e digital, a pesquisa conclui que o informante planejou adequadamente na primeira, mas não conseguiu planificar na segunda. É possível interpretar que a dificuldade encontrada por Hélio em planejar na ferramenta digital, dificuldade não observada no texto escrito por Hélio no papel, decorra da necessidade de letramento específico para produção nesse meio. Essa interpretação já foi percebida na análise dos cinco primeiros informantes, dos quais, alguns, assim como Hélio, conseguiram planificar e elaborar artigos satisfatórios usando papel com caneta, embora não tenham conseguido usando o processador, enquanto outros, lograram êxito em defender suas teses tanto em uma ferramenta como na outra, mas servindo-se de modos distintos de planejamento no suporte digital, daqueles que empregaram no analógico. Adiante, vejamos os resultados da análise da informante 9, Janaina, no que diz respeito a sua produção digital.

Considerando o movimento 1, superestrutura, o texto digitado por Janaina apresenta uma tese clara no final da conclusão, pois defende que se a tecnologia for usada de modo inconsciente corremos o risco de nos tornarmos seres humanos piores. Todavia, como a participante não planejou seu texto, acabou cometendo a mesma falha (falha concernente ao movimento 2, macroestrutura) observada na produção digital de Hélio, não defendeu sua tese com argumentos próprios, pelo contrário, assim como o mencionado participante, ela apenas repetiu argumentos dados no texto motivador. Tais repetições podem ser observadas no terceiro, quarto e quinto parágrafos da versão definitiva digitada por Janaina.

Ainda sobre a verificação de qualidade do movimento 2, no texto definitivo produzido pela informante Janaina na ferramenta digital é possível notar que ela fez a introdução, o desenvolvimento e a conclusão no texto final digital, contudo, como não fez o planejamento, é concebível entender que a falta dessa ação pode ter gerado os problemas encontrados no texto final digital desta informante. Por exemplo, ter elaborado sete parágrafos, dois a mais do que na produção final analógica. Isso se mostrou

⁶ Conjunções e elementos linguísticos deixados em negrito pelo pesquisador, página 117 até 121, para melhor visualização.

problemático, pois os parágrafos de desenvolvimento não têm diferentes argumentos, mas sim, trechos copiados do texto motivador, ou seja, não há argumentos originais oriundos da reflexão e saber do produtor, o que denota autoria. Como consequência disso, a coerência, geral do texto com a tese ficou comprometida, pois a tese encontrada na conclusão ficou sem embasamento no restante do artigo, principalmente no desenvolvimento. Logo, verificou-se que o texto digital de Janaina não cumpre os quesitos de qualidade esperados, especialmente os do movimento 2 da ferramenta CARS.

O exame da produção digital da última informante, número 10, Camila, apontou para as mesmas situações observadas nas produções digitais de Hélio e Janaina, quer dizer, nos quesitos dos três movimentos esperados para a versão final do artigo de opinião, o texto de Camila mostrou-se inadequado. A informante, possivelmente por não ter planejado, como se constatou na observação atenta de todo o processo de produção no computador por meio da gravação de tela, defendeu a tese, movimento 1, proposta pelo texto motivador, de que as tecnologias são capazes de viciar se usadas sem orientação.

Quanto ao movimento 2, replicou argumentos do texto motivador constante no comando da produção e seus argumentos de citação de autoridade não possuem fonte ou especificidade, visto que são amplos quando construídos, por exemplo, com a proposição *Psiquiatras afirmam (...)*, início do segundo parágrafo.

Ademais, no que se refere ao movimento 3, há muito problema de conectividade, por exemplo, anáfora sem referente, na proposição “nesses encontros”, penúltimo parágrafo, já que não há menção anterior aos referidos encontros e outros problemas que comprometem tanto a coerência como a coesão textual.

Portanto, notou-se na produção de Camila, o mesmo que foi verificado nos textos digitados por Hélio e Janaina, que a falta de planejamento ou de planejamento adequado, fez com que as mesmas pessoas que produziram artigos muito bem fundamentados, com argumentos variados e consistentes, com coerência e concatenação das ideias na escrita analógica, escrevessem textos frágeis nesses quesitos na ferramenta digital. No item a seguir, será descrita a investigação das respostas/ impressões coletadas dos informantes, após a participação deles na

pesquisa. Vale recordar que o objetivo da análise dos questionários é relacionar as respostas dadas pelos participantes com os resultados obtidos por meio da análise das produções que eles elaboraram nas duas ferramentas.

5.4 Análise contextual e das impressões da comunidade discursiva

Aqui estão descritos os resultados gerais da análise dos questionários que os informantes responderam após os três encontros em que participaram da pesquisa. Como já explicado no capítulo 3, da metodologia, os questionários foram utilizados como ferramenta para atender à necessidade qualitativa/interpretativa da pesquisa, ou seja, para coletar dados sobre as impressões dos informantes, os quais fazem parte da mesma comunidade discursiva, conforme capítulo 2, e, uma vez que as impressões dos membros dessa comunidade são parte indispensável do contexto de geração dos dados, elas certamente corroboram para confirmar ou não o que foi analisado, bem como os resultados observados.

Para exemplificar esses resultados e torná-los mais esclarecedores, eles estão acompanhados de recortes de algumas respostas dadas pelos informantes. Ressalta-se, contudo, que as respostas de todos os participantes apresentaram teor de conteúdo muito semelhante, o que permitiu a esse estudo tomar apenas o exemplo de análise das respostas de dois participantes para representar o que, no geral, todos os demais expressaram em seus questionários no que se refere, principalmente, às dificuldades ou facilitações proporcionadas por cada ferramenta de escrita que utilizaram para produzir o artigo de opinião.

Observe-se na figura a seguir, por exemplo, a resposta dada por Janaina à segunda pergunta do questionário, a qual foi praticamente idêntica as respostas dadas pelos demais informantes que não conseguiram produzir textos de qualidade no computador, questão formulada com a pretensão de revelar os hábitos de escrita da comunidade discursiva investigada, no que diz respeito ao uso de aparatos digitais e analógicos:

2) Você prefere planejar seu texto usando tecla/tela ou caneta/papel? Por quê?

Prefiro planejar no papel, pois o meio digital não te dá as possibilidades rápidas de anotação, extrapolação da margem, visualização do espaço do suporte como um todo, etc.

Figura 30 – Resposta da participante Janaina para a segunda pergunta do questionário pós participação no estudo

Fonte: Autoria própria.

Percebe-se na resposta da participante Janaina que esta considera a ação de planejar o texto mais difícil de ser realizada na ferramenta digital, pois, segundo ela, há limitações principalmente de caráter espacial e visual nesse suporte para proceder com a planificação. Essa afirmação dada por Janaina no questionário oportunamente se associa com a constatação desta pesquisa, feita adiante no atual capítulo, de que a referida informante fez o planejamento na ferramenta analógica e não o fez na digital. A associação provavelmente se deve ao fato de que a falta de planejamento, por parte de Janaina, na ferramenta digital, está diretamente relacionada com o não domínio do letramento necessário para planificar no computador. Tal probabilidade é plausível e pode ser corroborada pela própria resposta dada pela participante, já que esta declara preferir o papel para planejar por este suporte oferecer possibilidades mais rápidas de anotação, entre outras.

Note-se, na figura 30, que Janaina, em nenhum trecho de sua resposta, afirma ser inviável planejar no suporte digital, ela somente responde preferir planejar no analógico por já dominar o letramento necessário nesse suporte. Ademais, fica evidente que ela esperava ser a forma de planejar no computador a mesma que estava habituada a praticar no papel, o que reforça o resultado deste estudo, de ser a não apropriação do letramento adequado a causa da dificuldade dos informantes (com exceção de Ana, Daniel e Ester) escreverem com qualidade na ferramenta digital.

Desse modo, e para corroborar a análise do *feedback* dado por Janaina para a pergunta 2 do questionário, considere-se, na figura a seguir, outra resposta para a questão 3, coletada também dessa informante, cujo objetivo era verificar se os participantes encontraram mais empecilhos para planificar na ferramenta analógica ou na digital.

3) Cite as dificuldades que você sentiu na produção.

Segundo dia (Produção no papel com caneta):

Minhas dificuldades sempre se referem a reestruturação das frases e parágrafos quando estou escrevendo. Por vezes, na releitura, ou quando estou passando a limpo, quero mudar de palavra ou reorganizar uma ideia e no papel e caneta isso fica bastante difícil. Além disso, escrever à mão é cansativo; pois geralmente produzo um rascunho a lápis e, após, passo à caneta. A produção do texto como um todo demora bem mais e gera bem mais sujeira (restos de borracha, grafite, etc.).

Terceiro dia (Produção na tela com teclado):

O planejamento no meio tela/teclado fica prejudicado como um todo. Apesar de ter ideias e colocá-las em um rascunho, a hierarquização entre essas ideias não fica tão clara. Além disso, preciso deixar o texto no formato requerido antes de produzi-lo para saber quanto de espaço ainda disponho, já que não consigo visualizar a folha como um todo.

Figura 31 – Resposta da informante Janaina para a terceira pergunta do questionário pós participação no estudo

Fonte: Autoria própria.

É possível depreender dessa resposta, segundo dia (produção no papel com caneta) que, apesar de Janaina afirmar ser difícil reorganizar ideias e alterar palavras no suporte analógico, ela atribui tal dificuldade essencialmente ao fato de que escrever à mão seria mais cansativo e demorado. Por outro lado, ao responder sobre o terceiro dia de participação na pesquisa, quando escreveu no suporte digital, deixa claro que o planejamento textual no processador é prejudicado por esta ferramenta, ao ponto da participante supor que ao fazer o rascunho, segunda etapa – da escrita em si conforme Antunes (2010), imagina estar planejando. Isso demonstra claramente como Janaina ainda não adquiriu o letramento necessário que a oriente sobre a forma de planificar no suporte digital.

Na figura abaixo, note-se que as respostas dadas pela informante Ana, para as mesmas perguntas de Janaina, seguem a mesma linha, a título de comparação e relação entre elas:

2) Você prefere planejar seu texto usando tecla/tela ou caneta/papel? Por quê?

Prefiro fazer um planejamento do texto usando caneta e papel, porque eles dão uma sensação maior de liberdade para organizar pensamentos e ideias. O que por mais que o método teclado/tela tente imitar, ainda é muito restritivo por ter uma disposição unicamente linear dentro do documento, impedindo posicionar aleatoriamente as diferentes diretrizes para o texto.

Figura 32 – Resposta da informante Ana dada para a segunda pergunta do questionário pós participação no estudo
Fonte: Autoria própria.

3) Cite as dificuldades que você sentiu na produção.

Segundo dia (Produção no papel com caneta):

No segundo dia senti dificuldades com o controle do tempo de escrita; em lembrar a ortografia de algumas palavras; e manter um padrão na caligrafia.

Terceiro dia (Produção na tela com teclado):

No terceiro dia as dificuldades foram com a organização de um planejamento efetivo e particular; de manter o foco ao revisar o texto guia; e criar um texto rascunho anterior ao final.

Figura 33 – Resposta da informante Ana dada para a terceira pergunta do questionário pós participação no estudo
Fonte: Autoria própria.

Ao investigar as respostas acima, dadas pela informante Ana, verifica-se que esta relata impressões muito semelhantes as descritas por Janaina, ou seja, é possível notar que, para ambas, planejar na ferramenta digital foi mais difícil. Apesar dessa impressão compartilhada, a participante Ana, diferente de Janaina, deixa claro na resposta da pergunta 3 que procurou, em certo momento, organizar um planejamento *efetivo* e, em outro momento, *um texto rascunho*, sendo este anterior ao texto final. Assim, ela manteve em mente o letramento que considera as três etapas necessárias para a escrita do gênero proposto para produção, procurou revisar o texto guia, não para se pautar nos argumentos dele, como o fez Janaina, mas sim, a partir

desse texto guia/ motivador, montar seu plano e rascunho originais, o que pode ser confirmado nas proposições *organização de um planejamento particular*, e *criar um texto rascunho*, pois os termos *particular* e *criado* certamente comprovam que Ana procurou desenvolver um artigo com tese e argumentos de autoria própria e singular, e, por isso, conseguiu planejar e empregar o letramento necessário para escrever na ferramenta digital.

Por conseguinte, considerando a análise acima, das impressões dadas pelas participantes Janaina, figuras 30 e 31, e Ana, figuras 32 e 33, as quais foram coletadas por intermédio do questionário pós participação no estudo, em relação aos demais resultados obtidos com análise dos dados, esta pesquisa observa que, as impressões coletadas corroboram o resultado principal obtido com o presente estudo: que o planejamento/ estratégia necessária para escrever no suporte digital é diferente da demandada para escrever na ferramenta analógica.

O próximo item apresentará as conclusões, as considerações finais e os resultados mais relevantes obtidos com esta pesquisa, uma vez que, a hipótese inicial foi testada, espera-se que tenham sido cumpridas todas as ações previstas no capítulo metodológico, capítulo 3, e ainda que tenham sido desenvolvidos/ atingidos o objetivo geral e os específicos previstos.

6. Conclusão e considerações finais.

No primeiro capítulo desta pesquisa foi descrita a contextualização para o desenvolvimento do objetivo deste estudo, o qual se propôs a averiguar se o uso de artefato digital ou analógico para a escrita revelaria diferenças nas estratégias e processos de planejamento para produção do gênero artigo de opinião. Essa averiguação foi realizada no capítulo anterior, e constatou-se que o artefato digital demanda uma estratégia diferente de planejar o referido gênero em relação a estratégia empregada para planificar no artefato analógico.

Além disso, no capítulo de abertura, estabeleceu-se a definição de tecnologia como a teoria e, também, o fundamento científico da técnica, o que, por sua vez, permitiu caracterizar planejamento de escrita como a tecnologia sobre como fazer o texto, e este quando escrito, como o resultado da técnica de escrever executada. Essas definições se mostraram oportunas após o exame dos textos produzidos nas duas ferramentas, pois, na totalidade dos dados verificados, ficou evidente que, se o participante da pesquisa dominava a tecnologia, quer dizer, o modo de planejar em cada suporte, então, o resultado, o artigo em versão definitiva, se apresentava tecnicamente superior aos artigos produzidos sem o fundamento científico da técnica, no caso, sem o plano textual.

Assim, notou-se, ainda no capítulo inicial, a necessidade de avaliar a qualidade das ferramentas para escrita (e seu ensino) considerando fatores sociais, políticos, culturais e econômicos envolvidos em seus usos, e isso foi levado em conta, especialmente, ao terem sido considerados os fatores políticos e econômicos, quando o estudo ponderou sobre a possibilidade de a ferramenta digital não ter sido desenvolvida com o intuito de facilitar o processo de escrita para o usuário final, mas somente criada com fins de ser capitalizada e adquirida por órgãos governamentais, sem avaliar a adequação para a finalidade de escrever. Contudo, o resultado final aponta que a causa da dificuldade maior para a redação de bons textos está relacionada com o modo inadequado para escrever em meio digital e não com empecilhos impostos por componentes físicos do suporte, *hardware*.

Em seguida, no capítulo dois, foram demonstradas as relações entre multiletramentos e a necessidade de se pensar os processos digitais para a escrita, sendo tais relações determinantes para a qualidade da produção textual, como foi

possível verificar, nas análises dos dados, a tática necessária para planejar na ferramenta digital, ou seja, a forma com que deve ser ensinado a produzir o artigo de opinião nessa ferramenta, precisa ser diferente em comparação com a tradicional, que vem sendo praticada para orientar a prática de escrita analógica.

Também no segundo capítulo deste estudo, explicou-se que o conceito de gênero discursivo adotado para este trabalho foi o de Swales (1990), autor que define gênero como uma classe de eventos comunicativos, sendo o evento uma situação em que a linguagem verbal é significativa e notoriamente necessária. O evento é constituído pelo discurso e pela sua função, pelos participantes do discurso e pelo ambiente onde esse é produzido e recebido. Todas essas definições foram consideradas para a análise dos dados.

No que diz respeito à função, por exemplo, a análise verificou-se o propósito do gênero foi atingido; já sobre a questão dos participantes, levaram-se em conta as respostas dadas pelos participantes nos questionários, além do ambiente, quando se observou, e gravou, o comportamento e as ações da comunidade discursiva durante o uso de cada ferramenta. No mesmo capítulo, também demonstrou-se a necessidade, tanto para a coleta quanto para analisar os dados, desta pesquisa se valer da ferramenta CARS, proposta por Swales (1990), constituída dos três movimentos retóricos em composição com as propostas de super, macro e microestruturas de Bronckart (2003, 2006). Isso foi realizado, já que esta ferramenta, CARS, permitiu estabelecer os critérios do que se pretendia/ deveria encontrar nos textos a fim de saber se estavam satisfatórios ou não.

Em suma, os três referidos movimentos/ propostas foram: movimento 1, avaliar os propósitos retóricos; movimento 2, revelar as estruturas da informação; movimento 3, explicar escolhas sintáticas e lexicais dos gêneros; Ademais, no segundo capítulo, selecionou-se uma definição de argumentação para compor a descrição do gênero, como sendo, defesa de ponto de vista ou tese. Nesse sentido, argumentar, significa apresentar fatos, razões, provas contra ou a favor (de algo); A partir dessa definição, notou-se ser o objetivo de quem produz um texto argumentativo, a função desse tipo de discurso, basicamente defender uma tese ou refutá-la por meio da apresentação de argumentos capazes de sustentar determinado posicionamento assumido, conforme Costa (1994) e Travaglia (2007). Vale destacar ter sido justamente esse objetivo que alguns participantes, na produção de textos no meio digital, conseguiram atingir e outros não, e isso provavelmente possui relação com o resultado final da

pesquisa: o fato de alguns não terem conseguido defender suas teses por falta de domínio da forma específica e necessária para planejar/ escrever no computador.

Ainda no capítulo dois, observou-se a importância e os modos de planejamento de escrita, seguindo principalmente os conceitos de Antunes (2010) e David e Plane (1996). A relevância da etapa do planejamento ficou clara durante a análise dos dados, pois, precisamente os participantes, cujos textos não realizaram planejamento adequado para o suporte, foram os que não atingiram o objetivo/ propósito do gênero e tiveram suas produções comprometidas nos três movimentos, com seus respectivos quesitos de qualidade.

Portanto, após analisar os dados gerados pelo total de informantes, por meio dos quadros desenvolvidos, conforme APÊNDICE A, com base nos conceitos da linguística sociorretórica - especialmente os conceitos da ferramenta CARS de Swales (1990) - os dados desta análise parecem constatar que a etapa do planejamento é fator primordial para a qualidade da reescrita, versão definitiva, do gênero discursivo de base argumentativa, o artigo de opinião, seja ele produzido no meio analógico ou no digital.

O estudo espera que os resultados tenham sido consistentes, uma vez que apontam ser a etapa do planejamento de escrita caracterizada como a tecnologia, a teoria prévia, que precisa ser considerada para o adequado desempenho da técnica de escrever o gênero em foco. Além disso, constatou-se que há diferença entre a estratégia que precisa ser adotada, ensinada e apreendida, para se planejar o referido gênero no meio analógico e no meio digital.

A seguir, são apresentados, de forma sintética, Quadro C, os resultados finais obtidos no processo de análise no capítulo 5, com a finalidade de tornar a visualização geral dos achados mais clara e condensada.

Planejaram adequadamente e apresentaram letramento necessário para escrever o gênero artigo de opinião no suporte:	
Analógico	Digital
Ana, Beatriz, Daniel, Ester, Flávia, Gabi, Hélio, Janaina e Camila.	Ana, Daniel e Ester.
Planejaram inadequadamente e não apresentaram o letramento necessário para escrever o gênero no suporte:	
Analógico	Digital
Carlos	Carlos e Hélio
Os artigos definitivos atenderam aos quesitos de cada um dos três movimentos do gênero no suporte:	
Analógico	Digital
Ana, Beatriz, Daniel, Ester, Flávia, Gabi, Hélio, Janaina e Camila.	Ana, Daniel e Ester.
Não planejaram no suporte digital, e seus artigos, versões definitivas, não atenderam aos quesitos de cada um dos três movimentos esperados do gênero nesse suporte:	
Flavia, Gabi, Janaina e Camila.	

Quadro C – Totais das ações realizadas pelos participantes nos planejamentos e textos definitivos produzidos – Ferramenta analógica e Ferramenta digital.

Fonte: Autoria própria.

Como é possível verificar, por meio do quadro acima, um dos resultados obtidos remete à hipótese inicial da presente pesquisa, de que o planejamento textual na ferramenta digital pudesse ser comprometido. Essa hipótese possivelmente foi confirmada pela análise das produções dos dez participantes do estudo, uma vez que este chegou a um desfecho um pouco distinto daquele suposto em um primeiro momento. Embora o resultado confirmado não tenha sido exatamente o imaginado no

projeto de pesquisa, ele não pode ser considerado menos oportuno, uma vez que a análise apontou não ser alguma limitação imposta pela própria ferramenta a provável origem do comprometimento da planificação na ferramenta digital, como se conjecturava, mas sim, a necessidade de se adotar ações adequadas para planejar esse gênero no ambiente digital, no processador e, também, distinto da estratégia habitualmente empregada para planejar no papel com caneta.

Alguns participantes, Ana, Daniel e Ester, demonstraram dominar as técnicas de escrita, o letramento necessário, para elaborar um artigo de opinião no suporte digital, enquanto outros, Beatriz, Flávia, Gabi, Janaina e Camila, por não dominarem essa mesma estratégia, só produziram bons artigos no ambiente analógico.

O participante Carlos foi o único que teve dificuldade para planejar nos dois suportes investigados, pois, embora tenha executado a etapa da planificação, não a realizou de maneira eficiente. Já o participante Hélio, conseguiu planificar e escrever um texto satisfatório utilizando a ferramenta analógica, porém, não obteve o mesmo sucesso ao planificar e escrever seu artigo no suporte digital.

Destacam-se as estratégias que tanto a participante Ana quanto os participantes Daniel e Ester empregaram para planificar no computador, pois principalmente essas formas de planejar conduziram este estudo a interpretar que o método que possibilita planejar e escrever com qualidade na ferramenta digital com, teclado, tela e mouse, pode ser diferente do método demandado pela ferramenta tradicional, a analógica, com papel e caneta.

A ferramenta digital parece demandar um letramento atualizado, considerando as propostas de Kleiman (2014) e Rojo (2013), especificamente na ferramenta digital verificada, ou seja, uma nova forma de ensinar e aprender a ler e escrever nesse suporte, principalmente uma forma adequada para planificar o artigo de opinião na ferramenta digital, sendo essa forma/ maneira diferente do modo de letramento exigido pela ferramenta analógica. Essa impressão é corroborada pelo fato de que os mesmos cinco informantes que planejaram e, por isso, fizeram bons artigos de opinião na ferramenta analógica, quer dizer, sabem planejar e dominam as características relativamente estáveis do gênero (os três movimentos), foram incapazes de planejar e de produzir artigos de opinião satisfatórios na ferramenta digital.

Certamente, o problema para planificar/ escrever o gênero em foco no meio digital não teve relação com empecilhos impostos pela própria ferramenta de escrita, o processador/ computador, visto que, três informantes, Ana, Daniel e Ester, conseguiram

planejar bem como escrever ótimos artigos, seja no papel com caneta seja quando digitaram na máquina.

Pode-se depreender, a partir das conclusões anteriores, que a possível origem da dificuldade encontrada pelos demais participantes, para planificar e escrever o gênero em questão na máquina, esteja na estratégia que aprenderam. Se, porventura, eles aprenderam a produzir textos apenas em suporte analógico, como poderiam produzir textos tão qualificados na ferramenta digital se nunca foram instruídos sobre como escrevê-los nesse suporte? Aliás, se partirmos do pressuposto de que esses participantes não tomaram conhecimento sequer da existência de distinção entre o modo para proceder com a escrita no suporte digital e o modo para escrever no suporte analógico, o que pode ser confirmado não apenas pela qualidade inferior dos textos que fizeram na ferramenta digital, mas também pela análise contextual e das impressões da comunidade discursiva, item 5.4, é compreensível que, por esse motivo, não tenham logrado êxito na tarefa de elaborar seus artigos no meio digital.

Agora, ao refletir sobre o que foi observado nos dados gerados pelo informante Carlos, o qual não atingiu os critérios de qualidade tanto na ferramenta analógica quanto na digital, é possível concluir que esse participante tenha recebido um tipo muito peculiar de letramento durante sua escolarização, o letramento autônomo. O modelo autônomo, também conhecido como modelo dominante por conceber a língua como um privilégio para poucos (Kleiman 2014) de ensinar a língua materna é caracterizado por se propor a, sem sucesso, ensinar discentes a escreverem textos com qualidade (com coerência, coesão, propósito, etc) solicitando apenas que escrevam textos, sem um propósito claro ou com argumentação pouco fundamentada, e depois de terem sido corrigidos, meramente em quesitos ortográficos, vocabulares e de pontuação, reescrevam “passando-os a limpo” – sendo este um modo comum de se referir a essa prática. Esse tipo de letramento foi adotado por décadas e ainda é praticado atualmente, como já explicado alguns parágrafos atrás.

A verificação das produções de Carlos se encaixa no referido modelo, pois notou-se que os artigos produzidos por esse informante possuem vocábulos exageradamente formais e técnicos, que destoam da linguagem compartilhada pela comunidade discursiva, e embora seus textos apresentem ortografia e pontuação adequadas, neles não há fundamentação para os argumentos.

Tal encaminhamento para ensino da prática de escrita, emprega metodologia obviamente ineficiente, a qual essencialmente aponta, por meio de uma fase/ etapa de

correção, inadequações de natureza meramente gramatical, ou parcialmente microestrutural - movimento 3 nesta pesquisa, sem oferecer aos aprendizes uma sequência didática que os esclareça sobre as etapas necessárias para escrever (planejar, escrever, reescrever) e que demonstre, na prática discursiva, como é a melhor forma de planificar em cada suporte tecnológico utilizado, quer dizer, em cada contexto e necessidade específica exigida por cada evento comunicativo.

Portanto, espera-se que o objetivo geral da presente pesquisa tenha sido atingido, pois este possuía como cerne a necessidade de averiguar se o uso de artefato digital ou analógico para a escrita revela diferenças nas estratégias e processos de planejamento para produção do gênero discursivo, o gênero artigo de opinião, pois o estudo conclui ser o letramento necessário para escrever na ferramenta digital diferente do que foi empregado no suporte analógico. Em ambos os suportes, percebeu-se a necessidade de realizar adequadamente a etapa do planejamento, ou seja, quanto mais o informante planejou os movimentos que utilizaria em seu texto, melhor este se consolidou.

A necessidade de singular planificação na ferramenta digital evidenciou-se no fato de que os informantes Ana, Daniel e Ester planejaram utilizando um método no qual primeiro destacam-se proposições chave no texto motivador, dado no comando da produção para, em seguida, pautarem-se nessas proposições destacadas e elaborarem seus planos originais em forma de fichamento.

Esses três participantes mencionados foram os únicos responsáveis por produzir textos satisfatórios na plataforma digital em praticamente todos os quesitos/ movimentos observados, por isso, é viável concluir o quanto é necessário planificar de modo semelhante ao empregado por eles nessa ferramenta, quer dizer, é preciso também pensar o letramento e adequá-lo para guiar aqueles que pretendem ou necessitam produzir textos compatíveis com o gênero analisado diretamente no computador.

Segundo Coscarelli (2016), o suporte possui grande relação com as linguagens, quer dizer, as características de cada suporte podem determinar, em grande medida, o que é permitido ao produtor de texto fazer. Desse modo, a ferramenta deveria ser considerada quando o produtor faz suas escolhas de estratégias, ou seja, quando define o plano a ser adotado para escrever, tal como se observou nesta pesquisa, na qual as características do suporte digital exigiram, por parte dos participantes, um modo diferente para planejar o artigo de opinião da demandada pelo suporte analógico.

Assim se, por exemplo, uma instituição de ensino adquire uma ferramenta voltada para auxiliar a escrita, semelhante à verificada, mas não reflete sobre como ela deve ser utilizada, sobre qual letramento é demandado para usar esse suporte considerando a característica do gênero a ser trabalhado, ao invés do processo de escrita ser facilitado, pode ser dificultado/comprometido pelas razões apontadas por esta investigação científica.

Referências

ADAM, Jean-Michel. **A linguística textual: introdução à análise textual dos discursos**. Trad. Maria das Graças Soares Rodrigues, João Gomes da Silva Neto, Luis Passeggi, Eulália Vera Lúcia Fraga Leurquin. São paulo: Cortez, 2008.

ANTUNES, Irandé. **Análise de textos: fundamentos e práticas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

_____. **Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

_____. **Aula de Português - encontro & interação**, 8ª edição. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

AUROUX, Sylvain. **A revolução tecnológica da gramatização**. Campinas: Editora da Unicamp, 1992. (p.11-34).

BAZERMAN, C. & PRIOR, P. **A participação em mundos socioletrados emergentes: gênero, disciplinaridade, interdisciplinaridade**. In HOFFNAGEL, J. & DIONISIO, A. (orgs.). São Paulo: Cortez, 2007 [2005], p. 150 -197.

BAZERMAN, C. **Escrita, gênero e interação social**. São Paulo: Cortez, 2007.

_____. **Gêneros, agência e escrita**. São Paulo: Cortez, 2006.

_____. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. São Paulo: Cortez, 2005.

BERGMANN, J.R.; LUCKMANN, T. 1995. **Reconstructive genres**. In: U. QUASTHOFF (ed.), Aspects of oral communication. Berlin, W. de Gruyter, p. 289-304.

BERKENKOTTER, C. & HUCKIN, T. **Genre knowledge in disciplinary communication: cognition/culture/Power**. Hillsdale, N. Jersey: Lawrence Erlbaum, 1995.

BEZEMER, J.; KRESS, G. **Writing in multimodal texts: a social semiotic account of designs for learning**. Written communication, v. 25, n. 2, p. 166-195, 2008.

BHATIA, Vijay K. **Análise de gêneros hoje**. In: BEZERRA, Benedito Gomes; BIASI-RODRIGUES, Bernadete; CAVALCANTE, Mônica Magalhães (Org.). *Gêneros e sequências textuais*. Recife: Edupe, 2009

BLUMER, H. **Symbolic interactionism: perspective and method**. Berkeley, University of California, 1969.

BRONCKART, J-P. **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo**. Tradução Anna Rachel Machado e Péricles Cunha. 2. ed. São Paulo: EDUC, 2003 [1999].

_____. **Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano**. Tradução Anna Rachel Machado et al. Campinas: Mercado de Letras, 2006. (Organização de Anna Rachel Machado e Maria de Lourdes Mattencio).

CABRAL, Ana Lúcia Tinoco. **“O conceito de plano de texto: contribuições para o processo de planejamento da produção escrita”**. Revista Linha d’Água. v. 26, n. 2, 2013. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/64266/71562>> Acesso em: 15 nov. 2016.

CHARON, J.M. **Symbolic interactionism: an introduction, an interpretation, an integration**. 3. ed. Englewood Cliffs, Prentice Hall, 1989.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis: Vozes, 2006.

CITELLI, Adilson. **Linguagem e persuasão**. 13 ed. São Paulo: Ática, 1999, p. 42-48.

_____. **O texto argumentativo**. São Paulo: Scipione, 1994, p. 57-76.

COSCARELLI, Carla Viana [org.]. **Tecnologias para aprender**. 1. ed. - São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

COSTA, Iara Bemquerer. **Prática de texto e argumentação**. Letras, Curitiba, n.43, p. 11-23, 1994. Editora da UFPR.

CUPANI, Alberto. **A tecnologia como problema filosófico: três enfoques**, *SCIENTIAE STUDIA*, São Paulo, v.2, n.4, 493-518. p. 2004.

DAVID, Jacques e PLANE, Sylvie. *L'apprentissage de l'écriture de l'école au collège*. Paris: PUF, 1996.

DESLANDES, Suely Ferreira. A Construção do Projeto de Pesquisa. In: MINAYO. Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. São Paulo: Vozes, 1992. p. 31-50.

DEVITT, A.J. Teaching critical genre awareness. In: BAZERMAN, C., BONINI, A. & FIGUEIREDO, D. (Eds.) **Genre in a changing world**. Fort Collins, Colorado: The WAC Clearinghouse, 2009, p. 341-355.

_____. Writing genres. Southern Illinois University: 2008. DIJK, T.A. van. **Cognição, discurso e interação**. São Paulo: Contexto, 1992.

DIJK, van, t. a. **Discurso e contexto: uma abordagem sociocognitiva**. Trad. R. ILARI. São Paulo: Contexto, 330 páginas, 2012.

FIORIN, José Luiz. **Argumentação**. 3ª ed. Contexto. São Paulo, 2017.

FREEDMAN, A. & MEDWAY, P. (Eds). **Genre and the new rhetoric**. London: Taylor & Francis, p.79-101, 1994. _____. **Shaping written knowledge: The genre and activity of the experimental article in science**. Madison: University of Wisconsin Press. 1988.

GNANADESIKAN, Amalia E. **The writing revolution: cuneiforme to the Internet**. Chichester: Willy-Blackwell, 2009. (p.13-20).

GRINSPUN, MIRIAN P. S. Z. **Educação tecnológica**. In. GRINSPUN, MIRIAN P. S. Z. (org.) **Educação Tecnológica: desafios e perspectivas**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2001. (p.21-103)

GÜLICH, E. Makrosyntax: Die Gliederungssignale im gesprochenen Franzö- sich. Münch, W. Fink, 1970.

HAAS, Christina. **Writing technology: studies on the materiality of literacy**. New Jersey: Lawrence Erlbaum Adssociates, Inc., Publishers 10 Industrial Avenue, 1996.

KLEIMAN, A.B. **Letramento na contemporaneidade**. Revista Bakhtiniana. São Paulo. n. 9 (2): 72-91. Ago. /Dez. 2014. (...)

_____. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura**. Campinas: Pontes, 1989.

KINTSCH, W. e VAN DIJK, T. ***Toward a model of text comprehension and production***. Psychological Review, n. 85, p. 363-394, 1978.

KOCH, I. G. V. **Argumentação e linguagem**. São Paulo: Cortez, 1999.

_____. **A inter-ação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 2000.

_____. **Argumentação e Linguagem**. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. **Desvendando os Segredos do Texto**. 5 .ed. São Paulo: Cortez, 2006.

_____. **Sobre a seleção do núcleo das formas nominais anafóricas na progressão referencial**. In: NEGRI, L.; FOLTRAN, M. J.; OLIVEIRA, R. P. Sentido e significação: em torno da obra de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2004b. p. 244-262.

_____. **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo: Contexto, 1999.

KRESS, Gunther. **Before writing. Rethinking the paths to literacy**. Routledge. London and New York, 1997.

LENY, Jean-François. **Comment l'esprit produit du sens**. Paris: Odile Jacob, 2005.

LOWENBERG, J.S. **Interpretative research methodology: broadening the dialogue**. Adv.Nurs.Sc., v. 16, n. 2, p. 57-69, 1993.

MEURER, J.L.; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée; organizadores. **Gêneros: teorias, métodos, debates** – São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. São Paulo: Vozes, 1992.

PINTO, Álvaro V. **O Conceito de Tecnologia**. Rio de Janeiro, Contraponto: 2005. (p.29-70).

POE, Marshall T. **A History of communications: media and society from the evolution of speech to the Internet**. New York: Cambridge University Press, 2011. (p. 9-24)

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

ROJO, R.; MOURA, E. (Orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

ROJO, Roxane. (Org.). **Escol@ conectada: os multiletramentos e as TICs**. São Paulo: Parábola, 2013. Capítulo 1.

RUDGER, Francisco. **As teorias da cibercultura: perspectivas, questões e autores**. 2ª ed. Porto Alegre: Editora Sulina, 2013.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. São Paulo: Mercado de Letras, 2004, p. 95-128.

STORRER, Angelika. **A coerência nos hipertextos**. In: WIESER, Hans Peter; KOCH, Ingedore G. V. (orgs.). **Linguística textual: perspectivas alemãs**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2009.

STRAUSS, A.; CORBIN, J. **Basics of qualitative research**. Thousand Lage Daks: Lage Publications, 1990.

STREET, Brian. **Abordagens alternativas ao letramento e desenvolvimento**. *Teleconferência Brasil sobre o letramento*, outubro de 2003a.

STREET, Brian. Eventos de letramento e práticas de letramento: teoria e práticas de letramento: teoria e prática nos novos estudos do letramento. In: MAGALHÃES, Izabel. *Discursos e práticas de letramento: pesquisa etnográfica e formação de professores*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2012. p. 69-92. (...)

SWALES, J.M. **Genre Analysis: English in Academic and Research Settings**. Cambridge: CUP, 1990.

_____. *Re – Thinking Genre: Another Look at Discourse Community Effects*. Trabalho apresentado no Re-Thinking Genre Seminar, Universidade de Carleton, Ottawa, 1992.

_____. **English in Today`s Research World: a Writing Guide**. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 2000.

THE NEW LONDON GROUP. **A pedagogy of multiliteracies: designing social futures**. *The Harvard educational review*, v. 1, n. 66, p. 60-92, 1996.

TRAVAGLIA, Luis Carlos. **A caracterização de categorias de texto: tipos, gêneros e espécies**. Alfa, São paulo, 51 (1): 39-79, 2007.

VARGAS, Milton. Prefácio. In: GRISPUN, Mirian P.S.Z. (Org.) **Educação Tecnológica: desafios e perspectivas**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2001. (p.7-19)

**APÊNDICE A – QUADROS UTILIZADOS COMO FERRAMENTA PARA
ANALISAR OS DADOS COLETADOS**

Informante Ana: Planejamento analógico – Quesitos e qualidade: (X) Elaborou () Não elaborou	
Tipo:	() resumo (X) mapa conceitual () fichamento () outro:
Previsão da superestrutura – Mov. 1:	(X) registro da tese () registro do título
Previsão da macroestrutura – Mov. 2:	(X) introdução (X) desenvolvimento () conclusão () paragrafação (X) coerência, no geral, com o tema dado
	Registro de argumentos do tipo: () causalidade/ sucessão () de autoridade () exemplo/ ilustração (X) paradoxo/ ironia () comparação () outro:
Previsão da microestrutura – Mov. 3:	() itens lexicais adequados ao tema/ tese () operadores lógicos: () referenciação: () modalizadores: () coesão
	Pontuação: () adequada () inadequada () parcialmente
Informante Ana: Produção analógica (versão final) – Quesitos e qualidade.	
Movimento 1:	(X) propósito comunicativo dado por tese clara () título adequado ao gênero e ao tema
Movimento 2:	(X) parágrafo de introdução com tese apresentada.

	<p>(X) parágrafos de desenvolvimento com diferentes argumentos.</p> <p>(X) coerência, no geral, com o tema dado</p>
	<p>Tipos de argumentos:</p> <p>(X) causalidade/ sucessão</p> <p>() de autoridade</p> <p>(X) exemplo/ ilustração</p> <p>(X) paradoxo/ ironia</p> <p>() comparação</p> <p>() outro:</p>
	<p>Conclusão:</p> <p>(X) com retomada e reforço da tese</p> <p>() não retoma/ não reforça a tese</p>
Movimento 3:	<p>(X) uso de mais de dois operadores lógicos</p> <p>(X) presença de modalizadores</p> <p>() presença de oralidade</p> <p>() sentenças curtas</p> <p>() sentenças longas</p> <p>(X) referência por anáforas</p>
	<p>Pontuação:</p> <p>(X) adequada</p> <p>() inadequada</p> <p>() parcialmente</p> <p>() problemas de coesão – quantidade:</p>

Quadro 1 – Análise, artigo da informante Ana – Ferramenta analógica

Fonte: Autoria própria.

Informante Ana: Planejamento digital – Quesitos e qualidade.	
(X) Elaborou () Não elaborou	
Tipo:	<p>() resumo</p> <p>() mapa conceitual</p> <p>(X) registro da tese sob forma de proposição.</p>
Previsão da superestrutura – Mov. 1:	<p>(X) registro da tese</p> <p>() registro do título</p>

Previsão da macroestrutura - Mov. 2:	(X) introdução (X) desenvolvimento () conclusão () paragrafação (X) coerência, no geral, com o tema dado
	Registro de argumentos do tipo: () causalidade/ sucessão () de autoridade () exemplo/ ilustração () paradoxo/ ironia () comparação () outro:
Previsão da microestrutura – Mov. 3:	() itens lexicais adequados ao tema/ tese () operadores lógicos: () referenciação: () modalizadores: () coesão
	Pontuação: () adequada () inadequada () parcialmente
Informante Ana: Produção digital (versão final) – quesitos e qualidade.	
Movimento 1:	(X) propósito comunicativo dado por tese clara (X) título adequado ao gênero e ao tema
Movimento 2:	(X) parágrafo de introdução com tese apresentada. (X) parágrafos de desenvolvimento com diferentes argumentos. () coerência, no geral, com o tema dado
	Tipos de argumentos: (X) causalidade/ sucessão () de autoridade (X) exemplo/ ilustração () paradoxo/ ironia () comparação () outro:

	<p>Conclusão:</p> <p>(X) com retomada e reforço da tese</p> <p>() não retoma/ não reforça a tese</p>
Movimento 3:	<p>(X) uso de mais de dois operadores lógicos</p> <p>() presença de modalizadores</p> <p>() presença de oralidade</p> <p>() sentenças curtas</p> <p>() sentenças longas</p> <p>(X) referência por anáforas</p>
	<p>Pontuação:</p> <p>(X) adequada</p>

Quadro 2 – Análise, artigo da informante Ana – Ferramenta Digital

Fonte: Autoria própria.

Informante Beatriz: Planejamento analógico – Quesitos e qualidade.	
(X) Elaborou () Não elaborou	
Tipo:	<p>() resumo</p> <p>() mapa conceitual</p> <p>(X) fichamento</p> <p>() outro:</p>
Previsão da superestrutura – Mov. 1:	<p>(X) registro da tese</p> <p>(X) registro do título</p>
Previsão da macroestrutura – Mov. 2:	<p>(X) introdução</p> <p>(X) desenvolvimento</p> <p>(X) conclusão</p> <p>() paragrafação</p> <p>(X) coerência, no geral, com o tema dado</p>
	<p>Registro de argumentos do tipo:</p> <p>() causalidade/ sucessão</p> <p>() de autoridade</p> <p>() exemplo/ ilustração</p> <p>() paradoxo/ ironia</p> <p>(X) comparação</p> <p>(X) citação</p>

Previsão da microestrutura – Mov. 3:	<input checked="" type="checkbox"/> itens lexicais adequados ao tema/ tese <input checked="" type="checkbox"/> operadores lógicos: 5 <input type="checkbox"/> referênciação: <input checked="" type="checkbox"/> modalizadores: 2 <input checked="" type="checkbox"/> coesão (pois – com a/o – tudo)
	Pontuação: <input type="checkbox"/> adequada <input type="checkbox"/> inadequada <input type="checkbox"/> parcialmente
Informante Beatriz: Produção analógica (versão final) – Quesitos e qualidade.	
Movimento 1:	<input checked="" type="checkbox"/> relação com o tema/ comando da questão <input checked="" type="checkbox"/> título adequado ao gênero e ao tema <input checked="" type="checkbox"/> propósito comunicativo dado por tese clara
Movimento 2:	<input checked="" type="checkbox"/> parágrafo de introdução <input checked="" type="checkbox"/> parágrafos de desenvolvimento com diferentes argumentos. <input checked="" type="checkbox"/> coerência, no geral, com o tema dado Tipos de argumentos: <input type="checkbox"/> causalidade/ sucessão <input type="checkbox"/> de autoridade <input type="checkbox"/> exemplo/ ilustração <input type="checkbox"/> paradoxo/ ironia <input checked="" type="checkbox"/> comparação <input checked="" type="checkbox"/> citação Conclusão: <input checked="" type="checkbox"/> com retomada e reforço da tese e ampliação do questionamento. <input type="checkbox"/> não retoma/ não reforça a tese
Movimento 3:	<input checked="" type="checkbox"/> uso de mais de dois operadores lógicos – quantidade: 16 <input checked="" type="checkbox"/> presença de modalizadores: 3 <input type="checkbox"/> presença de oralidade <input type="checkbox"/> sentenças curtas <input type="checkbox"/> sentenças longas <input checked="" type="checkbox"/> referênciação por anáforas: 4 Pontuação:

	<input checked="" type="checkbox"/> adequada <input type="checkbox"/> inadequada <input type="checkbox"/> parcialmente <input type="checkbox"/> problemas de coesão – quantidade:
--	--

Quadro 3 – Análise, artigo da informante Beatriz – Ferramenta analógica

Fonte: Autoria própria.

Informante Beatriz: Planejamento digital – Quesitos e qualidade.	
<input type="checkbox"/> Elaborou <input checked="" type="checkbox"/> Não elaborou	
Tipo:	<input type="checkbox"/> resumo <input type="checkbox"/> mapa conceitual <input type="checkbox"/> fichamento <input type="checkbox"/> outro:
Previsão da superestrutura – Mov. 1:	<input type="checkbox"/> registro da tese <input type="checkbox"/> registro do título
Previsão da macroestrutura - Mov. 2:	<input type="checkbox"/> introdução <input type="checkbox"/> desenvolvimento <input type="checkbox"/> conclusão <input type="checkbox"/> paragrafação <input type="checkbox"/> coerência, no geral, com o tema dado
	Registro de argumentos do tipo: <input type="checkbox"/> causalidade/ sucessão <input type="checkbox"/> de autoridade <input type="checkbox"/> exemplo/ ilustração <input type="checkbox"/> paradoxo/ ironia <input type="checkbox"/> comparação <input type="checkbox"/> outro:
Informante Beatriz: Produção digital (versão final) – Quesitos e qualidade.	
Movimento 1:	<input type="checkbox"/> propósito comunicativo dado por tese clara <input type="checkbox"/> não possui <input checked="" type="checkbox"/> parcialmente <input checked="" type="checkbox"/> título adequado ao gênero e ao tema <input type="checkbox"/> não
Movimento 2:	(Sem paragrafação) <input checked="" type="checkbox"/> parágrafo de introdução <input type="checkbox"/> parágrafos de desenvolvimento com diferentes argumentos. <input checked="" type="checkbox"/> coerência, no geral, com o tema dado

	Tipos de argumentos: <input type="checkbox"/> causalidade/ sucessão <input type="checkbox"/> de autoridade <input checked="" type="checkbox"/> exemplo/ ilustração: 2 <input type="checkbox"/> paradoxo/ ironia <input checked="" type="checkbox"/> uso de argumentos dados no comando
	Conclusão: <input type="checkbox"/> com retomada e reforço da tese <input type="checkbox"/> não retoma/ não reforça a tese <input checked="" type="checkbox"/> retoma/ reforça parcialmente a tese
Movimento 3:	<input checked="" type="checkbox"/> uso de mais de dois operadores lógicos – quantidade: 16 <input checked="" type="checkbox"/> presença de modalizadores: 2 <input checked="" type="checkbox"/> presença de oralidade – Usa verbos no gerúndio e no particípio como modalizadores: 14 <input checked="" type="checkbox"/> referência por anáfora: 2
	Pontuação: <input type="checkbox"/> adequada <input type="checkbox"/> inadequada <input checked="" type="checkbox"/> parcialmente <input type="checkbox"/> problemas de coesão – quantidade:

Quadro 4 – Análise, artigo do informante Beatriz – Ferramenta Digital

Fonte: Autoria própria.

Informante Carlos: Planejamento analógico – Quesitos e qualidade.	
(X) Elaborou () Não elaborou	
Tipo:	(X) destaque de proposições do próprio comando e anotação de alguns conceitos breves
Previsão da superestrutura – Mov. 1:	(X) registro da tese (X) registro do título
Previsão da macroestrutura – Mov. 2:	(X) introdução (X) desenvolvimento (X) conclusão () paragrafação (X) coerência, no geral, com o tema dado

	<p>Registro de argumentos do tipo:</p> <p>() causalidade/ sucessão</p> <p>() de autoridade</p> <p>(X) exemplo/ ilustração – “houvera vaidade”</p> <p>() paradoxo/ ironia</p> <p>(X) comparação: com medusa, mas não usou na versão final</p>
Previsão da microestrutura – Mov. 3:	<p>(X) itens lexicais adequados ao tema/ tese</p> <p>() operadores lógicos</p> <p>() referenciação:</p> <p>(X) modalizadores: 1 (talvez)</p> <p>() coesão (pois – com a/o – tudo)</p>
	<p>Pontuação:</p> <p>() adequada</p> <p>() inadequada</p> <p>() parcialmente</p>
Informante Carlos: Produção analógica (versão final) – Quesitos e qualidade.	
Movimento 1:	<p>(X) propósito comunicativo comprometido, tese com fundamentação frágil e linguagem não adequada para a comunidade discursiva.</p> <p>(X) relação com o tema/ comando da questão</p> <p>(X) título parcialmente adequado ao gênero e ao tema</p>
Movimento 2:	<p>(X) parágrafo de introdução</p> <p>(X) parágrafos de desenvolvimento com argumentos parcialmente fundamentados.</p> <p>(X) coerência, no geral, com o tema dado</p>
	<p>Tipos de argumentos:</p> <p>(X) reflexão sobre causalidade/ sucessão</p> <p>() de autoridade</p> <p>() exemplo/ ilustração</p> <p>() paradoxo/ ironia</p> <p>() comparação</p> <p>() citação</p>

	<p>Conclusão:</p> <p>(X) com retomada e reforço da tese e tentativa de ampliar o questionamento.</p> <p>() não retoma/ não reforça a tese</p>
Movimento 3:	<p>(X) Uso de mais de dois operadores lógicos – quantidade: 7</p> <p>(X) presença de modalizadores: 2</p> <p>(X) presença de termos muito técnicos, não condizentes com a linguagem semi-formal do artigo de opinião</p> <p>() presença de oralidade</p> <p>() sentenças longas () curtas</p> <p>(X) referência por anáforas: 8</p>
	<p>Pontuação:</p> <p>(X) adequada</p> <p>() inadequada</p> <p>() parcialmente</p> <p>() problemas de coesão – quantidade:</p>

Quadro 5 – Análise, artigo do informante Carlos – Ferramenta analógica

Fonte: Autoria própria.

Informante Carlos: Planejamento digital – Quesitos e qualidade.	
() Elaborou (X) Não elaborou	
Tipo:	<p>() resumo</p> <p>() mapa conceitual</p> <p>() fichamento</p> <p>() outro:</p>
Previsão da superestrutura – Mov. 1:	<p>() registro da tese</p> <p>() registro do título</p>
Previsão da macroestrutura - Mov. 2:	<p>() introdução</p> <p>() desenvolvimento</p> <p>() conclusão</p> <p>() paragrafação</p> <p>() coerência, no geral, com o tema dado</p>
	<p>Registro de argumentos do tipo:</p> <p>() causalidade/ sucessão</p>

	<input type="checkbox"/> de autoridade <input type="checkbox"/> exemplo/ ilustração <input type="checkbox"/> paradoxo/ ironia <input type="checkbox"/> comparação <input type="checkbox"/> outro:
Informante Carlos: Produção digital (versão final) – Quesitos e qualidade.	
Movimento 1:	<input type="checkbox"/> propósito comunicativo dado por tese clara <input type="checkbox"/> não possui <input checked="" type="checkbox"/> parcialmente <input type="checkbox"/> título adequado ao gênero e ao tema <input checked="" type="checkbox"/> Não
Movimento 2:	(espaçamento da paragrafação inadequado) <input checked="" type="checkbox"/> parágrafo de introdução <input checked="" type="checkbox"/> parágrafos de desenvolvimento com argumentos frágeis, sem embasamento, exceto o argumento de causa/ consequência. <input checked="" type="checkbox"/> comprometimento da coerência, no geral, com o tema dado – tese sem fundamentos suficientes
	Tipos de argumentos: <input checked="" type="checkbox"/> causalidade/ sucessão <input type="checkbox"/> de autoridade <input type="checkbox"/> exemplo/ ilustração: <input type="checkbox"/> paradoxo/ ironia <input checked="" type="checkbox"/> uso de argumentos sem fundamentação, afirma, mas não embasa.
	Conclusão: <input checked="" type="checkbox"/> com retomada e reforço parcial da tese <input type="checkbox"/> não retoma/ não reforça a tese <input type="checkbox"/> retoma/ Reforça parcialmente a tese
Movimento 3:	<input checked="" type="checkbox"/> uso de mais de dois operadores lógicos – quantidade: 14 (pois – problema de redundância e uso inadequado de “ao invés de”). <input type="checkbox"/> presença de modalizadores <input checked="" type="checkbox"/> verbo auxiliar modal: 1, não deveria <input checked="" type="checkbox"/> presença de termos excessivamente formais <input type="checkbox"/> referenciação por anáfora: 7

	(X) problemas de coesão: cacofonia, linhas 7, 15, 16 e 17. Pois – repetido
	Pontuação: (X) adequada () inadequada () parcialmente (X) problemas de ortografia: linha 13

Quadro 6 – Análise, artigo do informante Carlos, Ferramenta Digital

Fonte: Autoria própria.

Informante Daniel: Planejamento analógico – Quesitos e qualidade.	
(X) Elaborou () Não elaborou	
Tipo:	(X) registro da tese sob a forma de uma proposição e busca de exemplos para reforçar a argumentação
Previsão da superestrutura – Mov. 1:	(X) registro da tese () registro do título
Previsão da macroestrutura – Mov. 2:	(X) introdução (X) desenvolvimento (X) conclusão () paragrafação (X) coerência, no geral, com o tema dado
	Registro de argumentos do tipo: () causalidade/ sucessão () de autoridade (X) exemplo/ ilustração () paradoxo/ ironia (X) comparação (X) citação

Previsão da microestrutura – Mov. 3:	<p>(X) itens lexicais adequados ao tema/ tese (X) operadores lógicos: 4 (X) referenciação: 2 (X) modalizadores: 3</p> <p>Pontuação: (X) adequada () inadequada () parcialmente</p>
Informante Daniel: Produção analógica (versão final) – Quesitos e qualidade.	
Movimento 1:	<p>(X) propósito comunicativo dado por tese clara (X) relação com o tema/ comando da questão (X) título adequado ao gênero e ao tema</p>
Movimento 2:	<p>(X) parágrafo de introdução (X) parágrafos de desenvolvimento com diferentes argumentos. (X) coerência, no geral, com o tema dado</p> <p>Tipos de argumentos: () causalidade/ sucessão () de autoridade (X) exemplo/ ilustração () paradoxo/ ironia () comparação (X) citação</p> <p>Conclusão: (X) com retomada e reforço da tese e ampliação do questionamento. () não retoma/ não reforça a tese</p>
Movimento 3:	<p>(X) uso de mais de dois operadores lógicos – quantidade: 7 (X) presença de modalizadores: 6 () presença de oralidade (X) sentenças curtas () sentenças longas (X) referenciação por anáforas: 13</p>

	Pontuação: <input checked="" type="checkbox"/> adequada <input type="checkbox"/> inadequada <input type="checkbox"/> parcialmente <input type="checkbox"/> problemas de coesão – quantidade:
--	--

Quadro 7 – Análise, artigo do informante Daniel – Ferramenta analógica

Fonte: Autoria própria.

Informante Daniel: Planejamento digital – Quesitos e qualidade.	
(X) Elaborou () Não elaborou	
Tipo:	<input checked="" type="checkbox"/> seleção de proposições do comando e fichamento original a partir delas
Previsão da superestrutura – Mov. 1:	<input checked="" type="checkbox"/> registro da tese <input type="checkbox"/> registro do título
Previsão da macroestrutura - Mov. 2:	<input checked="" type="checkbox"/> introdução <input checked="" type="checkbox"/> desenvolvimento <input checked="" type="checkbox"/> conclusão <input checked="" type="checkbox"/> paragrafação <input checked="" type="checkbox"/> coerência, no geral, com o tema dado
	Registro de argumentos do tipo: <input checked="" type="checkbox"/> causalidade/ sucessão <input type="checkbox"/> de autoridade <input checked="" type="checkbox"/> exemplo/ ilustração <input type="checkbox"/> paradoxo/ ironia <input type="checkbox"/> comparação <input type="checkbox"/> outro:
Informante Daniel: Produção digital (versão final) – Quesitos e qualidade.	
Movimento 1:	<input checked="" type="checkbox"/> propósito comunicativo dado por tese clara <input type="checkbox"/> não possui () parcialmente <input checked="" type="checkbox"/> título adequado ao gênero e ao tema () não
Movimento 2:	(sem paragrafação) <input checked="" type="checkbox"/> parágrafo de introdução <input checked="" type="checkbox"/> parágrafos de desenvolvimento com diferentes argumentos. <input checked="" type="checkbox"/> coerência, no geral, com o tema dado

	Tipos de argumentos: <input checked="" type="checkbox"/> causalidade/ sucessão <input checked="" type="checkbox"/> de autoridade <input checked="" type="checkbox"/> exemplo/ ilustração <input type="checkbox"/> paradoxo/ ironia <input type="checkbox"/> uso de argumentos dados no comando
	Conclusão: <input checked="" type="checkbox"/> com retomada e reforço da tese <input type="checkbox"/> não retoma/ não reforça a tese
Movimento 3:	<input checked="" type="checkbox"/> uso de mais de dois operadores lógicos <input checked="" type="checkbox"/> presença de modalizadores <input type="checkbox"/> referência por anáfora: 2 <input type="checkbox"/> sentenças muito longas
	Pontuação: <input checked="" type="checkbox"/> adequada <input type="checkbox"/> inadequada <input type="checkbox"/> parcialmente <input type="checkbox"/> problemas de coesão – quantidade:

Quadro 8 – Análise, artigo do informante Daniel – Ferramenta Digital

Fonte: Autoria própria.

Informante Ester: Planejamento analógico – Quesitos e qualidade.	
(X) Elaborou () Não elaborou	
Tipo:	<input checked="" type="checkbox"/> fichamento
Previsão da superestrutura – Mov. 1:	<input checked="" type="checkbox"/> registro da tese <input type="checkbox"/> registro do título
Previsão da macroestrutura – Mov. 2:	<input checked="" type="checkbox"/> introdução <input checked="" type="checkbox"/> desenvolvimento <input checked="" type="checkbox"/> conclusão <input checked="" type="checkbox"/> paragrafação <input checked="" type="checkbox"/> coerência, no geral, com o tema dado

	<p>Registro de argumentos do tipo:</p> <p>(X) causalidade/ sucessão</p> <p>() de autoridade</p> <p>(X) exemplo/ ilustração</p> <p>() paradoxo/ ironia</p> <p>(X) comparação: com o Egito Antigo</p>
Previsão da microestrutura – Mov. 3:	<p>(X) itens lexicais adequados ao tema/ tese</p> <p>() operadores lógicos</p> <p>() referência:</p> <p>() modalizadores:</p> <p>() coesão (pois - com a/o – tudo)</p>
	<p>Pontuação:</p> <p>(X) adequada</p> <p>() inadequada</p> <p>() parcialmente</p>
Informante Ester: Produção analógica (versão final) – Quesitos e qualidade.	
Movimento 1:	<p>(X) propósito comunicativo dado por tese clara</p> <p>(X) relação com o tema/ comando da questão</p> <p>(X) título adequado ao gênero e ao tema</p>
Movimento 2:	<p>(X) parágrafo de introdução</p> <p>(X) parágrafos de desenvolvimento com argumentos variados e fundamentados.</p> <p>(X) coerência, no geral, com o tema dado</p>
	<p>Tipos de argumentos:</p> <p>(X) reflexão sobre causalidade/ sucessão</p> <p>(X) de autoridade</p> <p>(X) exemplo/ ilustração</p> <p>() paradoxo/ ironia</p> <p>(X) comparação</p> <p>() citação</p>
	<p>Conclusão:</p> <p>(X) com retomada e reforço da tese e tentativa de ampliar o questionamento.</p> <p>() não retoma/ não reforça a tese</p>

Movimento 3:	(X) uso de mais de dois operadores lógicos (X) presença de modalizadores (X) presença de termos e expressões previstas no plano e usadas para coesão textual. () presença de oralidade () sentenças longas () curtas (X) referência por anáforas
	Pontuação: (X) adequada () inadequada () parcialmente () problemas de coesão – quantidade:

Quadro 9 – Análise, artigo da informante Ester – Ferramenta analógica

Fonte: Autoria própria.

Informante Ester: Planejamento digital – Quesitos e qualidade. (X) Elaborou () Não elaborou	
Tipo:	(X) destaque de proposições do comando e fichamento com base nelas
Previsão da superestrutura – Mov. 1:	(X) registro da tese () registro do título
Previsão da macroestrutura - Mov. 2:	(X) introdução (X) desenvolvimento () conclusão () paragrafação (X) coerência, no geral, com o tema dado
	Registro de argumentos do tipo: () causalidade/ sucessão () citação de autoridade (X) exemplo/ ilustração () paradoxo/ ironia () comparação () outro:
Informante Ester: Produção digital (versão final) – Quesitos e qualidade.	
Movimento 1:	(X) propósito comunicativo dado por tese clara () não possui () parcialmente

	(X) título adequado ao gênero e ao tema () não
Movimento 2:	(X) parágrafo de introdução (X) parágrafos de desenvolvimento com argumentos bem fundamentados e originais (X) coerência, no geral, com o tema dado
	Tipos de argumentos: (X) causalidade/ sucessão () de autoridade (X) exemplo/ ilustração: () paradoxo/ ironia
	Conclusão: (X) com retomada e reforço parcial da tese () não retoma/ não reforça a tese () retoma/reforça parcialmente a tese
Movimento 3:	(X) uso de mais de dois operadores lógicos (X) presença de modalizadores (X) verbo auxiliar modal (X) referência por anáfora (X) boa coesão
	Pontuação: (X) adequada () inadequada () parcialmente () problemas de ortografia: linha 13

Quadro 10 – Análise, artigo da informante Ester, Ferramenta Digital

Fonte: Autoria própria.

Informante Flávia: Planejamento analógico – Quesitos e qualidade.	
(X) Elaborou () Não elaborou	
Tipo:	(X) fichamento
Previsão da superestrutura – Mov. 1:	(X) registro da tese () registro do título

Previsão da macroestrutura – Mov. 2:	(X) introdução (X) desenvolvimento (X) conclusão () paragrafação (X) coerência, no geral, com o tema dado
	Registro de argumentos do tipo: () causalidade/ sucessão () de autoridade (X) exemplo/ ilustração () paradoxo/ ironia () comparação () citação
Previsão da microestrutura – Mov. 3:	(X) itens lexicais adequados ao tema/ tese () operadores lógicos () referenciação () modalizadores
	Pontuação: (X) adequada () inadequada () parcialmente
Informante Flávia: Produção analógica (versão final) – Quesitos e qualidade.	
Movimento 1:	(X) propósito comunicativo dado por tese clara (X) relação com o tema/ comando da questão (X) título adequado ao gênero e ao tema
Movimento 2:	(X) parágrafo de introdução (X) parágrafos de desenvolvimento com diferentes argumentos. (X) coerência, no geral, com o tema dado
	Tipos de argumentos: () causalidade/ sucessão () de autoridade (X) exemplo/ ilustração () paradoxo/ ironia () comparação (X) citação

	<p>Conclusão:</p> <p>(X) com retomada e reforço da tese e ampliação do questionamento.</p> <p>() não retoma/ não reforça a tese</p>
Movimento 3:	<p>(X) uso de mais de dois operadores lógicos – quantidade: 7</p> <p>(X) presença de modalizadores: 1</p> <p>() presença de oralidade</p> <p>(X) sentenças curtas</p> <p>() sentenças longas</p> <p>(X) referência por anáforas: 10</p>
	<p>Pontuação:</p> <p>(X) adequada</p> <p>() inadequada</p> <p>() parcialmente</p> <p>() problemas de coesão – quantidade:</p>

Quadro 11 – Análise, artigo da informante Flávia – Ferramenta analógica

Fonte: Autoria própria.

Informante Flávia: Planejamento digital – Quesitos e qualidade.	
() Elaborou (X) Não elaborou	
Tipo:	() seleção de proposições do comando e fichamento
Previsão da superestrutura – Mov. 1:	() registro da tese () registro do título
Previsão da macroestrutura - Mov. 2:	() introdução () desenvolvimento () conclusão () paragrafação () coerência, no geral, com o tema dado
	Registro de argumentos do tipo: () causalidade/ sucessão () de autoridade () exemplo/ ilustração () paradoxo/ ironia () comparação () outro:

Informante Flávia: Produção digital (versão final) – Quesitos e qualidade.	
Movimento 1:	<input type="checkbox"/> propósito comunicativo dado por tese clara <input type="checkbox"/> não possui <input checked="" type="checkbox"/> parcialmente <input type="checkbox"/> título adequado ao gênero e ao tema <input checked="" type="checkbox"/> não
Movimento 2:	(Sem paragrafação) <input checked="" type="checkbox"/> parágrafo de introdução <input checked="" type="checkbox"/> parágrafos de desenvolvimento com diferentes argumentos. <input type="checkbox"/> coerência, no geral, com o tema dado
	Tipos de argumentos: <input checked="" type="checkbox"/> causalidade/ sucessão <input type="checkbox"/> de autoridade <input checked="" type="checkbox"/> exemplo/ ilustração: 2 <input type="checkbox"/> paradoxo/ ironia <input type="checkbox"/> Uso de argumentos dados no comando
	Conclusão: <input type="checkbox"/> com retomada e reforço da tese <input type="checkbox"/> não retoma/ não reforça a tese <input checked="" type="checkbox"/> retoma/reforça parcialmente a tese
Movimento 3:	<input checked="" type="checkbox"/> uso de mais de dois operadores lógicos <input checked="" type="checkbox"/> presença de modalizadores <input type="checkbox"/> presença de oralidade <input checked="" type="checkbox"/> referência por anáfora inadequada <input type="checkbox"/> sentenças muito longas
	Pontuação: <input type="checkbox"/> adequada <input type="checkbox"/> inadequada <input checked="" type="checkbox"/> parcialmente <input checked="" type="checkbox"/> problemas de coesão – quantidade:

Quadro 11 – Análise, artigo da informante Flávia – Ferramenta Digital

Fonte: Autoria própria.

Informante Gabi: Planejamento analógico – Quesitos e qualidade.	
(X) Elaborou <input type="checkbox"/> Não elaborou	
Tipo:	<input checked="" type="checkbox"/> ordenação das ideias em parágrafos
Previsão da superestrutura – Mov. 1:	<input checked="" type="checkbox"/> registro da tese

	() registro do título
Previsão da macroestrutura – Mov. 2:	(X) introdução (X) desenvolvimento (X) conclusão (X) paragrafação (X) coerência, no geral, com o tema dado
	Registro de argumentos do tipo: () causalidade/ sucessão () de autoridade (X) exemplo/ ilustração () paradoxo/ ironia (X) comparação: com o Egito Antigo
Previsão da microestrutura – Mov. 3:	(X) itens lexicais adequados ao tema/ tese (X) operadores lógicos () referenciação: () modalizadores: (X) coesão
	Pontuação: (X) adequada () inadequada () parcialmente
Informante Gabi: Produção analógica (versão final) – Quesitos e qualidade.	
Movimento 1:	(X) propósito comunicativo dado por tese clara (X) relação com o tema/ comando da questão (X) título adequado ao gênero e ao tema
Movimento 2:	(X) parágrafo de introdução (X) parágrafos de desenvolvimento com argumentos variados e fundamentados. (X) coerência, no geral, com o tema dado
	Tipos de argumentos: (X) reflexão sobre causalidade/ sucessão (X) de autoridade (X) exemplo/ ilustração (X) metáfora () comparação (X) citação

	<p>Conclusão:</p> <p><input checked="" type="checkbox"/> com retomada e reforço da tese e tentativa de ampliar o questionamento.</p> <p><input type="checkbox"/> não retoma/ não reforça a tese</p>
Movimento 3:	<p><input checked="" type="checkbox"/> uso de mais de dois operadores lógicos</p> <p><input checked="" type="checkbox"/> presença de modalizadores</p> <p><input checked="" type="checkbox"/> presença de termos e expressões previstas no plano e usadas para coesão textual.</p> <p><input type="checkbox"/> presença de oralidade</p> <p><input type="checkbox"/> sentenças longas <input type="checkbox"/> curtas</p> <p><input checked="" type="checkbox"/> referência por anáforas</p>
	<p>Pontuação:</p> <p><input checked="" type="checkbox"/> adequada</p> <p><input type="checkbox"/> inadequada</p> <p><input type="checkbox"/> parcialmente</p> <p><input type="checkbox"/> problemas de coesão – quantidade:</p>

Quadro 13 – Análise, artigo da informante Gabi – Ferramenta analógica

Fonte: Autoria própria.

Informante Gabi: Planejamento digital – Quesitos e qualidade.	
<input type="checkbox"/> Elaborou <input checked="" type="checkbox"/> Não elaborou	
Tipo:	<input type="checkbox"/>
Previsão da superestrutura – Mov. 1:	<input type="checkbox"/> registro da tese <input type="checkbox"/> registro do título
Previsão da macroestrutura - Mov. 2:	<input type="checkbox"/> introdução <input type="checkbox"/> desenvolvimento <input type="checkbox"/> conclusão <input type="checkbox"/> paragrafação <input type="checkbox"/> coerência, no geral, com o tema dado
	Registro de argumentos do tipo: <input type="checkbox"/> causalidade/ sucessão <input type="checkbox"/> de autoridade <input type="checkbox"/> exemplo/ ilustração <input type="checkbox"/> paradoxo/ ironia <input type="checkbox"/> comparação <input type="checkbox"/> outro:

Informante Gabi: Produção digital (versão final) – Quesitos e qualidade.	
Movimento 1:	<input type="checkbox"/> propósito comunicativo dado por tese clara <input type="checkbox"/> Não possui <input checked="" type="checkbox"/> parcialmente <input type="checkbox"/> título adequado ao gênero e ao tema <input checked="" type="checkbox"/> Não
Movimento 2:	(espaçamento da paragrafação inadequado) <input checked="" type="checkbox"/> parágrafo de introdução <input checked="" type="checkbox"/> parágrafos de desenvolvimento com argumentos frágeis, sem embasamento, exceto o argumento de causa/ consequência. <input checked="" type="checkbox"/> comprometimento da coerência, no geral, com o tema dado – generalização
	Tipos de argumentos: <input type="checkbox"/> causalidade/ sucessão <input type="checkbox"/> de autoridade <input type="checkbox"/> exemplo/ ilustração: <input type="checkbox"/> paradoxo/ ironia <input checked="" type="checkbox"/> uso de argumentos sem fundamentação e copiados do texto motivador
	Conclusão: <input checked="" type="checkbox"/> com retomada e reforço parcial da tese <input type="checkbox"/> não retoma/ não reforça a tese <input type="checkbox"/> retoma/reforça parcialmente a tese
Movimento 3:	<input checked="" type="checkbox"/> uso de mais de dois operadores lógicos <input type="checkbox"/> presença de modalizadores <input checked="" type="checkbox"/> referenciação por anáfora <input checked="" type="checkbox"/> problemas de coesão
	Pontuação: <input checked="" type="checkbox"/> adequada <input type="checkbox"/> inadequada <input type="checkbox"/> parcialmente

Quadro 14 – Análise, artigo da informante Gabi, Ferramenta Digital

Fonte: Autoria própria.

Informante Hélio: Planejamento analógico – Quesitos e qualidade.	
(X) Elaborou <input type="checkbox"/> Não elaborou	
Tipo:	<input checked="" type="checkbox"/> esquema

Previsão da superestrutura – Mov. 1:	(X) registro da tese (X) registro do título
Previsão da macroestrutura – Mov. 2:	(X) introdução (X) desenvolvimento (X) conclusão (X) paragrafação (X) coerência, no geral, com o tema dado
	Registro de argumentos do tipo: () causalidade/ sucessão () de autoridade (X) exemplo/ ilustração () paradoxo/ ironia (X) comparação
Previsão da microestrutura – Mov. 3:	(X) itens lexicais adequados ao tema/ tese () operadores lógicos () referenciação: () modalizadores: () coesão (pois – com a/o – tudo)
	Pontuação: () adequada () inadequada () parcialmente
Informante Hélio: Produção analógica (versão final) – Quesitos e qualidade.	
Movimento 1:	(X) propósito comunicativo dado por tese clara (X) relação com o tema/ comando da questão (X) título adequado ao gênero e ao tema
Movimento 2:	(X) parágrafo de introdução (X) parágrafos de desenvolvimento com argumentos variados e fundamentados. (X) coerência, no geral, com o tema dado

	<p>Tipos de argumentos:</p> <p>(X) reflexão sobre causalidade/ sucessão</p> <p>(X) de autoridade</p> <p>(X) exemplo/ ilustração</p> <p>(X) paradoxo/ ironia</p> <p>(X) comparação</p> <p>(X) causa/ consequência</p>
	<p>Conclusão:</p> <p>(X) com retomada e reforço da tese e tentativa de ampliar o questionamento.</p> <p>() não retoma/ não reforça a tese</p>
Movimento 3:	<p>(X) uso de mais de dois operadores lógicos</p> <p>(X) presença de modalizadores</p> <p>(X) presença de termos e enunciados previstos no plano e usadas para coesão textual.</p> <p>() presença de oralidade</p> <p>() sentenças longas () curtas</p> <p>(X) referência por anáforas</p>
	<p>Pontuação:</p> <p>(X) adequada</p> <p>() inadequada</p> <p>() parcialmente</p> <p>() problemas de coesão – quantidade:</p>

Quadro 15 – Análise, artigo do informante Hélio – Ferramenta analógica

Fonte: Autoria própria.

<p>Informante Hélio: Planejamento digital – Quesitos e qualidade.</p> <p>(X) Elaborou () Não elaborou</p>	
Tipo:	<p>(X) não destacou proposições do comando. Fez um fichamento com proposições copiadas do texto motivador, sem criar conceitos a partir delas</p>
Previsão da superestrutura – Mov. 1:	<p>() registro da tese</p> <p>() registro do título</p>

Previsão da macroestrutura - Mov. 2:	() introdução () desenvolvimento () conclusão () paragrafação () coerência, no geral, com o tema dado
	Registro de argumentos do tipo: () causalidade/ sucessão () de autoridade (X) exemplo/ ilustração () paradoxo/ ironia () comparação () outro:
Informante Hélio: Produção digital (versão final) – Quesitos e qualidade.	
Movimento 1:	() propósito comunicativo dado por tese clara () não possui (X) parcialmente (X) título adequado ao gênero e ao tema () não
Movimento 2:	(espaçamento da paragrafação inadequado) (X) parágrafo de introdução (X) parágrafos de desenvolvimento com argumentos frágeis, sem embasamento, exceto o argumento de causa/ consequência. (X) comprometimento da coerência, no geral, com o tema dado – tese sem fundamentos suficientes
	Tipos de argumentos: (X) comparação () exemplo/ ilustração: () paradoxo/ ironia (X) uso de argumentos copiados do texto motivador, citação e autoridade
	Conclusão: (X) com retomada e reforço parcial da tese () não retoma/ não reforça a tese () retoma/ reforça parcialmente a tese

Movimento 3:	(X) uso de mais de dois operadores lógicos () presença de modalizadores (X) redundância excessiva de termos previstos/ transcritos do texto motivador (X) referência por anáfora (X) problemas de coesão
	Pontuação: () adequada () inadequada (X) parcialmente (X) problemas de ortografia

Quadro 16 – Análise, artigo do informante Hélio, Ferramenta Digital

Fonte: Autoria própria.

Informante Janaina: Planejamento analógico – Quesitos e qualidade. (X) Elaborou () Não elaborou	
Tipo:	(X) esquema
Previsão da superestrutura – Mov. 1:	(X) registro da tese (X) registro do título/previsão
Previsão da macroestrutura – Mov. 2:	(X) introdução (X) desenvolvimento (X) conclusão (X) paragrafação (X) coerência, no geral, com o tema dado
	Registro de argumentos do tipo: (X) causalidade/ sucessão (X) citação de autoridade (X) exemplo/ ilustração (X) paradoxo/ ironia () comparação
Previsão da microestrutura – Mov. 3:	(X) itens lexicais adequados ao tema/ tese () operadores lógicos () referência: () modalizadores: () coesão (pois – com a/o – tudo)

	<p>Pontuação:</p> <p>() adequada</p> <p>() inadequada</p> <p>() parcialmente</p>
Informante Janaina: Produção analógica (versão final) – Quesitos e qualidade.	
Movimento 1:	<p>(X) propósito comunicativo dado por tese clara</p> <p>(X) relação com o tema/ comando da questão</p> <p>(X) título adequado ao gênero e ao tema</p>
Movimento 2:	<p>(X) parágrafo de introdução</p> <p>(X) parágrafos de desenvolvimento com argumentos variados e fundamentados.</p> <p>(X) coerência, no geral, com o tema dado</p>
	<p>Tipos de argumentos:</p> <p>(X) reflexão sobre causalidade/ sucessão</p> <p>(X) citação de autoridade</p> <p>(X) exemplo/ ilustração</p> <p>(X) paradoxo/ ironia</p> <p>() comparação</p>
	<p>Conclusão:</p> <p>(X) com retomada e reforço da tese e tentativa de ampliar o questionamento.</p> <p>() não retoma/ não reforça a tese</p>
Movimento 3:	<p>(X) uso de mais de dois operadores lógicos</p> <p>(X) presença de modalizadores</p> <p>(X) presença de termos e expressões previstas no plano e usadas para coesão textual.</p> <p>() presença de verbos na 3ª pessoa do plural</p> <p>() sentenças longas () curtas</p> <p>(X) referência por anáforas</p>
	<p>Pontuação:</p> <p>(X) adequada</p> <p>() inadequada</p> <p>() parcialmente</p> <p>() problemas de coesão – quantidade:</p>

Quadro 17 – Análise, artigo da informante Janaina – Ferramenta analógica

Fonte: Autoria própria.

Informante Janaina: Planejamento digital – Quesitos e qualidade.	
() Elaborou (X) Não elaborou	
Tipo:	() Destaque de proposições do comando e fichamento com base nelas
Previsão da superestrutura – Mov. 1:	() registro da tese () registro do título
Previsão da macroestrutura - Mov. 2:	() introdução () desenvolvimento () conclusão () paragrafação () coerência, no geral, com o tema dado
	Registro de argumentos do tipo: () causalidade/ sucessão () de autoridade () exemplo/ ilustração () paradoxo/ ironia () comparação () outro:
Informante Janaina: Produção digital (versão final) – Quesitos e qualidade.	
Movimento 1:	() propósito comunicativo dado por tese clara () Não possui (X) parcialmente () título adequado ao gênero e ao tema
Movimento 2:	(espaçamento da paragrafação inadequado) (X) parágrafo de introdução (X) parágrafos de desenvolvimento com argumentos frágeis, sem embasamento, exceto o argumento de causa/ consequência. (X) comprometimento da coerência, no geral, com o tema dado – repetição de argumentos dados no texto motivador
	Tipos de argumentos: () causalidade/ sucessão () de autoridade () exemplo/ ilustração: () paradoxo/ ironia

	(X) uso de argumentos sem fundamentação ou repetidos conforme o texto motivador
	Conclusão: () com retomada e reforço parcial da tese () não retoma/ não reforça a tese (X) retoma/reforça parcialmente a tese
Movimento 3:	(X) uso de mais de dois operadores lógicos () presença de modalizadores (X) presença de verbos na terceira pessoa do plural (X) referência por anáfora (X) problemas de coesão
	Pontuação: () adequada () inadequada (X) parcialmente

Quadro 18 – Análise, artigo da informante Janaina, Ferramenta Digital

Fonte: Autoria própria.

Informante Camila: Planejamento analógico – Quesitos e qualidade.	
() Elaborou (X) Elaborou parcialmente	
Tipo:	(X) anotação da tese em forma de proposição
Previsão da superestrutura – Mov. 1:	() registro da tese () registro do título
Previsão da macroestrutura – Mov. 2:	(X) introdução (X) desenvolvimento (X) conclusão () paragrafação (X) coerência, no geral, com o tema dado

	<p>Registro de argumentos do tipo:</p> <p>(X) causalidade/ sucessão</p> <p>() de autoridade</p> <p>(X) exemplo/ ilustração</p> <p>() paradoxo/ ironia</p> <p>() comparação</p>
Previsão da microestrutura – Mov. 3:	<p>(X) itens lexicais adequados ao tema/ tese</p> <p>() operadores lógicos</p> <p>() referenciação:</p> <p>() modalizadores:</p> <p>() coesão (pois – com a/o – tudo)</p>
	<p>Pontuação:</p> <p>() adequada</p> <p>() inadequada</p> <p>() parcialmente</p>
Informante Camila: Produção analógica (versão final) – Quesitos e qualidade.	
Movimento 1:	<p>(X) propósito comunicativo dado por tese clara</p> <p>(X) relação com o tema/ comando da questão</p> <p>() título adequado ao gênero e ao tema</p>
Movimento 2:	<p>(X) parágrafo de introdução</p> <p>(X) parágrafos de desenvolvimento com argumentos variados e fundamentados.</p> <p>(X) coerência, no geral, com o tema dado</p>
	<p>Tipos de argumentos:</p> <p>(X) reflexão sobre causalidade/ sucessão</p> <p>() citação de autoridade</p> <p>(X) exemplo/ ilustração</p> <p>() paradoxo/ ironia</p> <p>(X) comparação</p>
	<p>Conclusão:</p> <p>(X) com retomada e reforço da tese e tentativa de ampliar o questionamento.</p> <p>() não retoma/ não reforça a tese</p>

Movimento 3:	(X) Uso de mais de dois operadores lógicos () presença de modalizadores (X) presença de termos e expressões previstas no plano e usadas para coesão textual. () presença de oralidade () verbos em 1ª e 3ª pessoa (X) referência por anáforas
	Pontuação: (X) adequada () inadequada () parcialmente () problemas de coesão – quantidade:

Quadro 19 – Análise, artigo da informante Camila – Ferramenta analógica

Fonte: Autoria própria.

Informante Camila: Planejamento digital – Quesitos e qualidade. () Elaborou (X) Não elaborou	
Tipo:	() destaque de proposições do comando e fichamento com base nelas
Previsão da superestrutura – Mov. 1:	() registro da tese () registro do título
Previsão da macroestrutura - Mov. 2:	() introdução () desenvolvimento () conclusão () paragrafação () coerência, no geral, com o tema dado
	Registro de argumentos do tipo: () causalidade/ sucessão () de autoridade () exemplo/ ilustração () paradoxo/ ironia () comparação () outro:
Informante 10: Produção digital (versão final) – Quesitos e qualidade.	
Movimento 1:	() propósito comunicativo dado por tese clara () não possui (X) parcialmente

	() título adequado ao gênero e ao tema (X) não
Movimento 2:	(X) parágrafo de introdução (X) parágrafos de desenvolvimento com argumentos frágeis, sem embasamento e copiados do comando da produção. (X) comprometimento da coerência, no geral, com o tema dado – tese sem fundamentos suficientes e pautada no texto motivador
	Tipos de argumentos: (X) causalidade/ sucessão () de autoridade () exemplo/ ilustração: () paradoxo/ ironia (X) uso de argumentos sem fundamentação
	Conclusão: () com retomada e reforço parcial da tese () não retoma/ não reforça a tese (X) retoma/reforça parcialmente a tese
Movimento 3:	(X) uso de mais de dois operadores lógicos () presença de modalizadores (X) verbo auxiliar modal: 1, não deveria (X) presença de termos excessivamente formais (X) referência por anáfora inadequada, sem referente (X) problemas de coesão
	Pontuação: () adequada () inadequada (X) parcialmente

Quadro 20 – Análise, artigo da informante Camila, Ferramenta Digital

Fonte: Autoria própria.